

# NGANGA

10 - Dezembro 2023





# Expediente

**Arte de capa:**

Lupe Vasconcelos

**Direção:**

Tata Nganga Kamuxinzela

Tata Nganga Zelawapanzu

**Diagramação:**

Everton Martins

**Artes Internas:**

Lupe Vasconcelos

**Fotos:**

Tata Nganga Kamuxinzela e Tata Nganga Zelawapanzu

**Revisão:**

Danyo Nascimento



# Sumário

Editorial .....	4
Quimbanda: A Goécia Tradicional Brasileira .....	14
A Catábise na Quimbanda Nàgô .....	39
Dos Processos Iniciáticos na Quimbanda.....	44
Falando de Quimbanda Nàgô: No. 1 – O Desafio .....	48
Da Macumba à Quimbanda Nàgô .....	51
O Livro de São Cipriano & a Quimbanda .....	58
Os donos da religião .....	60
Quem define a quimbanda? .....	64
Falando de Quimbanda Nàgô: No. 2 – Quimbanda como Sistema Religioso.....	67

# Editorial

Chegamos na Edição No. 10 da *Revista Nganga*, a revista da *feiticeira tradicional brasileira*,<sup>[1]</sup> encerrando seu Primeiro Volume. Nós iniciamos este volume com a primeira edição em dezembro de 2021; dois anos depois, em dezembro de 2023, nós finalizamos o Primeiro Volume com uma edição chave de ouro, com ensaios de Táta Kilumbu, Táta Kamuxinzela e Táta Zelawapanzu. Os nossos esforços estão sendo dirigidos para construção da tradição literária da Quimbanda Nàgô; mas muito mais que isso, nos preocupamos em falar de uma macumba antiga, como se diz, de raiz e pé no chão, uma macumba com dendê. A Quimbanda Nàgô é a filha mais bem sucedida da antiga Macumba carioca, porque ela recebeu, preservou, protegeu e aperfeiçoou a corrente mágica desenvolvida pela Macumba carioca, como demonstra Táta Kilumbu no artigo *Da Macumba a Quimbanda Nàgô*, nesta edição. Este tema nós desenvolvemos profundamente nas edições anteriores, onde os leitores encontrarão ensaios também sobre a teologia, demonologia, demonolatria, metafísica, cosmogênese, antropogênese, soteriologia e escatologia da Quimbanda. O que segue é uma apresentação de cada um dos ensaios publicados nessa edição.

## ***Quimbanda: A Goécia Tradicional Brasileira – Táta Kamuxinzela***

A partir da década de 1950, a Quimbanda que nascia como um sistema de feiticeira desassociado da Umbanda – sendo o *efeito colateral* da busca da Umbanda por legitimidade social<sup>[2]</sup> –, foi conectado diretamente a corrente mágica demoníaca do GRIMORIUM VERUM,<sup>[3]</sup> um livro de feiticeira diabólica franco-italiana do Séc. XVIII. Aluízio Fontenelle (1913-1952) associou os Exus mais conhecidos na época aos demônios (leia-se espíritos) do GRIMORIUM VERUM. O autor não fazia ideia, mas ele

[1] Termo cunhado por Táta Kamuxinzela para descrever a natureza da prática magística da Quimbanda, em 2019. Ele já aparece nesse período nos artigos do antigo site *Filosofia Oculta*, e posteriormente em 2021 na página inicial do site [www.quimbandanago.com](http://www.quimbandanago.com). Em 2023 mudamos para *Necromancia Tradicional Brasileira*. O uso de ambos os termos no Brasil está associado ao trabalho de nossa banda.

[2] Para contextualização veja o artigo *A Morte do Feiticeiro Branco na Quimbanda*, de Táta Kamuxinzela. *Revista Nganga* No. 8.

[3] Como fica claro no ensaio, a corrente mágica que alimenta o GRIMORIUM VERUM também alimenta a Quimbanda. Foi por isso que a associação da Quimbanda com os espíritos do GRIMORIUM VERUM se deu de forma natural. Para informações mais profundas, veja o livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA* (Clube de Autores, 2023), de Táta Kamuzinzela.

## **TERMINOLOGIA USADA DENTRO DA REVISTA NGANGA E DAS FAMÍLIAS DE QUIMBANDA COVA DE CIPRIANO FEITICEIRO E COVA DE TIRIRI**

- ***Quimbanda Nàgô*** = Quimbanda do Ramo Tradicional com regência de Exu Gererê
- ***Quimbanda Mussurumim*** = Quimbanda do Ramo Tradicional com regência de Exu Rei Kaminaloa
- ***Quimbanda Malê*** = Quimbanda do Ramo Tradicional com regência de Exu Rei das 7 Encruzilhadas
- ***Kimbanda*** = Termo usado para designar o feiticeiro ou iniciado em Quimbanda
- ***Nganga*** = Termo usado para designar o sacerdote de Quimbanda. Nganga pode também indicar um fundamento, dependendo do contexto
- ***Tata e Mameto*** = Termos usados para designar os mestres de Quimbanda
- Usamos a grafia ***Yorùbá*** para nos referir à língua e à cultura do povo das regiões que hoje compreendem a Nigéria, Benin e Togo.
- Usamos a grafia ***Òrìṣà*** ao nos referir às divindades dos cultos tradicionais de Orixás dos Yorùbá.

daria o pontapé inicial ao que ficou posteriormente conhecido como *a nova síntese da magia*. Este tema, *a nova síntese da magia*, é tratado na Seção II deste ensaio. Nessa resenha vou apresentar sucintamente o contexto histórico das duas primeiras sínteses da magia no Ocidente, preparando o leitor para o que encontrará no artigo que abre essa edição.

A primeira grande síntese da magia no Ocidente ocorreu no período helênico, a partir das conquistas de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), que unificou muitas culturas através da língua grega, universalizando não apenas os deuses gregos, mas também os deuses de outras nações conquistadas. Até aquele período os cultos aos deuses eram limitados as fronteiras das cidades ou países; somente cidadãos gregos, por exemplo, podiam ser iniciados e possuir cargos sacerdotais na religião grega tradicional. A partir do período helênico isso muda radicalmente e os deuses ganham reverência além das fronteiras de seus países de origem. No fim da Antiguidade o culto egípcio a Ísis era celebrado em um templo dedicado a deusa em Roma. A confluência cultural do período helênico produziu a primeira grande síntese da magia, que se materializou na profunda miscigenação religiosa dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS,<sup>[4]</sup> genitores dos grimórios salomônicos posteriores. Sobre os *papiros*, Frater Abstru introduz:

Eles não são um grimório, como entendemos o termo, no sentido de uma obra unificada, mas uma coletânea reunida ao longo dos anos, de autoria anônima e coletiva. Sua origem é greco-egípcia, ou seja, a autoria é compreendida como sendo de magos/sacerdotes egípcios, mas os textos estão em grego (ocasionalmente em copta, demótico, etc.) e tudo mergulhado no caldo cultural do helenismo — ou seja, é aquele egípcio que, contrariando o imaginário comum estereotipado, já não é mais, há milênios, o egípcio da era da construção das pirâmides. Como se sabe, o período helenístico começa com a conquista de toda a faixa de território que vai do Egito até a Índia por Alexandre, o Grande, e sua morte, em 323 a.C., que resultou na partição desse território entre seus generais. Assim, diversas culturas que já tinham algum contato, como a grega, a egípcia, a levantina (incluindo Israel e as várias sociedades cananeias), mesopotâmica e persa, passam a ter esse contato intensificado. É nesse período que o grego *koiné* se estabelece como língua franca na região, promovendo as trocas que produziram a literatura esotérica alucinadíssima da viradinha da era cristã. O material mágico contemplado pelos PGM<sup>[5]</sup> vai até o século IV d.C. e acredita-se que represente uma fração da literatura oculta da Antiguidade, a maior parte da qual não sobreviveu — como se lê na introdução da coletânea dos PGM, o governo romano (e, mais tarde, cristão) tinha horror ao assunto, e

Suetônio afirma que Augusto queimou 2000 livros de magia no ano 13 a.C.<sup>[6]</sup>

Com o triunfo do cristianismo sobre o paganismo na Antiguidade, nascia a *cristandade*, i.e. a expansão do cristianismo a todos os povos. A hegemonia cultural e religiosa do cristianismo na região do Mediterrâneo e a fragmentação do Império Romano, causou o escoamento da sabedoria mágica contida nestes papiros gregos, os arcanos ocultos da primeira síntese da magia, para o Império Bizantino. Sobre o assunto Stephen Skinner diz:

Roma perdeu o Egito de volta para os gregos quatro anos após a destruição do Serapeum, mas desta vez para os gregos cristãos, não para os pagãos. O terrível assassinato de Hypatia, a última chefe da Academia Platônica em Alexandria, nas mãos dos cristãos em 415 d.C., ajudou a selar o destino do paganismo e dos clássicos modos de pensar gregos em Alexandria. Finalmente, a perda do Egito para o Islã em 636 d.C. resultou na migração (que havia começado alguns anos antes) de gregos (com sua cultura, práticas mágicas e manuscritos) para Constantinopla ao Norte, a capital do Império Bizantino.<sup>[7]</sup>

O escoamento da cultura grega de Alexandria no Egito para Constantinopla, a capital do império ortodoxo oriental ao Norte, propiciou uma profunda mudança na cosmovisão mágica dos gregos, que deixaram de ser pagãos para se tornarem cristãos. Na conquista de Alexandria em 636 d.C., os mulçumanos ceifaram as raízes mágico-ancestrais gregas da magia ocidental, que a partir dali tomara contornos cristãos definitivamente. As práticas mágico-religiosas gregas como àquelas dos papiros mágicos, ganharam contornos judaicos e cristãos muito mais profundos, organizando-se no que ficou conhecido a partir desse período como *Solomōnikē*, i.e. a *magia salomônica*. O primeiro manuscrito dessa síntese grega judaico-cristã da magia foi o HYGROMANTEIA, O TRATADO MÁGICO DE SALOMÃO. Stephen Skinner diz:

O imperador Heráclio (575-641) estava ansioso para promover o aprendizado grego clássico e, como Rodolfo II da Boêmia, atuou como patrono de magos, astrólogos e alquimistas. O patrocínio de Heráclio a tais assuntos foi confirmado por seu convite em 617 d.C. a Estêvão de Alexandria, para vir a Constantinopla e ensinar os assuntos que compõem o *quadrivium*. Stephanos (c. 581-641 d.C.) foi um filósofo e cientista neoplatonista, provavelmente nascido em Atenas, mas residindo por grande parte de sua vida em Alexandria. Ele se tornou o astrólogo e conselheiro de Heráclio em assuntos mágicos. [...]

[4] Uma introdução aos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e sua relação com a feitiçaria brasileira pode ser encontrada no artigo *Os Papiros Mágicos Gregos & a Macumba Brasileira*, por Táta Kamuxinzela. Suplemento de Estudo 1 da Revista Nganga. Disponível em [www.quimbandanago.com](http://www.quimbandanago.com).

[5] N.T. i.e. PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

[6] Frater Abstru. *Hermetismo, sincretismo e outros -ismos: o que você precisa saber sobre os Papiros Mágicos Gregos*. Disponível on-line em: <https://ozigurate.com.br/2020/08/27/hermetismo-sincretismo-e-outros-ismos-o-que-voce-precisa-saber-sobre-os-papiros-magicos-gregos/>.

[7] Stephen Skynner. *Techniques of Salomonic Magic*. Golden Hoard Press, 2017, pp. 32.

Estêvão é importante para a transmissão da magia Salomônica de Alexandria a Constantinopla.<sup>[8]</sup>

Inúmeros fatores iriam levar a reintrodução deste conhecimento mágico na Grécia e na Itália, onde floresceu o Renascimento, o combustível para a segunda síntese da magia nas mãos habilidosas de Cornélio Agrippa (1486-1535). As Cruzadas que ocorreram entre 1096 e 1272 produziram um intenso intercâmbio cultural entre árabes e europeus. É por meio desse intercâmbio cultural que os primeiros manuscritos gregos de magia são reintroduzidos no mundo latino através dos árabes. Iniciam-se as primeiras traduções latinas desses manuscritos nas áreas da magia, da astrologia e da alquimia, que na síntese promovida por Cornélio Agrippa conquistaram o título de ciências ocultas.<sup>[9]</sup> De grande importância no período foi o florescer da cabalá judaica que influenciou profundamente o imaginário cultural das inúmeras sociedades secretas que começavam a se proliferar. Mas o início dessa reintrodução foi a migração ocorrida em virtude da incursão militar de Mehemet II (1432-1481) contra Constantinopla em 1453. Em seguida todo o Império Bizantino veio à bancarrota em 1453, no que resultou numa transferência total da cultura e magia dos gregos para Itália, onde já haviam bizantinos instalados. Stephen Skinner diz:

Na Itália, o HYGROMANTEIA foi logo traduzido para o latim para se tornar a CLAVICULA SALOMONIS e outros grimórios salomônicos latinos. Uma vez disponíveis no mundo latino, esses grimórios migraram rapidamente para o norte da Itália e para o resto da Europa, especialmente França, Alemanha e Inglaterra.<sup>[10]</sup>

O Renascimento proporcionou o ambiente mágico-intelectual adequado para que uma gama distinta de pensadores empreendesse esforços na tarefa de construir uma segunda síntese da magia, unindo a especulação filosófica pagã da Antiguidade, a recém descoberta cabalá judaica e a cosmovisão cristã. Isso criou o *corpo referencial básico do esoterismo ocidental*, segundo Wouter J Hanegraaff, que diz:

Esse fenômeno de inovação intelectual foi essencialmente um efeito colateral das conquistas militares e das mudanças geopolíticas envolvendo as três «religiões do livro»<sup>[11]</sup> e, especialmente, o equilíbrio em mudança de poder entre o Cristianismo e o Islã. Vimos que a conquista cristã da Penín-

sula Ibérica, com a queda de Toledo em 1085 como evento pivotal, levou a uma inundação de traduções de fontes árabes que revolucionaram as ciências naturais no ocidente latino. Cinco séculos depois, os exércitos do Império Otomano estavam avançando do Leste, culminando na conquista de Constantinopla em 1453. Em resposta à expansão política do Islã, um grande número de manuscritos gregos antigos foi trazido de Bizâncio para a Itália. E na Península Ibérica, os monarcas católicos Isabella I de Castela e Ferdinand II de Aragão seguiram uma política antijudaica virulenta culminando na expulsão dos judeus da Espanha em 1492. Como resultado dessa pressão, muitos cabalistas espanhóis chegaram à Itália nas últimas décadas do século XV. Em resumo, o fenômeno do esoterismo renascentista resultou da disposição de intelectuais cristãos em aprender de todos esses corpos de conhecimento pagão e judaico recém-disponíveis e integrar seus conteúdos em um quadro teológico e filosófico essencialmente católico romano.<sup>[12]</sup>

Gradualmente, pensadores renascentistas foram construindo os alicerces que pavimentaram a síntese mágica de Agrippa. O primeiro deles foi George Gemistos (1355-1452), filósofo bizantino que se autodenominou Plethon, e que era uma encarnação viva do que hoje conhecemos como *orientalismo platônico*,<sup>[13]</sup> impressionando muitos humanistas pelo seu profundo conhecimento de Platão e Aristóteles. Ele defendia que a teurgia hermética de Jâmblico e a cosmovisão dos ORÁCULOS CALDEUS eram exemplos de uma religião de tipo superior na Antiguidade. Muitas de suas missivas, no entanto, se mostraram equivocadas no futuro, como atribuir a Zoroastro a autoria dos ORÁCULOS CALDEUS. Mesmo assim, a partir dele iniciou-se uma longa história de fascinação ocidental por Zoroastro, o chefe dos magos e exemplo *par excellence* da suprema autoridade da magia. É quando entra em cena Marsilio Ficino (1433-1499), que segundo Wouter J Hanegraaff:

Cujos talentos foram descobertos por volta de 1460 pelo governante de Florença, Cosimo de' Medici. Cosimo havia conhecido Plethon durante o tempo do Concílio e ficou impressionado com sua defesa de Platão. Um manuscrito com os diálogos completos de Platão havia chegado de Bizâncio nesse meio tempo, e Ficino recebeu a ordem de traduzi-los para o latim. A tarefa foi concluída em 1468, e Ficino passou a resumir a essência da filosofia de Platão em um comentário sobre o SIMPÓSIO intitulado *De Amore*, apresentando-o como eminentemente compatível com a verdade cristã. Com essas e outras obras seminais, Ficino estabeleceu as bases para um amplo reavivamento do platonismo no Renascimento – ou mais precisamente, do *Orientalismo Platônico*. Durante o restante de sua carreira, ele também traduziu uma ampla gama de autores

[8] Ibidem, pp. 33.

[9] De Táta Kamuxinzela veja o artigo A Quimbanda & o Ocultismo Moderno.

[10] Ibidem.

[11] N.T. i.e. as três *Religiões Reveladas* através de um Livro Sagrado: judaísmo, cristianismo e islamismo.

[12] Wouter J. Hanegraaff. WESTWES ESOTERICISM: A GUIDE FOR THE PERPLEXED. Bloomsbury, 2021, pp. 25.

[13] O termo deriva da ideia de que o platonismo não é produto do pensamento racional grego, mas fundamentado em culturas arcaicas de sabedoria religiosa como os egípcios, persas e hebreus. Veja Wouter J. Hanegraaff. ESOTERICISM AND THE ACADEMY. Cambridge, 2013, pp. 12.

platônicos posteriores e publicou estudos profundos nos quais o platonismo era apresentado como a chave para o renascimento e a renovação cristãs. Desde cedo, durante as fases iniciais de sua tradução de Platão, ele também traduziu o CORPUS HERMETICUM, a partir de um manuscrito incompleto que continha seus primeiros 14 tratados. Foi publicado em 1471, de modo que os contemporâneos agora tinham acesso direto ao que se acreditava ser o trabalho do mais antigo mestre egípcio de sabedoria, Hermes Trismegisto. Ficino acreditava que o persa Zoroastro, com seus ORÁCULOS CALDEUS, era ainda mais antigo e, portanto, de maior autoridade; mas em seu trabalho posterior, especialmente em seu influente *De Vita Coelitus Comparanda*, ele destacou Hermes como um mestre de magia astral que poderia ser usado para os benevolentes objetivos de cura médica e psicológica.<sup>[14]</sup>

Outros nomes foram importantes na pavimentação das ideias renascentistas que levaram a síntese de Agrippa: Lodovico Lazzarelli (1447–1500), Agostino Steuco (1497–1548), Giovanni Pico della Mirandola (1463–94) e o alemão Johannes Reuchlin (1455–1522), o mais eminente cabalista cristão depois de Pico della Mirandola. No entanto, a mais impressionante e influente tentativa de integrar tanto as tradições filosóficas quanto científicas da Antiguidade dentro de um abrangente sistema mágico-cabalista cristão foi a obra de Cornelio Agrippa de 1533: TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA.<sup>[15]</sup> Esta obra foi por muito tempo considerada apenas como um compêndio ou *summa* de todas as tradições disponíveis do aprendizado antigo até aquele período, e tem tido suas informações pilhadas desde então, mas ela era muito mais do que isso. Os TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA de Agrippa tratam dos três mundos ou domínios da realidade de acordo com o sistema aristotélico e ptolemaico vigente, que descrevia o cosmos como uma esfera gigantesca: nosso mundo estava localizado em seu centro com a lua e os outros planetas orbitando ao redor dele, e as estrelas (incluindo, é claro, as constelações astrológicas) estavam fixadas na superfície interior da esfera. O primeiro livro de Agrippa trata de tudo relacionado ao nosso mundo sublunar, constituído pelos quatro elementos; o segundo livro é sobre as realidades mais abstratas relacionadas ao reino intermediário das esferas planetárias, entre a lua e as estrelas fixas; e finalmente, o terceiro livro discute as realidades angelicais e divinas fora do globo cósmico. Este último livro é dominado inteiramente pela cabala cristã. Fortemente influenciado pelo hermetismo de Lazzarelli, sua intenção era sintetizar um caminho de ascensão mística que leva desde o mundo da matéria até a unificação com o intelecto divino. Em sua juventude, Agrippa foi fortemen-

te influenciado pelo Abade Johannes Trithemius (1462–1516), o pioneiro renascentista da criptografia, demonologia e magia angelical; e embora o próprio trabalho de Agrippa fosse um tratado teórico ao invés de um manual prático, ele tornou-se uma inspiração para praticantes ocultistas que trabalhavam em linhas semelhantes.

Como demonstrei no primeiro volume do DAEMONIUM, a síntese da magia promulgada por Agrippa, que ficou conhecida como *filosofia oculta*, nome que ele escolheu para não utilizar o termo *magia*, se afastou da linguagem demonológica dos grimórios salomônicos e dos métodos religiosos pagãos considerados demoníacos, promovendo uma salubridade na magia, tornando-a palatável a cosmologia e ortodoxia político-cristã da época. Mas os acontecimentos dos próximos séculos iriam mudar radicalmente o cenário, causando o *desencantamento* dos modos de pensar mágicos, que ganhariam contornos cientificistas-positivistas. Com a Reforma Protestante, a Revolução Francesa e o Iluminismo, houve a separação entre o Estado e a Igreja, deslegitimando o poder eclesiástico sobre a vida secular. Inaugurava-se a era do cientificismo moderno, que impactou todas as camadas da cultura ocidental. É quando nasce também o Ocultismo moderno. Wouter J Hanegraaff diz:

O «ocultismo moderno» é caracterizado por tentativas complexas e multifacetadas de lidar com a ciência moderna e a racionalidade do Iluminismo, combinando uma resistência profunda ao «desencantamento do mundo» com uma atração igualmente forte pelos modelos científicos modernos. Conforme europeus e americanos adentravam o século XIX, ninguém poderia negar que a sociedade estava se movendo com velocidade crescente em direções novas, e assim a questão se tornou relevante sobre se o «progresso» significava uma ruptura radical com a «tradição» ou, ao invés disso, implicava numa transformação que permitia que verdades antigas fossem percebidas sob uma nova luz.

Não é coincidência, então, que as duas forças mais influentes de inovação no esoterismo ocidental durante o século XIX tiveram suas origens no trabalho de cientistas do Iluminismo. O naturalista sueco Emanuel Swedenborg (1688–1772) [...] produziu uma impressionante obra nas ciências físicas e orgânicas. Treinado na filosofia cartesiana de sua época, com sua estrita separação entre matéria e espírito, ele passou por uma profunda crise religiosa em 1744: forçado a admitir para si mesmo que suas explorações científicas o levaram ao «abismo» do materialismo puro, ele orou a Deus por ajuda e teve uma visão de Cristo. [...] A segunda grande inovação veio de um médico alemão, Franz Anton Mesmer (1734–1815), que inventou uma teoria e prática de cura conhecida como *Magnetismo Animal*, mais tarde também conhecido como *Mesmerismo*. Mesmer afirmava que um «fluido» invisível permeava todos os corpos orgânicos, e todas as doenças eram causadas por distúrbios ou bloqueios no fluxo dessa força vital universal. Ao fazer «passes» sobre o corpo do paciente, a circulação normal de energia poderia ser restaurada, e a transição resultante

[14] Ibidem, pp. 26.

[15] Publicado no Brasil em 2009 pela Editora Madras.

para a saúde e normalidade era tipicamente marcada por uma «crise» curta, mas violenta, na qual o paciente fazia movimentos e sons incontroláveis. Um dos muitos seguidores de Mesmer, o Marquês de Puységur, descobriu que o tratamento mesmeriano poderia induzir a uma estranha condição de transe semelhante ao sono, na qual muitos pacientes exibiam habilidades «paranormais» notáveis e entravam em estados visionários nos quais afirmavam comunicar-se com seres espirituais em outros níveis de realidade.<sup>[16]</sup>

Um dos movimentos derivados do mesmerismo e que nos interessa nessa resenha é o espiritismo de Allan Kardec (1804–1869). O transe proporcionado pelas técnicas do mesmerismo virou moda na América e Europa dentro das reuniões espíritas, tornando possível para qualquer cidadão satisfazer sua curiosidade sobre o mundo dos espíritos. Aliado a isso, as preocupações com o destino da alma não precisavam mais da mediação da Igreja, e os espíritos dos mortos ganharam a oportunidade de evoluírem para mudar suas condições no pós-vida. Allan Kardec, cujo trabalho se tornou importante no Brasil, desenvolveu uma teologia e cosmologia completas sobre bases espíritas, construindo um grande corpo de conhecimento. Seus métodos influenciaram profundamente a criação da parapsicologia e outras ciências modernas. Frisvold diz:

O espiritismo chegou ao Brasil em 1863, trazido por homeopatas e médicos de origem francesa. Esses médicos e curandeiros se estabeleceram em áreas urbanizadas predominantemente no sul e leste do Brasil e através de seu trabalho o espiritismo se tornou um sucesso imediato. O antropólogo Roger Bastide sugere que o espiritismo veio como resposta a uma necessidade espiritual geral de salvação [...]. Por um lado, o espiritismo atraiu pessoas que se sentiam desenraizadas e perdidas no mundo; o espiritismo era, como tal, uma maneira de retornar a um estado de ser enraizado pela comunhão com os ancestrais. Por outro lado [o espiritismo atendia] pessoas cientificamente inclinadas da classe média e alta que tinham um interesse geral no campo da parapsicologia e do mistério.

[...] A prática espírita é de um pedigree muito mais arcano do que a própria doutrina ditaria. A doutrina espírita deve muito à teosofia moderna, ou melhor, foi influenciada por um *zeitgeist* semelhante, e assumiu uma tonalidade teosófica. A doutrina exibe uma orientação pseudocristã semelhante à que encontramos na Sociedade Teosófica de H.P. Blavatsky. Essencial para o espiritismo é a dupla lei da metempsicose e do carma. Isso significa que a condição humana é um estado de sofrimento, miséria, perda e purificação. Tudo isso está aqui para moderar o homem para se tornar «espíritos imperfeitos de luz que devem perecer se desejam galgar o plano astral depois da morte», nas palavras de Roger Bastide.

Allan Kardec, o fundador do Espiritismo, ao descrever a doutrina destaca entre vários pontos o seguinte:

1. Existem espíritos, todos feitos simples e ignorantes, mas possuem o poder de gradualmente melhorar a si mesmos.
2. O método natural para este aperfeiçoamento é a reencarnação, através da qual o espírito enfrentará incontáveis situações diferentes, problemas e obstáculos, e terá de aprender a como lidar com eles.
3. Como parte da Natureza, os espíritos podem naturalmente se comunicar com os vivos, assim como interferir nas suas vidas.<sup>[17]</sup>

O espiritismo francês chegou ao Brasil no fim do Séc. XIX. Naquele período – o mesmo em que houve a formação da Macumba carioca – a França era o centro cultural do mundo e o Brasil recebeu grande influência do *Ocultismo* de direita<sup>[18]</sup> francês, o que impactou diretamente a Macumba, que como demonstrei na *Revista Nganga* No. 8, manteve confluência com maçons, ocultistas e espíritas. Nesse mesmo período ocorreu o moderno renascer da magia,<sup>[19]</sup> movimento iniciado pela escola inglesa da magia, que produzia o que hoje se conhece como *ocultismo de esquerda*. Todas as tradições antigas, medievais e renascentistas foram redescobertas e reconceituadas por inúmeros grupos de ocultistas ingleses profundamente influenciados pela espiritualidade maçônico-iluminista e pela ciência positivista. Wouter J Hanegraff completa:

Em contraste com a França do século XIX, o mundo anglófono foi caracterizado antes por um «ocultismo de esquerda», fortemente em dívida com tradições mitográficas anticristãs baseadas no trabalho dos libertinos do Iluminismo que argumentavam que a religião teve sua origem não na revelação divina, mas em uma «religião natural» de adoração solar e fálica. A «tradição oculta» veio a ser percebida como uma sabedoria antiga e superior baseada em princípios pagãos, tradições opostas ao exclusivismo e ao dogmatismo do cristianismo estabelecido. Antigos médiuns espíritas como Emma Hardinge Britten (1823 a 1899) e Helena P. Blavatsky (1831 a 1891) ficaram desiludidos com o que consideravam a superficialidade do espiritismo, encontrando inspiração em todos os principais aspectos «herméticos», tradições «ocultas» e relacionadas a Swedenborg. Na sua opinião, a «ciência oculta» universal dos antigos, tanto do Oriente como do Ocidente,

[17] Nicholaj de Mattos Frisvold. *The Paladins of Earth and Fire*. Publicado em *Conjure Codex* No. 1, 2011, pp. 16-32.

[18] O *ocultismo de direita* era predominante na França e foi fortemente influenciado pelo catolicismo romano: era praticado por inúmeros abades, reais ou pretensos, que tentavam chegar em um entendimento com o legado da Revolução e seu assalto sensacionalmente bem-sucedido à autoridade tradicional da Igreja. Politicamente, suas abordagens variavam de profundamente conservadoras a progressistas, mas todos compartilhavam uma nostalgia obsessiva pela unidade perdida de uma tradição universal que se expressava por meio de simbolismo espiritual. Entre as figuras mais importantes, representando gerações sucessivas no *Ocultismo* francês, está Eliphas Levi, cujas obras sobre magia e cabalá foram altamente influentes no renascer da magia.

[19] *Magical revival*, que se iniciou em 1875. Esse ano é simbólico: a morte de Eliphas Levi (1810–1875), a inauguração da Sociedade Teosófica, e o nascimento de Aleister Crowley (1875–1947), o mais proeminente defensor e difusor do renascer da magia com o seu *iluminismo cistífico*.

[16] Wouter J. Hanegraaff. *WESTWYER ESOTERICISM: A GUIDE FOR THE PERPLEXED*. Bloomsbury, 2021, pp. 37-8.

deveria ser revivida contra o estreito materialismo da ciência positivista. [...] Blavatsky apresentou a «ciência oculta» como o tema central, tradição antiga e universal de conhecimento e sabedoria superior, que deveria ser revivida no mundo moderno, como uma alternativa ao cristianismo tradicional e à ciência positivista. Em 1875 ela cofundou a Sociedade Teosófica, que se tornou a mais influente organização ocultista pelo menos até a década de 1930.<sup>[20]</sup>

Este *Ocultismo* de esquerda promovido pela escola inglesa da magia não teve nenhum impacto na formação dos núcleos de Macumba. Como demonstrei no livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*, a influência desse *Ocultismo* de esquerda só chegaria na cultura da Quimbanda com o advento da *Quimbanda Luciferiana* em 2010. E muito embora Blavatsky tenha tido influência profunda no renascer da magia, o *Ocultismo* que se desenvolveu a partir daí foi completamente novo, inclusive a própria ideia de magia. Eles alegaram que a magia possui raízes antigas, mas sua utilização foi baseada em conceitos e interpretações científicistas modernos. Um dos pioneiros deste novo modo de pensar a magia foi o americano Paschal Beverly Randolph (1825-1875), o primeiro a argumentar que a energia sexual e o uso de drogas psicoativas poderiam ser utilizadas para fins mágicos. Na Inglaterra, no fim do Séc. XIX nasce a Ordem Hermética da Aurora Dourada, que elaborou um sistema sofisticado de simbolismo e prática ritual baseado na cabalá, que se tornou uma importante fonte de inspiração para muitos grupos de magistas até os dias atuais.

O mais notório mago e ocultista do Séc. XX foi Aleister Crowley (1875-1947), que rompeu com a Ordem Hermética da Aurora Dourada e se juntou à *Ordo Templi Orientis* de Theodor Reuss (1855-1923), que eventualmente se desenvolveu sob sua liderança em uma ordem com forte ênfase na magia sexual.<sup>[21]</sup> Sua autoproclamação como a Grande Besta do Apocalipse, cuja nova religião, Thelema, estava destinada a substituir o cristianismo, e sua experimentação sistemática com todas as formas concebíveis de transgressão, tornaram Crowley controverso até mesmo entre os ocultistas, mas o impacto de seus escritos foi enorme. Em muitos aspectos, essas organizações e muitas outras semelhantes que floresceram antes da Segunda Guerra Mundial podem ser vistas como tentativas de compensar o mundo prosaico da sociedade desencantada cultivando os poderes da imaginação como um meio de acesso experiencial a realidades para-

lelas de encantamento mágico. Em última análise, o foco nesses contextos está mais no desenvolvimento interno do magista do que na influência nos eventos do mundo exterior, a taumaturgia. Isso significa que o próprio conceito de magia adquire novos matizes de significado, especialmente sob o impacto da psicologia popular. No primeiro volume do *DAEMONIUM* eu faço uma crítica feroz a essa visão psicológica da magia moderna como sendo ineficaz, propondo a magia baseada em uma visão animada do cosmos e no contato com os espíritos.

Por volta de 1990 as coisas começam a mudar e a magia cientificista para-maçônica moderna – típica de sociedades iniciáticas como a Ordem Hermética da Aurora Dourada ou a *Ordo Templi Orientis* – começou a ser questionada: e o encantamento da magia?; e seu resultado real e tangível? Entre as décadas de 1990 e 2000 alguns ocultistas citados no artigo desta resenha começaram a resgatar as raízes mágicas ancestrais do exercício da magia como delineada nos grimórios, distancian-do-se da magia moderna psicologizada. Esse movimento denominou-se o renascer da magia dos grimórios,<sup>[22]</sup> que começou a valorizar a sabedoria arcana da feitiçaria afro-diaspórica nas Américas no resgate e na revitalização da magia cerimonial. O produto desse resgate e revitalização é *a nova síntese da magia* que agora se estabelece.

No entanto, o trabalho do verdadeiro inaugurador desta *nova síntese da magia* voou baixo nos radares dos ocultistas modernos, até agora. O nome dele é Aluizio Fontenelle que, como citei no início, sincretizou a goécia do *GRIMORIUM VERUM* com os métodos da Macumba carioca, dando nascimento a Quimbanda como a conhecemos hoje. É dentro deste contexto que o presente artigo irá esclarecer a Quimbanda como a *goécia tradicional brasileira*.

Desde o primeiro volume do *DAEMONIUM* eu venho apresentando a *goécia* como uma corrente de feitiçaria ctônica universal, e que subjaz como um pano de fundo inúmeras tradições arcanas da Antiguidade, Medievo, Renascença e Modernidade. A partir da publicação do *DAEMONIUM* Vol. 1, em 2019, comecei apresentar no Brasil a goécia como a tradição arcana e vitalizante da magia ocidental por meio da fórmula mágica do espírito tutelar. A *goécia* moderna, i.e. a interpretação e prática modernas da goécia salomônica, trata-se de uma deturpação da verdadeira e genuína goécia. Jake Stratton-Kent enfatiza:

[Na contemporaneidade] o estereótipo pós-Mathers/Crowley prevaleceu, [i.e.] a magia goécia como a conjuração de entidades obscuramente no-

[20] Wouter J. Hanegraaff. *WESTWYER ESOTERICISM: A GUIDE FOR THE PERPLEXED*. Bloomsbury, 2021, pp. 41.

[21] Veja Fernando Liguori. *Rituais, Documentos & a Magia Sexual da O.T.O.* Clube de Autores, 2017.

[22] *Grimoire revival*.

meadas por um processo estereotipado, onde as identidades e origens dos espíritos são menos importantes do que a bibliofilia desenfreada, junto da adoção não examinada de falácias do século XIX. A importância de entender os espíritos [da goécia] e suas origens foi negligenciada, até mesmo substituída, pela adoção brincalhona da verborreia fictícia. Simultaneamente, uma metodologia medieval simulada – moldada pelo colonialismo não reconstruído e pela «repulsão da classe média» no início do período do renascer [da magia, i.e. 1875] – destruiu nossa apreciação da corrente [mágica] mais legítima e contínua de toda a magia ocidental. Que é exatamente a magia goécia: uma herança primordial que retém milênios de experiência e tradição; que, se devidamente compreendida, regeneraria a magia ocidental e sublinharia seu imenso significado cultural, em um nível igual a qualquer tradição espiritual no mundo.<sup>[23]</sup>

Esse tema é a espinha dorsal do ensaio.

## **A Catábese na Quimbanda Nàgô – Táta Kilumbu**

Dando continuidade ao tema central do primeiro ensaio, a goécia como antigo culto ctoniano grego de reverência aos mortos glorificados, i.e. deificados como deuses do Submundo (*theos ctonius*), sendo a corrente mágica que subjaz como um pano de fundo todas as genuínas tradições mágico-iniciáticas do passado e do presente, sendo *as antigas raízes xamânicas da magia ocidental*,<sup>[24]</sup> Táta Kilumbu escreve sobre o processo soteriológico de deificação da alma na Quimbanda.

No ensaio anterior nós vimos que a Quimbanda herda inúmeras técnicas necromânticas gregas por meio de suas releituras europeias, i. a mágico-cipriânica de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO ibérico e o catolicismo popular; ii. os ritos fúnebres tradicionais do catolicismo romano. Vimos também que o *kimbanda* brasileiro opera como o *goês* (feiticeiro) grego, que conjurava os *mortos sem descanso* para fins de magia e *mancia*, i.e. divinação. E assim como no culto tradicional dos gregos do Mundo Antigo, em um período anterior a formação da pólis e o culto aos deuses olímpicos, a Quimbanda também é um culto de reverência a espíritos tutelares, os mortos deificados. Como venho demonstrando desde o primeiro volume do DAEMONIUM, a fórmula mágica do espírito tutelar é universal, estando presente em todos os cultos genuinamente mágicos. E por último, sendo a Quimbanda um culto de *goécia*, i.e. um culto brasileiro aos mortos, seu processo soteriológico de deificação da alma é

o mesmo de toda tradição mágica ctoniana: a catábese, a jornada iniciática ao Submundo.

É sobre a imersão catabática na Quimbanda e a metamorfose que ela opera na alma, que discorre Táta Kilumbu. O rito nada mais é do que a representação do mito. Assim como os antigos heróis gregos como Orfeu ou Odisseu visitaram o Hades, o Submundo, a cerimônia de iniciação na Quimbanda é quando se abrem os Portais do Inferno para o adepto iniciado. É ali a sua entrada no Reinado do Chefe Império Maioral, o Diabo. Jake Stratton Kent diz:

De todas as experiências místicas dos Mistérios Ocidentais, a descida ritualizada ao Submundo é de longe a mais duradoura e significativa. Essa magia goécia é conquistada porque em sua performance o magista ocupa simultaneamente o espaço ritual preparado e o reino evocado do Hades.<sup>[25]</sup>

Todas descida (*catábese*) precede uma subida (*anábase*), sem a qual o processo real de morte, i.e. transformação, não ocorre. A fórmula mágica da Quimbanda é a fórmula mágica do processo de transformação representado pela morte na frase *Solve et Coagula*. Quando nós dizemos que o objetivo de um *kimbanda* é tornar-se um *Mestre da Vida*, isso só ocorre por meio do aperfeiçoamento deste processo de mortificação e transformação.

## **Dos Processos Iniciáticos na Quimbanda – Táta Kilumbu & Táta Kamuxinzela**

No ensaio anterior, Táta Kilumbu tratou da natureza ctoniana e do simbolismo catabático que envolve a iniciação na corrente mágica da Quimbanda: uma imersão nos reinos infernais do Chefe Império Maioral, o Diabo. Sendo o sacerdote oficiante do rito, i.e. o Mestre de Quimbanda, o indivíduo que conduzirá o novo adepto até os portões do Inferno, de onde ele seguirá com seu Exu tutelar para as profundezas dos Reinos da Quimbanda, assim como Dante foi conduzido por Virgílio pelas diversas esferas infernais na DIVINA COMÉDIA.

Dando continuidade ao tema da *iniciação* na Quimbanda, este ensaio acrescenta novos argumentos acerca da importância dos processos iniciáticos de transmissão da corrente mágica. Esse texto foi produzido a partir de um debate que se levantou no grupo de estudos dos meus assinantes do Instagram acerca da *iniciação a distância* e da *autoiniciação* na Quimbanda. Táta Kilumbu e eu propomos esclarecer o momento em que essas duas ideias modernas, contrárias as fórmulas má-

[23] Jake Stratton-Kent. THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2014, pp. i.

[24] Frater Archer. CLAVIS GOÉTICA: KEYS TO CHTHONIC SORCERY. Hadean Press, 2021, pp. 9.

[25] Jake Stratton-Kent. GEOSOFIA. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023, pp. 120.

gicas genuínas e tradicionais de todos os cultos de magia e feitiçaria do passado e do presente, adentraram a Quimbanda.

No ensaio *Da Macumba a Quimbanda Nàgô*, Táta Kilumbu explica sobre as três ondas de manifestação das vertentes de Quimbanda, sendo as vertentes Xambá e Luciferiana, nascidas na terceira onda a partir da década de 2000, as que começaram a veicular tanto a ideia de *iniciação a distância* quanto a *autoiniciação* na Quimbanda. Neste ensaio nós nos opomos veementemente a essas ideias na Quimbanda, e explicamos a necessidade da iniciação conferida por um Mestre presencialmente, quando ocorre de fato a transmissão da corrente mágica, que é conectada diretamente a alma do adepto recém-iniciado.

### ***Falando de Quimbanda Nàgô: o Desafio – Táta Kilumbu***

Esse texto é um manifesto contra o extremismo cego e uma apologia a liberdade religiosa típica, i.e. natural, do povo e cultura brasileira. Nos últimos anos cresce uma onda de purismo africano na cultura afro-brasileira, disseminando a ideia de um culto de Quimbanda puro, baseado estritamente na cultura banto, muito embora o nome da divindade principal cultuada seja de origem *yorùbá*. Contra essa segregação que agora eles tentam nos impor, eu escrevi o texto *A Morte do Feiticeiro Branco na Quimbanda*, publicado na *Revista Nganga* No. 8.

Tem uma expressão que diz: *o povo brasileiro é vira lata*. Isso significa que a cultura e o povo brasileiro nasceram do grosso caldo de miscigenação de três culturas inteiras: europeia, africana e ameríndia. Em terras brasileiras se encontraram diferentes tipos de europeus, africanos e índios; é a partir do encontro deles, da *mistura* de suas culturas, hábitos, crenças e práticas religiosas, que nasce a cultura e o povo brasileiro. Não existe nada que seja puro dentro da cultura brasileira, na qual estão inseridos os cultos afro-brasileiros.

A antiga Macumba carioca foi o caldeirão-útero matriz da Quimbanda Nàgô. Na formação dos diversos núcleos da Macumba havia uma clara associação entre as crenças religiosas dos bantos, *yorùbás*, espíritas, ibérico-católicos, maçons e ocultistas. João do Rio (1881-1921), jornalista e romancista brasileiro, em sua obra *AS RELIGIÕES DO RIO*, de 1900, demonstra o intenso intercâmbio cultural entre os feiticeiros, i.e. os *kimbandas* das Macumbas, com ocultistas diversos, maçons, bantos e *yorùbás*. É neste livro que o nome *pombagira* aparece pela primeira vez associado a um es-

pírito fêmea da cultura afro-brasileira. A intensão de Táta Kilumbu neste ensaio é demonstrar que a busca por um purismo na Quimbanda é contraproducente, exaltando em contrapartida a beleza miscigenada da Quimbanda.

### ***Da Macumba a Quimbanda Nàgô – Táta Kilumbu***

A Quimbanda Nàgô, como demonstra Táta Kilumbu nesse ensaio, trata-se do fruto mais bem sucedido da antiga Macumba carioca, porque preservou e aperfeiçoou com originalidade toda sua estrutura, ritos, símbolos e divindades cultuadas. Interessante notar que o autor destaca o Chefe das Macumbas, o feiticeiro Juca Rosa que operava no fim do período Imperial, como o exemplo genuíno de um Táta Nganga da Quimbanda Nàgô, o feiticeiro *par excellence* da *Linha de Ganga*. Outro ponto interessante é a menção que faz sobre a *incursão diabólica* que houve na Macumba a partir da tradição cipriânica ibérica transmitida pelo O LIVRO DE SÃO CIPRIANO. Eu tratei de ambos os temas no segundo volume do DAEMONIUM.

A espinha dorsal deste ensaio é o esclarecimento acerca das raízes ancestrais da Quimbanda Nàgô, em detrimento da negação de alguns puristas africanistas, e é claro, de suas alegações acerca da incompatibilidade *banto-nàgô* no culto. A argumentação deles é tão pueril que Táta Kilumbu demonstra sem esforços, por seu vasto conhecimento e propriedade magística sobre o culto, a profunda miscigenação que ouve entre a ancestralidade e espiritualidade das culturas banto e *yorùbá* no fim do Séc. XIX, quando nascem as diversas *macumbas*.

O autor faz um esclarecimento pontual sobre as *três ondas* de manifestação das vertentes de Quimbanda. Isso é importante porque provê ao leitor uma linha temporal segura através da qual ele estará capacitado a compreender a cronologia dos eventos que deram nascimento as diversas vertentes de Quimbanda, bem como o contexto cultural e religioso que compõem o imaginário simbólico dessas vertentes.

### ***O Livro de São Cipriano & a Quimbanda – Táta Kamuxinzela***

Em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO lemos: *É muito útil ao neófito conhecer também a hierarquia dos Espíritos Infernais que irá ter à sua disposição mediante o pacto: Lúcifer, imperador; Belzabet, príncipe; As-taroth, grande duque. Estes são os principais espíri-*

*tos do reino infernal.*<sup>[26]</sup> Neste capítulo de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO encontramos uma lista completa dos espíritos infernais, obviamente herdados da demonologia nigromântica do GRIMORIUM VERUM, um grimório franco-italiano tipicamente diabólico do Séc. XVIII, que ganhou muito prestígio naquele período por simplificar as técnicas de comunicação com os espíritos. Neste artigo eu demonstro como a ancestralidade da corrente mágica europeia fáustico-cipriânica penetrou profundamente na cultura afro-brasileira. No fim do Séc. XIX, como demonstrei no segundo volume do DAEMONIUM, os espíritos infernais listados em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO já eram convocados nas Macumbas. Com o tempo as edições brasileiras do livro – que trouxe ao Brasil a diaba Maria Padilha para tornar-se a primeira Pombagira da Quimbanda e sua patrona-guardiã – começaram a trazer rezas e esconjuros dedicados aos *òrìṣà*:

Oxalá, vós que refletis o princípio criador, vós que sois o verbo solar, a ciência do verbo sublime,<sup>[27]</sup> vós que fazeis a supervisão de todos os orixás na terra, abençoai-nos. [...] Meu senhor do Bonfim, acho-me na tua presença. Que o sagrado orixá Ogum corte com sua espada todos os males que de mim se acercam.<sup>[28]</sup>

E na década de 1950, com Aluízio Fontenelle é construída uma conexão direta entre a magia diabólica-fáustica do GRIMORIUM VERUM e a Quimbanda. O influxo da corrente fáustico-cipriânica na identidade mágica brasileira foi tão intenso e profundo que o resultado disso foi a Quimbanda, uma corrente mágica de feitiçaria afro-brasileira chefiada pelo Chefe Império Maioral, o Diabo, na forma de três demônios infernais.

Entre 1950 e 1970, autores como Fontenelle, Molina, Bittencourt, Alva etc. criaram os mitologemas fundantes da Quimbanda. Foi uma época intensamente rica que nutriu todo o imaginário da Quimbanda. Em um desses mitologemas encontramos São Cipriano, discípulo de Exu Meia Noite, que recebeu os poderes mágicos de Jesus Cristo lhe tomados por Exu Beelzebuth que, por sua vez, é o espírito que tanto inspirou Hiram Abiff a construir o Templo de Salomão quanto o fogo noturno que o destruiu, associado aos poderes dos pilares gêmeos da frente do templo, Jaquim e o Boaz, que sustentam a chama crepitante na cabeça de Baphomet. Esta chama é em verdade a estrela de Salomão. É deste período que nasce a conexão en-

tre Exu, o Bode de Mendes (Baphomet) e o Templo de Salomão para manifestação de Exu beelzebuth. O Bode sendo o próprio templo (pilares/chifres) que sustentam o fogo celestial criativo.

Toda a corrente mágica de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO foi absorvida pela Quimbanda. Na verdade, ele é uma parte fundamental para formação da identidade mágica brasileira.

## ***Os Donos da Religião – Táta Zelawapanzu***

Nos dias de hoje vivemos em meio a uma pandemia de boçalidade no Brasil; nunca houve desde a redemocratização um índice tão alarmante de analfabetismo funcional. Trocando em miúdos, a quantidade de burros no Brasil é inquietante. Em meio a esse contexto de fragilidade cultural, a palavra *marmotagem* tem sido utilizada ostensivamente e indiscriminadamente na cultura afro-brasileira: hoje encontramos abundantes *amigos conselheiros*, os *donos da religião*. Eu particularmente os chamo de *amigos conselheiros* porque na grande maioria das vezes, embora eles demonstrem muitas dificuldades na vida, se apresentam como conselheiros da vida e fiscais do culto dos outros. Isso sim é *marmotagem*, porque i. não existe fórmula de bolo na magia e; ii. se é verdade tem que funcionar, um ditado da Quimbanda.

Então se o seu fundamento é diferente do deles: *marmoteiro*; se na sua casa ou templo as regras são diferentes: *marmoteiro*; se nos teus rituais existem diferenças estruturais: *marmoteiro*. Ou seja, se é diferente do que eu faço, ou se eu não tenho o conhecimento dos seus fundamentos, a origem deles, então é tudo *marmoteiro*. Na Antiguidade mal dizer ou caluniar o culto dos outros era uma ofensa gravíssima, assim como é deselegante perguntar quanto alguém ganha no trabalho. O indivíduo que faz isso é um *espaçoso*, como se diz. No Mundo Antigo era comum em um *demus* (povoado), o culto a alguma divindade, às vezes algumas, com abordagens distintas entre as famílias. Não havia a ideia de regras a serem observadas. Embora a divindade adorada fosse a mesma, os métodos eram particulares. Por que? A resposta eu venho discutindo desde o primeiro volume do DAEMONIUM: a fórmula mágica do espírito tutelar.

Em um período anterior a formação da pólis, como demonstrei no artigo *Quimbanda: A Goécia Tradicional Brasileira*, os cultos as divindades eram familiares. Os deuses não possuíam nomes próprios; hermes por exemplo, era um *adjetivo*, uma qualidade, potência ou poder, assumida por um espírito tutelar intermediário do reino dos

[26] O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, *O Livro dos Espíritos*, Cap. VII. Em Humberto Maggi. THESAURUS MAGICUS Vol. II. Clube de Autores, 2016, pp. 316.

[27] N.T. uma referência ao sincretismo com Jesus Cristo.

[28] Excerto de O Poderoso Livro de São Cipriano. Citado em Jerusa Pires Ferreira. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: Uma Legenda de Massas. Perspectiva, 1992, pp. 17.

mortos, um ancestral. Como venho demonstrando desde o primeiro volume do DAEMONIUM, a fórmula mágica do espírito tutelar, que é a fórmula mágica universal da goécia, está no cerne dos cultos mais antigos, e também anteriores ao Mundo Antigo. Como o espírito tutelar que assume a função arquetípica intermediária do poder reverenciado tem suas características peculiares, obviamente o culto familiar terá uma identidade própria, distinta do culto de outras famílias, mesmo àquelas que reverenciam o mesmo poder, a mesma potência.

E isso permanece nas culturas mágicas da África e nos diversos cultos afro-diaspóricos nas Américas: na Quimbanda quem define a *linha de trabalho*, i.e. o sistema mágico do templo é o Exu tutelar do adepto, dentro da estrutura de uma vertente, como veremos no próximo ensaio de Táta Zelawapanzu: *Quem Define a Quimbanda?* Por isso não faz sentido algum mal dizer e caluniar como *marmoteiro* um indivíduo que pratica uma Quimbanda, Umbanda etc. diferente da sua. *Marmotagem* de verdade é estelionato e charlatanismo, ambos são crimes no Brasil.

Mas para poder apreciar a complexidade das fusões mítico-religiosas em sua inteireza e particularidades, é preciso sair da poça do senso comum e imergir nas profundezas hierofânicas dos cultos. Tem um ditado na cultura afro-brasileira que diz: *a gente não fala de um culto que não somos iniciados*. Esse ditado é uma regra de conduta nos cultos de ancestralidade, e o contrário disso ninguém vê com bons olhos. Então Táta Zelawapanzu pergunta: *quem é o papa que define o que você pode ou não fazer no seu culto? Sincretismos, associações, técnicas de magia etc.?* Em uma contemporaneidade digitalizada em um globalismo radical, as mídias sociais multiplicaram esses *donos da religião*, prontos a fazer um *react* dos seus métodos, dos seus fundamentos, das suas divindades cultuadas etc. na intenção de ganhar *likes*.

### ***Quem Define a Quimbanda? – Táta Zelawapanzu***

Neste ensaio Táta Zelawapanzu trata do sistema de feitiçaria adotado por uma família ou templo de Quimbanda dentro de uma vertente, esclarecendo que a vertente provê a estrutura iniciática do templo: a maneira como confeccionar os assentos de poder, de realizar as iniciações, obrigações e consagrações etc. Isso será o padrão encontrado dentro de famílias de uma mesma vertente. No entanto, cada família apresentará uma *linha de trabalho* distinta em função da natureza do Exu Chefe do templo, o que está em concordância com os

sistemas mágicos de iniciação do Mundo Antigo e com a herança ancestral dos cultos africanos.

A maior honraria no culto da Quimbanda Nàgô é a recepção do Brajá Imperial, que representa o *domínio* ou *reinado* do Exu e Pombagira tutelares sobre todos os Reinos da Quimbanda. Táta Kilmbo ensina que o *casal de frenteiros* nunca está limitado aos seus reinos de origem. Eles operam em todos os reinos. Por causa disso, o Brajá Imperial é confeccionado de forma que demonstre que o Exu e Pombagira tutelares têm acesso e operam dentro de todo o Reinado do Chefe Imperial, e não estão limitados aos seus reinos de origem. Este Brajá Imperial é entregue apenas a alguns Mestres de Quimbanda. Essa regalia simboliza a autonomia de um *reinado* ou *domínio* dentro do sistema ou estrutura da vertente.

### ***Quimbanda como Sistema Religioso – Táta Kamuxinzela***

No ensaio que encerra a Edição No. 10 da *Revista Nganga* eu revisito os tópicos essenciais da Quimbanda como *goécia* brasileira a partir da discussão sobre a sua estrutura, que é tanto uma *prática mágica* quanto um *sistema religioso*. O artigo se propõe a demonstra isso! O texto nasceu das discussões no Grupo de Estudos dos assinantes do Instagram, na busca pela resposta se a Quimbanda é magia ou religião. Ele foi escrito enquanto trabalhava sobre o ensaio *Quimbanda: A Goécia Tradicional Brasileira* e retoma o que lá foi estudado no esclarecimento de que sob as perspectivas antiga (i.e. tradicional) e moderna, a Quimbanda se trata de um *sistema religioso e mágico*.

Espero que goste desta edição que fecha o Volume 1 da *Revista Nganga*. Bom estudo.

***Táta Nganga Kamuxinzela***

*Editor.*

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

# Quimbanda: A Goécia Tradicional Brasileira



## INTRODUÇÃO

No segundo volume do DAEMONIUM eu fiz uma introdução concisa sobre o tema, abordando pela primeira vez no Brasil a Quimbanda como a *goécia tradicional brasileira*. No livro destaquei que no curso da comparação entre a Quimbanda e a goécia,<sup>[1]</sup> suas duas fases, a grega antiga e a salomônica medieval, deveriam ser consideradas em sua inteireza para uma compreensão profunda da matéria:

A Quimbanda pode ser considerada, de modo geral, a *goécia brasileira*. Leve em consideração dois pontos: i. a goécia grega é a prática da necromancia, quer dizer, a comunicação com os mortos; ii. a goécia pós *interpretatio romana* é a convocação e impreciação de demônios. A Quimbanda é uma arte de feitiçaria necromântica, porque lida com Exus (espíritos de mortos deificados e *égún* diversos), e estes, por sua vez, têm domínio sobre demônios aéreos, telúricos e ctonianos.<sup>[2]</sup>

Nesse excerto apresento a Quimbanda abarcando em seu escopo as duas fases da goécia, a antiga e a salomônica. Tanto no DAEMONIUM (Vol. 2) quanto no GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, eu disserto com mais ênfase acerca da *incurção diabólica* ou demoníaca que ocorreu na Quimbanda em seu *segundo momento*, a partir da síntese estabelecida por Aluízio Fontenelle (1913-1952) na década de 1950. Em outras palavras, nestes dois livros eu dou mais ênfase na conexão que se estabeleceu entre a Quimbanda e a goécia salomônica a partir de um grimório moderno conhecido como GRIMORIUM VERUM, uma *gramática* de magia noturna com o objetivo de *pactuação demoníaca* com espíritos (demônios) do ar, da terra e do submundo, onde se lê:

Aqui começa o *Sanctum Regum*, chamado o rei dos Espíritos, ou as Clavículas de Salomão, mui sábio Nigromante, ou rabino, hebreu. Na primeira parte estão contidas diversas disposições de caracteres, pelos quais são invocadas as Potências, os Espí-

[1] Neste ensaio não utilizarei em qualquer caso as palavras *goética* ou *goética*. Apenas a tradução para o português em qualquer caso: *goécia*.

[2] Fernando Liguori. DAEMONIUM (Vol. 2) Clube de Autores, 2022, pp. 87.

ritos, ou melhor dizendo, os Diabos, para os fazer vir quando vos agradar, cada um de acordo com sua potência, e para lhes constranger a fazer tudo que tu lhes ordenares, e sem jamais se aquietar por qualquer coisa, desde que eles estejam satisfeitos com sua parte, porque esse tipo de criatura não faz nada por nada.<sup>[3]</sup>

Essa passagem esclarece o pano de fundo da síntese estabelecida por Aluízio Fontenelle em seu livro Exu, de 1952, do qual derivou a ideia moderna de Quimbanda: Exus e demônios associados, sincretizados. É dessa síntese, como *tronco tradicional* da Quimbanda,<sup>[4]</sup> que derivam as *vertentes tradicionais* da Quimbanda, das quais as mais conhecidas são a Nàgô, a Mussurumim e a Malê. No livro GANGA eu explico que o Sanctum Regum é ambiente mágico da Quimbanda:

Lúcifer é Exu-Rei, a Unidade Absoluta de onde emana todo o poder da Quimbanda. [...]

Na Quimbanda, portanto, Exu-Rei representa a *unidade transcendente* de todos esses mitos e símbolos aglutinados sob a alcunha de Lúcifer. Na figura de Exu-Rei, representa a Unidade da Trindade Maioral: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth.<sup>[5]</sup> É por isso que se diz que se trata de um Exu primordial e, portanto, nunca se apresentando em terra, i.e. manifesto, em incorporação.

Ele é o *Sanctum Regnum*, i.e. o Reino Divino da Quimbanda, sua totalidade. Os Reinos da Quimbanda derivam dele, que é a fonte ou o trono de onde surge, de onde começa, toda a Quimbanda. Por isso é dito que Maioral é a *primeira encruzilhada de fogo*, o princípio de tudo, o Absoluto. Na Quimbanda Lúcifer é Deus!<sup>[6]</sup>

E no texto *O Livro de São Cipriano & a Quimbanda* eu completo:

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO contém um conjunto de instruções mágicas para curas, demandas, proteções mágicas e exorcis-

[3] GRIMORIUM VERUM, 1817. Tradução em Humberto Maggi. THE-SAURUS MAGICUS, Vol. I. Clube de Autores, 2010, pp. 438.

[4] Eu explico o *tronco tradicional* da Quimbanda no livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA. Clube de Autores, 2023.

[5] Também referida como Trindade Infernal porque Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth equiparam-se no GRIMORIUM VERUM e zeitgeist da época, a uma trindade pagã do submundo, Lúcifer como uma figura de Hermes-Prometeu, mais Baal e Astarte. Veja o segundo volume de DAEMONIUM.

[6] Fernando Liguori. GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA. Clube de Autores, 2023, pp. 261-2.

mos, técnicas divinatórias, construção de tecnologias mágicas, a descoberta de tesouros, pactos com os espíritos e a descrição hierárquica desses espíritos, encantados diversos, anjos e demônios. Assim como no GRIMORIUM VERUM, a Trindade Maioral da Quimbanda, i.e. os três Chefes Maiorais do Inferno, Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth, também são listados em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO como regentes infernais.<sup>[7]</sup> A própria ideia de Maioral como o *Sanctum Regnum*, o ambiente mágico da Quimbanda,<sup>[8]</sup> deriva de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO antes mesmo das descrições que lhe deu Eliphaz Levi (1810-1875). Em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO o v é o ambiente mágico onde todo ato de magia é realizável: *O verdadeiro Sanctum Regnum da Grande Clavícula de Salomão tem suma importância, seja para adquirir tesouros, possuir a mulher desejada, descobrir os segredos mais ocultos, obter invisibilidade, viajar para qualquer ponto que se deseja, abrir todas as fechaduras, enfim, para realizar toda classe de maravilhas.*<sup>[9]</sup> Quer dizer, o ambiente mágico através do qual se dá o milagre da magia, a taumaturgia.

Como veremos neste ensaio, o GRIMORIUM VERUM que deriva dos *grimórios azuis* franco-italianos e O LIVRO DE SÃO CIPRIANO que deriva dos grimórios da feitiçaria popular ibérica influenciaram profundamente a identidade mágica do Brasil e a própria fundação da Quimbanda, estabelecendo seu pano de fundo demonológico. Esse pano de fundo demonológico, por outro lado, estabeleceu a teologia, a cosmogonia, a cosmovisão, a estrutura e a mecânica de comunicação com os espíritos: o pacto diabólico. Assim como os demônios do VERUM, os Exus devem ser pagos em toda e qualquer ocasião em que seja requerido o seu trabalho. Os caracteres mágicos do GRIMORIUM VERUM foram diretamente associados aos Exus, estabelecendo um sincretismo direto entre Exus e demônios, desenvolvendo métodos práticos onde i. os Exus comandam e dirigem os demônios (Nãgô); ii. os demônios e Exus são acessados separadamente, mas podem trabalhar juntos (Mussurumim) ou; iii. os demônios são Exus disfarçados (Malê). No DAEMONIUM destaco:

[7] Jonas Sufurino. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO. Via Sestra, 2019, pp. 133.

[8] Veja Fernando Liguori. GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA. Clube de Autores, 2023.

[9] Jonas Sufurino. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: o Tesouro do Feiticeiro. Via Sestra, 2019, pp. 147.

A Quimbanda uniu o melhor de três culturas: ameríndia, africana e ibérica em um sistema de demonologia e diabolismo prático com métodos únicos capazes de criar uma *interface* entre os éteres habitados por demônios e àqueles habitados pelos mortos. É a *goécia brasileira*.<sup>[10]</sup>

A Quimbanda como *goécia brasileira* agrega em seu escopo, portanto, a goécia necromântica grega e a goécia nigromântica ou demoníaca medieval. Na Apresentação do livro GANGA eu menciono que:

Uma conexão profunda se estabeleceu na tradição de Quimbanda desde a década de 1950 com a demonologia europeia e as técnicas derivadas dos grimórios para conexão e coerção dos demônios, o que ficou popularmente conhecido como *nigromancia*,<sup>[11]</sup> *necromancia*, *maleficium*, *goécia*, *magia negra*, *magia demoníaca* ou *baixa magia*. Na magia cerimonial, a classe de espíritos que lidam com os éteres ctônico, telúrico e aéreo sublunares são as criaturas espirituais destes éteres, classificadas genericamente como demônios na cosmovisão cristianizada do Ocidente. Como esses éteres são a área de atuação dos Exus e Pombagiras (mortos deificados) da Quimbanda, foi possível conectá-los a atuação de demônios. Assim foi estabelecida uma ponte através da qual foi possível convergir Exus e demônios. [...] A Quimbanda nasce como uma tradição de *goécia brasileira*, porque da rica herança ancestral ameríndia, africana e europeia, desenvolveu um sistema de feitiçaria nigromântica próprio.<sup>[12]</sup>

Retornando mais no passado, entretanto, neste ensaio eu coloco mais ênfase na primeira fase da goécia como a antiga religião necromântica dos gregos, praticada no âmbito familiar e sem qualquer interven-

[10] Ibidem, pp. 49.

[11] A *nigromancia* é uma expressão medieval pejorativa derivada do termo grego *necromanteia*, i.e. necromancia, a comunicação com os espíritos dos mortos para fins de divinação e de magia (quando ganha também o epíteto de *necurgia*). A *nigromancia* na Idade Média foi associada à prática de magia negra demoníaca e a todo tipo de tabu mágico-religioso da sociedade europeia do período. O termo nasce para condenar o exercício ritual de grimórios noturnos, i.e. que lidam com todo tipo de espírito sublunar, geralmente classificados como demônios. Veja o artigo *A Quimbanda & o Ocultismo Moderno*. Veja também os livros DAEMONIUM Vol. 2 (Clube de Autores, 2022) e GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA (Clube de Autores, 2023). A Quimbanda é, declaradamente, o único culto nigromântico genuinamente brasileiro.

[12] Fernando Liguori. GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA. Clube de Autores, 2023, pp. 22-3.

ção do Estado. Sobre a goécia e a religião grega antiga Daniel Ogden diz:

O principal significado dos ritos básicos de evocação [dos mortos] reside no fato de que seu sistema como um todo (cova, libações de *likatron* [mel e leite], vinho e água, oferta de cevada, oferta de sangue, holocausto e orações) é idêntico ao das oferendas normais aos mortos em túmulos.<sup>[13]</sup>

Para entendermos o escopo total da Quimbanda como *goécia brasileira*, nós precisamos retornar no tempo, para um período vastamente esquecido – ou no mínimo rejeitado – da história da magia no Ocidente, numa época em que Homero ainda não havia negligenciado os deuses ferozes, caprichosos, demoníacos e perigosos dos cultos locais e formas populares de mitos primitivos, em detrimento dos deuses olímpicos dos aristocratas gregos. Para compreender a Quimbanda como *goécia tradicional brasileira*, primeiro é preciso compreender a goécia como goécia, porque a maioria das histórias tecidas sobre goécia na *Esotérica*<sup>[14]</sup> não foram escritas por ela mesma...

A palavra *goécia* – a arte que sua prática representa e a envergadura de seus efeitos taumatúrgicos – tem sido muito mal compreendida ou interpretada no contexto da magia moderna. Para a grande maioria dos ocultistas modernos, o termo está associado a um dos grimórios salomônicos mais famosos, o LEMEGETON, uma gramática de magia noturna do Séc. XVII popularizada no Ocidente a partir de uma tradução incompleta para o inglês feita por MacGregor Mathers (1854-1918), encomendada e publicada por Aleister Crowley (1875-1947) em 1904.

Este grimório apresenta uma versão cristianizada do *exercício* da goécia; e muito embora ela tenha sido diretamente associada a este grimório noturno e posterior-

[13] Daniel Ogden. Greek and Roman Necromancy. Princeton University Press, 2001, pp. 164.

[14] Pelo termo *Esotérica* me refiro ao que se conveniu chamar de *Esoterismo Ocidental*. Veja o texto *A Quimbanda & o Ocultismo Moderno*. Veja também Antonie Faivre. O ESOTERISMO. Papirus, 1994. Do mesmo autor veja *Modern Esoteric Spirituality*. Crossroad, 1992. Veja ainda Wouter J. Hanegraaff. *Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture*. Cambridge University Press, 2012.

mente a outros da mesma natureza como o GRIMORIUM VERUM, o termo vem do grego antigo, mais de quinze séculos antes da existência dos grimórios. São séculos de história não contada que os autores modernos negligenciam, reduzindo a goécia a convocação dos demônios do LEMEGETON e raras vezes de outros grimórios como o VERUM. Isso torna o entendimento popular da goécia tanto impreciso quanto pateticamente reducionista, portanto, desqualificado e amador. É seguro dizer que a magia moderna restringe e deturpa a compreensão da arte da goécia como derivada de suas raízes ancestrais gregas.

As palavras que designam o praticante de magia, hora *magista*, o aprendiz, e hora *magô*, o mestre, vêm do persa *maguš* que os gregos assimilaram como *mageia*. Note que o nome que designa o operador deriva diretamente de sua arte: mago e magista derivam da prática da magia. O termo goécia, que designa a arte, por outro lado, deriva do operador, o feiticeiro (*goês*) grego arcaico. Tecnicamente, portanto, o termo goécia (*goêteia*) como compreendido pelos gregos daquele tempo, entre os Sécs. X e VII a.C., era usado para designar um indivíduo antes de sua arte.

A convocação de maus espíritos – embora relevante no contexto primordial da goécia e o conceito fundamental de sua interpretação moderna pós *interpretatio christiana*<sup>[15]</sup> – não representa os propósitos originais do *goês* grego ou mesmo a natureza da própria goécia. Os autores modernos traduziram a palavra goécia como *urro*, *grito horripilante* ou *uivo*, na forma de um sopro sibilado. Mas no segundo volume do DAEMONIUM eu resumi a origem grega da palavra:

O termo *goécia* vem do grego *goêtes*, que se traduz como *feiticeiro*, *bruxo*, *encantador* ou *adivinho*. O singular *goês* tratava-se de um especialista em lidar com os mortos e sua arte foi chamada de *goêteia*. Esses termos foram elaborados a partir da raiz *goos*, que significa chorar, lamentar, porque as conjurações aos mortos nesse período clássico grego, Séc. V a.C., se tratava de lamentações

[15] Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020, pp. 56.

fúnebres. Essas lamentações eram executadas diretamente na cova ou tumba dos falecidos e a eles eram oferecidos sacrifícios e oferendas como libações de mel e leite. Com o tempo a prática da goécia grega foi associada a convocação não só de mortos que poderiam agir para auxiliar os vivos, os *nekydaimones*, mas também a toda sorte de espíritos ctônicos sob a autoridade mágica de deusas como Hécate ou Serápis. Na interpretação cristã dessa prática de feitiçaria grega, a goécia então passou a ser considerada uma prática ainda mais ilícita associada a todo tipo de demônios.<sup>[16]</sup>

Então *lamentar* é uma tradução mais acurada para o grego *goêteia*. O tom de voz dessas lamentações fúnebres definia a natureza da prática, junto da importância dada as questões que envolviam a entrada e saída dos mortos no Submundo: a goécia grega se preocupava com a condução dos mortos até o Submundo ou a convocação deles desde lá. Essa é a raiz antiga da verdadeira conexão que existe entre a goécia e necromancia, que posteriormente na Idade Média e a partir do Renascimento tornou-se *magia negra* ou *nigromancia*.

Os precursores mais antigos da goécia eram *manganeumatas das sombras*: seu culto era ctônico e eles estavam preocupados com os mortos e seu reino apenas; e muito embora tenham ocorrido aproximações e até sincretismos em um tempo posterior, a goécia possuía pouca ou quase nenhuma conexão real com a religião aristocrática dos deuses olímpicos, porque a distância entre os cultos aos deuses ctônicos e os cultos aos deuses celestiais ou urânicos era consideravelmente grande.

Os deuses urânicos ou olímpicos eram invocados à luz do dia, em um estado de purificação e zelosa limpeza, com vestes brancas; a ocasião era sempre alegre, o altar era elevado sobre a terra e a vítima sacrificial dirigia seu olhar para os céus no momento do sacrifício.

[16] Fernando Liguori. DAEMONIUM (Vol. II). Clube de Autores, 2022, pp. 81. Veja Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020. Veja também Sarah Iles Johnston. RESTLESS DEAD: ENCOUNTERS BETWEEN THE LIVING AND THE DEAD IN ANCIENT GREECE. University of California Press, 1999. Para o entendimento de goécia como Religião Antiga veja Fustel de Coulanges. A CIDADE ANTIGA. Martin Claret, 2009.

Os mortos, por outro lado, eram honrados com lamentações, significado da palavra grega *goêteia*, como vimos. As cerimônias aos mortos eram geralmente noturnas. As vestes eram rasgadas e maltrapilhas, contaminadas com sujeira das áreas mortuárias; os cabelos soltos e bagunçados. O altar aos mortos era erguido ao lado das covas e em algumas ocasiões havia até cozinha no local, onde as oferendas aos mortos eram preparadas. Um buraco era aberto para o abate da vítima sacrificial, que dirigia seu olhar diretamente para ele, por onde o sangue chegava até o defunto, com libações de leite, sal e mel, assim como as oferendas.

Muitas características do culto dos mortos foram compartilhadas com divindades e heróis ctônicos. Algumas distinções feitas entre os ritos dos dois tipos de culto, ctônico e celestial, no passado não são tão vinculativas quanto se supunha; alguns santuários e ritos incluíam elementos e características associados a entidades ctônicas e celestiais.

Compreender a goécia como goécia, i.e. culto, necromantico, não é fácil. Existe a necessidade de cavar fundo nos mitos gregos pré-homéricos. Apesar da complexidade das relações entre a religião celestial ou urânica e os cultos ctônicos, o que conhecemos como goécia no contexto da magia no Ocidente representa essencialmente a sobrevivência de elementos primordiais de feitiçaria e necromancia dentro de tradições hospedeiras associadas a outros personagens, principalmente Salomão. Além disso, as abordagens mágicas adaptadas e sistematizadas na Antiguidade pelos neoplatônicos que, invariavelmente, fizeram tentativas breves para definir a goécia sobre seus pontos de vista, geralmente hostis à magia de modo geral, construíram a priori um desentendimento profundo sobre o tema. Mas como aponta Fustel, *essa crença e esses ritos [de reverência aos mortos] são o que há de mais velho na raça indo-europeia, e o que houve de mais persistente.*<sup>[17]</sup>

É difícil falar de goécia em seus próprios termos ao competir com as suposições acu-

[17] Fustel de Coulanges. A CIDADE ANTIGA. Martin Claret, 2022, pp. 30.

muladas de tantos séculos feitas pelos neoplatônicos da Antiguidade média e tardia, bem como suas reverberações no Renascimento, Idade Moderna e Contemporânea. Nos últimos dois mil anos, nossa civilização viveu com as suposições inerentes à Religião Revelada. As civilizações da Grécia Clássica, e todas as outras civilizações do Mundo Antigo, foram construídas ou sobrepostas a uma tradição de milhares de anos do que é conhecido como Religião Natural. Enquanto a Religião Revelada é entregue do alto por uma revelação – frequentemente representada por um Livro – a Religião Natural é construída de baixo, a partir das raízes ancestrais de um povo ou cultura, sendo o resultado da observação e interação com a Natureza, incluindo forças sobrenaturais ou *numinosas*. No coração dessas duas abordagens sobre a religião estão dois mundos totalmente diferentes.

Esses dois mundos são epicentros de duas cosmovisões distintas, e podem ser chamados de mundos celestial e ctônico. Eles não representam os limites dessas duas cosmovisões, mas seus núcleos. Ou seja, embora a Religião Revelada tenha como base o reino celestial ou supercelestial, os planos de luz e perfeição, ela não exclui a comunicação com espíritos sublunares, aéreos, telúricos ou ctônicos. De igual modo, embora a Religião Natural tenha como base a terra e o submundo, i.e. uma espiritualidade que lida com os espíritos da Natureza, isso não a impede de lidar com os deuses urânicos.

A fonte da revelação da Religião Revelada é celestial, o núcleo de sua cosmovisão. Em contraste, o reino ctônico era a fonte do poder oracular em todos os estágios da religião grega. A habilidade ou o dom da profecia, por exemplo, era originalmente atribuída ao *goês*.<sup>[18]</sup> Os reinos celestiais ou transcendentais tornaram-se todos importantes na magia posteriormente, principalmente como a fonte da autoridade do mago, a exemplo da própria feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Mas em um período anterior, a terra como fonte de vida e o submun-

do como morada dos mortos eram centrais para a religião e a magia. Mais ao ponto, grande parte da magia de tempos posteriores – particularmente aquela caracterizada como *goécia* – foi uma adaptação – pode-se até dizer uma distorção – de seu exercício mais antigo. No entanto, a transição da ênfase nos cultos ctônicos para os cultos celestiais no que concerne a autoridade mágica, não envolveu uma grande mudança de caráter ou conteúdo na aplicação das técnicas. No primeiro volume do DAEMONIUM eu demonstrei que a diferença entre teurgia e *goécia* nunca repousou sobre as técnicas e tecnologias mágicas utilizadas, mas no caráter e personalidade do operador. As técnicas de feitiçaria são universais, mudando pouca coisa de uma cultura para outra. O entendimento disso é importante para a percepção de que a Quimbanda é a *goécia tradicional brasileira*.

## . I .

### DA GOÉCIA COMO RELIGIÃO CTÔNICA ANTIGA

### A GOÉCIA SALOMÔNICA & A QUIMBANDA BRASILEIRA

A sorte daqueles que não tiveram sepultura, como Pátroclo, e que não são admitidos nos infernos, é ainda pior: eles vagam, sem abrigo, em torno da entrada [do inferno].<sup>[19]</sup>

Enquanto a palavra *goécia* é comumente traduzida como *uivar*, seguindo o precedente das autoridades do Séc. XIX que muitas vezes são inquestionáveis, uma tradução mais próxima seria *lamentar*, que se relaciona a um grande grupo de palavras conexas em grego, a maioria das quais se refere especificamente a ritos funerários antigos. O tom de voz usado nesses rituais distinguia o praticante da *goécia*, e a preocupação com o Submundo era explícita.

Muito antes dos deuses urânicos dos aristocratas gregos reinarem como deuses

[18] Jake Stratton-Kent. GEOSOFIA. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023, pp. 124.

[19] Georges Minois. História do Inferno. Editora Unesp, 2023, pp. 35. Inferno nesse excerto é *Submundo*.

absolutos da religião oficial do Estado, os deuses ctônicos da Religião Antiga, os ancestrais deificados (ou glorificados), reinavam nos lares e no seio das famílias gregas. Nesse período o homem acreditava que a alma do morto permanecia perto deles e continuava a viver sob a terra. A alma do morto não se desassociava do corpo, mas permanecia com ele, na tumba. Os gregos entendiam que ao colocar um corpo morto na tumba, esta era preenchida com *vida*. A alma vinculada ao túmulo sentia saudades da família, dos amigos e da existência material. É por causa desta crença que viram a necessidade de construir túmulos, que se tornavam *assentamentos de poder* das almas a eles conectadas.

Os túmulos eram, portanto, moradas ctônicas (subterrâneas) dos mortos. Para tal, uma grande quantidade de terra deveria ser colocada sobre o morto, enterrado em uma cova. Um morto sem túmulo era um morto sem descanso, um errante sem o repouso que tanto almejou para si após as batalhas da vida. Seu destino era tornar-se um fantasma ambulante, sem um local adequado para receber oferendas, alimentos ou agrados dos familiares. Uma alma atormentada, logo, malfazeja, que prejudicava os vivos, destruía suas colheitas, lhes acometiam com doenças, os apavorava com aparições. E disso nasceu a crença antiga em fantasmas. O homem do Mundo Antigo acreditava que qualquer alma, sem moradia, era uma alma miserável.

Jake Stratton-Kent (1956-2023) corrobora com Fustel sustentando que em seus primórdios, a goécia como Religião Antiga, tinha um caráter e função social:

Os precursores e as manifestações mais antigas de goécia estavam principalmente preocupados com os mortos. Ao mesmo tempo, apesar de alguns paralelos e posterior sincretismo, [ela] tem pouca conexão intrínseca com a religião olímpica aristocrática de Homero. Seu papel principal foi benigno, pois serviu a comunidade: o de garantir que o falecido recebesse os ritos adequados para assegurar que deixasse os vivos em paz. Além disso, havia papéis adicionais. Estes incluíam o direcionamento de fantasmas, incluindo aqueles onde o enterro adequado não tivesse sido possível. Esses

mortos sem descanso eram problemáticos, hostis e muito perigosos. É por causa deles a maior razão da existência dos ritos funerários.<sup>[20]</sup>

Ao abordar os mortos sem descanso em seu livro sobre goécia, Humberto Maggi destaca:

Até esse período, os mortos eram enterrados na propriedade da família, mas o renascimento da cultura grega que começa mesmo na era de Homero (depois dos séculos que se seguiram ao colapso da civilização micênica) levaram ao surgimento da *pólis*, a grande cidade, e a *pólis* forçou uma separação entre os vivos e os mortos, colocando os enterros fora de seus muros e restringindo severamente as práticas funerárias. Ao mesmo tempo, a intensificação do comércio colocou os gregos em maior contato com as culturas do Oriente Próximo, onde se acreditava que os mortos tinham muito mais autonomia e a capacidade de prejudicar os vivos. Esse distanciamento entre vivos e mortos e as ideias trazidas pelos navegantes, pelos comerciantes, e disseminadas nas novas colônias no leste do mar Egeu, criaram novos temores em relação aos mortos e, com isso, surge o *goes* grego para oferecer serviços necromantes para aqueles que acreditavam estarem sendo perturbados pelos mortos.<sup>[21]</sup>

Esta crença antiga do homem grego, de que uma alma sem túmulo era atormentada pela eternidade e condenada a assombrar os vivos, poderia ter chegado ao Brasil de alguma forma em algum momento? João José Reis, professor emérito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, garante que sim! Em sua obra *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, ele diz o seguinte:

Uma das formas mais temidas de morte era a morte sem sepultura certa. E o morto sem sepultura era dos mais temidos dos mortos, pois morrer sem enterro significava virar alma penada sempre pronta a atormentar os vivos. Morrer afogado, por exemplo. Na Polônia da segunda metade do século XIX, os afogados representavam a categoria de mortos mais frequentemente transformados em demônios. No interior do Brasil se reza «pras arma da onda do má», ou seja,

[20] Jake Stratton-Kent. GEOSOFIA. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023, pp. x.

[21] Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020, pp. 23.

pelos que morreram afogados. É um costume certamente aprendido do litoral, onde, no passado, não era doce morrer no mar. O negociante carioca Joaquim Luís de Araújo, residente na Bahia, fazia frequentes viagens a Lisboa e temia morrer no trajeto. Em seu testamento, de 1823, escreveu: «espero, na Misericórdia divina, eu morrer em terra». [...] Era desejável morrer em terra firme, não para ser enterrado em qualquer lugar, mas em local sagrado. Durante muito tempo, entre os habitantes de Salvador, esse local seria as igrejas. [...] «Os mais belos edifícios são as igrejas, pois Deus passa e deve passar à frente de tudo», escreveu em 1883 o viajante francês Claude Dugrível. Todavia, não só Deus e sua corte de santos nelas habitavam, mas também os mortos. [...] Assim como os cortejos fúnebres se identificavam com as procissões que tematizavam o enterro de Cristo, as sepulturas eram associadas com o local onde Cristo residia e era o senhor. As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, deviam também se abrigar os mortos. [...] Ser enterrado na igreja consistia também uma estratégia de não romper com o mundo dos vivos, inclusive para que estes, em suas orações, não esquecessem dos que haviam partido. Os mortos se instalavam nos mesmos templos que tinham frequentado ao longo da vida.<sup>[22]</sup>

Essa forma de goécia ou culto ctônico católico, resistente em Salvador do Séc. XIX, como podemos ver, é uma recessão moderna da Religião Natural dos gregos e romanos do Mundo Antigo e Antiguidade, adaptada ao cristianismo, principalmente em sua forma popular. Eu fiz questão de fazer esse recorte de uma prática fúnebre brasileira em meio uma discussão sobre a religião ctônica antiga dos gregos, porque muitos fecham os olhos para as influências e miscigenações culturais nos cultos mágicos brasileiros a partir dos pontos de vista religiosos do homem do Mundo Antigo e seus diversos cultos, de mistérios ou populares. A Europa recebeu esse legado das crenças religiosas da Antiguidade e o transferiu para nós brasileiros, modificado e adaptado como vimos na citação acima. Assim como o grego antigo ansiava por um túmulo para garantir seu descanso, sua alimentação, reverência religiosa e participação na vida ativa de seus familiares e

[22] João José Reis. *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Companhia das Letras, 2022, pp. 239-40.

comunidade no pós vida, de igual modo o baiano de Salvador ansiava por ter a sua sepultura na igreja, porque ela era um portal para o Paraíso. Estar na igreja no pós vida, comungando com os anjos e santos, garantia a continuidade da assistência espiritual sobre a alma até a ressurreição prometida no fim dos tempos e, enquanto isso, sua participação nos assuntos da comunidade, porque naquele período tudo, absolutamente tudo, de casos policiais a políticos e judiciais, era discutido nas igrejas.

Na goécia ou Religião Antiga, as almas, portanto, eram fixadas ao túmulo no rito fúnebre para que repousassem em paz e com alegria. E assim como existiam fórmulas mágicas para fixar uma alma em seu túmulo, de igual modo existiam outras fórmulas para fazer a alma sair temporariamente do sepulcro, a fim de servir para fins de necrurgia ou divinação, o que ficou conhecido como arte necromântica. Para dar descanso a um morto, assim como para utilizá-lo em uma iniciativa mágica, era necessário trazê-lo a presença do especialista; para isso se recorria a um uso privado das práticas religiosas, como purificações, preces e oferendas que visavam aliciar a cooperação das divindades relacionadas aos mortos e dos próprios mortos.<sup>[23]</sup> O princípio por trás da dupla atividade do goês é simples [...]: a pessoa que tem poder para resolver problemas causados por espíritos, tem poder para causar problemas usando espíritos.<sup>[24]</sup> Sobre isso Jake Stratton-Kent completa, esclarecendo a goécia grega como as raízes de sua posterior interpretação, a goécia salomônica demoníaca:

Outro aspecto do envolvimento da goécia com os mortos foi a necromancia [...], a arte da divinação por meio dos mortos, [que] se correlaciona naturalmente com a habilidade de guiar os mortos para o Submundo [e de lá convocá-los]. Aqueles que podiam guiar as almas para o Submundo [também] podiam trazê-las de volta, pelo menos temporariamente. Em seu contexto religioso original, a necromancia não era percebida como antissocial, e alguns dos principais

[23] Humberto Maggi. *GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA*. Clube de Autores, 2020, pp. 29.

[24] *Ibidem*, pp. 26.

centros oraculares necromânticos existiam em todo o mundo grego.

O aspecto mais sinistro desse envolvimento com os mortos foi à capacidade de convocar tais espíritos para outros fins que não a divinação.<sup>[25]</sup> Como a divinação necromântica, esta é uma consequência natural do papel de guia das almas. No entanto, também se relaciona muito de perto com a capacidade de lidar com fantasmas hostis de vários tipos. As artes do exorcismo e da evocação estão intimamente relacionadas [a esse trabalho necrúrgico]. É a partir desse aspecto de seu passado que a goécia está associada à evocação demoníaca. As distinções entre os *daimones* [espíritos] do Submundo e os mortos sem descanso sempre foram vagas. Além disso, a experiência em ritos relativos aos mortos envolve necessariamente os deuses e guardiões do Submundo.<sup>[26]</sup> Consequentemente, sob vários disfarces, despertar espíritos [do Submundo] tem sido [uma prática] associada à goécia durante grande parte de sua história.

A impressão causada pela confusão entre a goécia salomônica e a goécia [grega] é que a goécia [salomônica] diz respeito apenas à evocação. Há uma imagem estereotipada do magista convocando espíritos em um triângulo de dentro de um círculo, convidando-os a realizar isso, aquilo e outras coisas. Isso aparentemente reduz todas as operações de goécia para um mesmo formato [salomônico universal], o que não é o caso. Mesmo desconsiderando os aspectos religiosos e funerários, a goécia [grega] envolve métodos mágicos de todas as variedades, e é verdade que a sua magia envolve a participação de espíritos em praticamente todas as suas operações, mas essas operações são variadas.

O GRIMORIUM VERUM deixa claro que todas as operações são realizadas com a ajuda de espíritos, mas seus métodos incluem o que chamaríamos de feitiços e também métodos de divinação.<sup>[27]</sup> Na maioria das vezes,

nessas operações, os selos de espíritos estão envolvidos no procedimento. Existe um método tradicional de causar danos a um inimigo através [da utilização] desses selos. No VERUM isso envolve riscar os selos dos espíritos com raspa de caixão [usado] sobre eles. [...] Em geral o VERUM emprega evocações com o propósito fundamental de forjar pactos com os espíritos [convocados], precisamente para que eles estejam dispostos a ajudar o magista em outros tipos de operação. Eu digo espíritos no plural por uma razão. Em contraste com a metodologia da goécia salomônica tradicional, como popularmente entendida, o processo do VERUM prevê a possibilidade de convocar mais de um espírito de cada vez com o objetivo de forjar pactos. Embora qualquer processo evocativo seja exigente, em termos de tempo e esforço gastos, esse processo de evocações múltiplas é consideravelmente mais econômico e muito mais produtivo. A compreensão moderna [da goécia salomônica] prevê a conjuração de um único espírito para alcançar um resultado específico, e o espírito em questão pode nunca mais ser encontrado.<sup>[28]</sup> O VERUM, por outro lado, prevê chamar um ou mais espíritos para iniciar um relacionamento de trabalho, para que, em ocasiões futuras, os mesmos espíritos possam ajudar o magista. Nessas relações subsequentes, o procedimento completo de evocação raramente é necessário; e geralmente só será empregado para iniciar relacionamentos com espíritos adicionais.<sup>[29]</sup>

Para compreender a Quimbanda como *goécia brasileira*, portanto, todo esse enredamento cultural ocidental deve ser levado em conta. Como dissertei no artigo *A Quimbanda & o Ocultismo Moderno*, a Quimbanda está inserida no contexto do *esoterismo ocidental*; nós devemos buscar nas fontes antigas e medievais o pano de fundo das correntes esotéricas modernas.<sup>[30]</sup> E este é o caso aqui. O propósito deste ensaio, portanto, deve ficar claro, muito embora o trabalho não seja isento de dificuldades: encontrar na Religião Antiga grega as raízes ctonianas que i. influenciaram inúmeros cultos aos deuses posteriormente ao longo das eras, seja na própria cultura greco-ro-

revisada em sua estrutura, descartando muito da parafernália tradicional que limita as ações do magista, como a necessidade de círculo mágico e triângulo para convocações ctonianas.

[28] N.T. Para a fórmula tradicional da goécia salomônica, veja Fernando Liguori. *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*. Clube de Autores, 2023, pp. 191.

[29] Jake Stratton-Kent. *GEOSOFIA*. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023, pp. xi-xii.

[30] Veja Antoine Faivre. *O ESOTERISMO*. Papirus, 2013, pp. 35.

[25] N.T. Ação mágica que ficou conhecida como *necrurgia*.

[26] N.T. Compare com a citação (veja nota 16 acima) retirada do segundo volume do *DAEMONIUM* acima, onde é demonstrado que os espíritos ctonianos, entre eles os *mortos sem descanso*, eram convocados por meio da autoridade de deuses ctonicos. Essa mecânica estrutural da goécia antiga foi readaptada em sua recessão salomônica, onde os espíritos menores do inferno são convocados e regidos por espíritos infernais superiores, como a Trindade Maioral: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth.

[27] N.T. Como explorei no segundo volume do *DAEMONIUM*, o *GRIMORIUM VERUM* quebra com o padrão salomônico tradicional e adota práticas mágicas que estiveram ausentes por um grande período da tradição salomônica medieval, como a realização de sacrifícios e a entrega de oferendas aos espíritos. Como Fustel e Stratton-Kent apontam, essas práticas vêm da goécia grega antiga, mas banidas dos grimórios salomônicos. O *GRIMORIUM VERUM* as resgata. Demonstrei também que, por outro lado, essas práticas permaneceram presentes e preservadas nas tradições religiosas derivadas da diáspora nas Américas. A nova síntese da magia, portanto, constitui na restauração dessas antigas práticas mágicas no contexto da magia cerimonial. Esta, no entanto,

mana, seja no catolicismo medieval europeu, demonstrando a influência necromântica da goécia nessas recessões posteriores, o que inclui os grimórios salomônicos tradicionais e modernos (como vimos na citação acima); ii. e que têm influenciado a nova síntese moderna da magia da qual a Quimbanda é uma expressão brasileira genuína.

A linguagem mítica grega evolui das formas agrárias e primitivas de interação com os espíritos até a religião dos deuses aristocratas que ocorre no tempo de Homero. Vamos ver mais de perto algumas das antigas crenças necromânticas dos gregos a luz de Fustel<sup>[31]</sup> e que levaram a sistematização das práticas fúnebres que ficaram conhecidas como goécia e do papel do *goês*, o feiticeiro grego. A partir disso, buscar estabelecer pontes diretas com a *goécia tradicional brasileira*, a Quimbanda.

Os gregos do Mundo Antigo acreditavam que a alma de um defunto vivia no túmulo e que este, como vimos, a partir da presença da alma, tornava-se uma zona de poder, um assentamento através do qual o morto poderia receber oferendas, sacrifícios e lamentações fúnebres. A alma do defunto, portanto, estava conectada a sua ossada e a parte do solo em que ela se encontrava. Ali era sua casa. Além disso, a alma não estava obrigada a prestar contas de suas ações em vida: uma vez no túmulo ela não aguardava recompensas ou passava por qualquer suplício em detrimento de suas ações enquanto na legião dos vivos.

Assim como na frente dos templos havia altares de sacrifício aos deuses, os túmulos eram considerados altares de sacrifício aos mortos. O túmulo era para esses gregos do Mundo Antigo um altar ctônico: flores e folhas o decoravam; sobre ele eram oferecidas frutas, doces, sal, leite, mel e o sangue de uma vítima sacrificial. Essas oferendas não eram comungadas com os vivos, mas oferecidas diretamente e somente aos mortos. O vinho e o leite eram derramados em libações diretamente sobre a terra do túmulo. Um buraco era feito diretamente sobre a terra para que as oferendas sólidas

e o sangue dos animais imolados chegassem diretamente ao defunto. A carne derivada das imolações era completamente consumida pelo fogo, acompanhada das lamentações que o convidavam para comer e beber. Era uma impiedade os vivos tocarem nas oferendas dos mortos após estas serem consagradas e ofertadas.

As crenças que os gregos começaram a desenvolver sobre a alma e sobre a morte, portanto, exigiram a criação de regras fúnebres de conduta ritual, porque uma vez que os mortos precisavam de comida e de bebida, os gregos entenderam que era uma obrigação dos vivos satisfazer as necessidades dos mortos. E isso acabou por se tornar uma obrigação religiosa a ser cumprida, e não o capricho das decisões humanas. É assim que começa a antiga religião ctônica dos gregos, a goécia grega, cujos ritos e crenças perduraram até sua releitura salomônica com o triunfo do cristianismo.

Os mortos eram considerados divindades ou *theos ctonius*, i.e. deuses terrestres ou do submundo. Ó tu que és um deus sobre a terra, assim convocava um filho ao seu pai morto em Ésquilo.<sup>[32]</sup> *Esta agora é uma divindade bem-aventurada*, diz Eurípi-des ao falar de Alcestre.<sup>[33]</sup> Os romanos chamavam estes mortos divinizados de manes, os quais Cícero se referiu como *seres divinos*.<sup>[34]</sup> Cada defunto, portanto, era uma deidade reverenciada.

Os gregos e os romanos acreditavam que se os mortos não fossem oferendados e para eles não fossem realizadas celebrações fúnebres, os mortos saiam de seus túmulos para aterrorizar os vivos como sombras errantes, fantasmas. Estes mortos negligenciados podiam causar doenças, destruir laços familiares e provocar a aridez da terra. Até que a piedade para com eles fosse reestabelecida, os mortos não davam trégua aos vivos. Os sacrifícios, as oferendas votivas e as libações faziam com que os mortos voltassem ao túmulo, restaurando a tranquilidade de seu repouso e sua

[31] Fustel de Coulanges. A CIDADE ANTIGA. Martin Claret, 2009.

[32] Ibidem, pp. 29.

[33] Ibidem.

[34] Ibidem.

condição divina, reverenciada. Dessa forma o homem voltava a ter paz com os mortos.

Os mortos desdenhados, aqueles que não recebiam nenhum tipo de piedade, eram os *mortos sem descanso* e, portanto, os espíritos malfazejos que os *goês* tornaram-se peritos em convocar na época da *pólis*. Os mortos que recebiam a piedade e eram honrados como deuses ctonianos com oferendas e sacrifícios, tornavam-se espíritos tutelares. Estes, diferentes dos *mortos sem descanso*, ajudavam os vivos com proteção, sorte e prosperidade. Embora morto, e especialmente porque se encontrava nessa condição, ele possuía força e poder. Por isso a ele eram endereçadas rezas que lhe rogavam suporte e favores. *Ó deus subterrâneo, me sejam propício, cita Eurípides, que acrescenta: cremos que, se não tivermos nenhuma atenção com esses mortos e desdenharmos o seu culto, eles nos farão mal e, ao contrário, nos farão bem se os tornarmos propícios com nossas oferendas.*<sup>[35]</sup> Fustel conclui:

Essa religião dos mortos parece ser a mais antiga que existiu nessa raça de homens. Antes de conceber e adorar Indra e Zeus, o homem adorou os mortos; teve medo deles, dirigiu-lhes orações. Parece que o sentimento religioso tenha começado com isso. Foi talvez a visão da morte que o homem teve pela primeira vez a ideia do sobrenatural e quis ter esperanças para além do que via. A morte foi o primeiro mistério; pôs o homem nos caminhos dos outros mistérios. Ela [a morte] elevou o pensamento do visível para o invisível, do transitório para o eterno, do humano para o divino.<sup>[36]</sup>

Qualquer *kimbanda* da Quimbanda ou oje do Égúngún sente-se familiarizado ao estudar a antiga necromancia grega, dada a incrível semelhança no trato com os mortos. Como venho expondo desde o primeiro volume do *Daemonium*,<sup>[37]</sup> a feitiçaria de modo geral é universal; suas técnicas são universais, mudando pouca coisa de uma cultura a outra. A água é utilizada universalmente para limpeza, o sal é utilizado universalmente na necromancia para prover o morto com o sabor da vida novamen-

te. Sobre o uso do sal eu fiz uma nota no Instagram:

Ao analisar o culto aos mortos na Grécia Antiga, Fustel de Coulanges diz: *o túmulo era cercado de grandes guirlandas de ervas e de flores, que nele se colocavam doces, frutas, sal e sobre ele se derramava leite e vinho e, às vezes, o sangue de uma vítima.*<sup>[38]</sup> Em Homero, os mortos vivem uma vida sem sabor. Era uma demanda dos mortos que oferendas lhes fossem entregues pelos vivos para que pudessem recordar dos sabores da vida. E os mortos exigiam oferendas doces e salgadas.<sup>[39]</sup> Os gregos cultuavam o sal, lhe rendiam hinos, porque o consideravam grande, pois trazia sabor a vida.

Na cultura *yorùbá* o sal (*iyò*) é um dos elementos fundamentais de alguns *òrìṣà* e *égún* diversos. Em Ifá, Isésé Làgbà, Égúngún, no culto as *Ìyámì Oṣoronga*, o sal é amplamente utilizado, trazendo as virtudes do sabor e da conservação. *Yemí Èlẹ̀buibọ̀n* diz que o sal é um elemento que nunca pode faltar no mais importante sacrifício propiciatório, o *ẹ̀bọ̀ tūtù*.<sup>[40]</sup> A Quimbanda *Nàgô* herda da cultura *yorùbá* muitos fundamentos, incluindo o uso do sal.

No Culto de Égún que se realiza na Quimbanda *Nàgô* no fundamento do Cruzeiro das Almas, é indispensável oferendas votivas salgadas e doces. É uma obviedade que os mortos, tendo sido vivos encarnados, comem tudo que os vivos comem: comidas salgadas e doces, e bebidas também. Me lembro que minha avó preparar um prato de feijoada para um falecido e dizer: ele gostava bem salgadinho. Cozinhava rezando o terço, com ele em mãos.

Estou tecendo este pano de fundo sobre a universalidade das técnicas de feitiçaria porque você poderia argumentar: *mas a Quimbanda não é necromancia grega*. Não é mesmo! E nós só utilizamos do nome *goécia* aqui relacionado a Quimbanda porque ela se conectou diretamente ao Ocultismo moderno<sup>[41]</sup> a partir da síntese de Aluízio Fontenelle na década de 1950, naquilo que ficou conhecido como *nigromancia*, a magia negra demoníaca. E como a *goécia nigromântica* medieval e moderna derivam da *goécia grega* antiga como vimos acima na citação de Jake Stratton-Kent, aqui esta-

[35] *Ibidem*, pp. 31, nt. 9.

[36] *Ibidem*, pp. 32-3.

[37] Clube de Autores, 2019.

[38] Fustel de Coulanges. A CIDADE ANTIGA. Martin Claret, 2009, pp. 26.

[39] Homero. *Ilíada*. Campanha das Letras, 2005, pp. 279.

[40] *Yemí Èlẹ̀buibọ̀n*. The Healing Power of Sacrifice. Athelia Henrietta Press, 2000, pp. 246.

[41] Veja o artigo *A Quimbanda & o Ocultismo Moderno*.

mos, estabelecendo relações que explicam por que a Quimbanda é *goécia brasileira*. É nesse processo de estabelecer as relações que a ideia das técnicas universais de feitiçaria entra: há pouquíssima diferença no *modus operandi* grego de lidar com os mortos do *modus operandi* brasileiro. As imolações sacrificiais, as oferendas e muitos dos elementos que as compõem como mel, leite, doces, pães, sal, vinho, água, frutas, folhas e tubérculos etc., as lamentações e as técnicas de feitiçaria, é tudo muito parecido. Os *mortos sem descanso* dos gregos na Quimbanda são *égún* diversos ou *kiumbas*, e os mortos considerados deuses ctônicos e espíritos tutelares são os Gangas da Quimbanda.<sup>[42]</sup> Como veremos a seguir, assim como o *goês* na Grécia Antiga, de igual modo o *kimbanda* no Brasil trata-se de um manganeumata das sombras, um proscrito social.

Anteriormente eu disse que os arcanos da sabedoria religiosa da Antiguidade no Mediterrâneo foram transferidos a Europa que, adaptando-os ao ritual católico ortodoxo e popular, os transferiu ao Brasil. Outro exemplo clássico dessa transferência e miscigenação mágico-cultural é o ritual das antigas *carpideiras* que aqui no Brasil faziam o mesmo trabalho do *goês* grego, responsável pelas lamentações que conduziam as almas dos mortos até o Submundo.

As *carpideiras* ou choradeiras, como eram chamadas, possuíam um papel importante nos ritos fúnebres, principalmente em comunidades rurais e em cidades no interior do Nordeste. A função das *carpideiras* era lamentar através do choro acompanhado de ladainhas a partida do morto. Os objetivos eram: i. as *carpideiras* acompanhadas de lamentações coletivas, convocavam a alma do morto dando-lhe conforto fúnebre e, ao mesmo tempo, o dirigiam a casa de Deus, i.e. as igrejas onde haviam os sepulcros, dentro ou em sua área; ii. causar uma catarse coletiva, proporcionando aos parentes, amigos e vizinhos liberar as emoções contidas em favor da alma do morto no ritual do velório. João José Reis fala da he-

[42] Veja o artigo de Táta Kimumbu, A Catábase na Quimbanda Nâgô para diferença entre Exu, Kiumba e Égún.

rança cultural da prática fúnebre das *carpideiras*: *O primeiro anúncio de luto era dado por carpideiras, amiúde profissionais experientes que com os seus choros convulsivos tornavam público o ocorrido. [...] Essa tradição – mais que portuguesa, mediterrânea, e também africana e indígena – funcionava como uma convocação [...]. Como em Portugal, havia carpideiras profissionais, que não podiam falhar em um ritual bem arranjado.*<sup>[43]</sup> Essa passagem elucida a universalidade das técnicas de feitiçaria e, no tocante ao nosso objeto de pesquisa, a feitiçaria necromântica: entre os egípcios, gregos, romanos, europeus e brasileiros, sem mencionar outros povos e culturas, encontramos uma espécie de unidade entre as técnicas e formas de lidar com os mortos.

Essa prática das *carpideiras* foi assimilada pela religião brasileira *ayahuasqueira* conhecida como Santo Daime<sup>[44]</sup> em uma forma diferente. O ritual conhecido como A Santa Missa do Mestre Irineu é estruturado a partir do canto de dez hinos psicagógicos cujo objetivo é convocar e dar direção aos *mortos sem descanso*.<sup>[45]</sup> No primeiro hino psicagógico da Missa do Mestre Irineu temos:

Para os tempos que estavas no mundo  
Mandaram te chamar  
Na casa da Mãe Santíssima  
Para ti, para ti apresentar

Senhora Mãe Santíssima  
Eu vim me apresentar

[43] João José Reis. A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. Companhia das Letras, 2022, pp. 159-60.

[44] O Santo Daime opera a partir da miscigenação da pajelança amazônica, do catolicismo popular, e do espiritismo. Há inserções indígenas, mas elas são menores. A partir de uma experiência visionária com a Virgem Maria aparecendo como a Rainha da Floresta por meio do uso da *ayahuasca*, Raimundo Irineu Serra (1892-1971) fundou a religião do Santo Daime. Trata-se de um genuíno culto de êxtase brasileiro. Através do espírito presente em uma bebida sagrada, o Santo Daime, os fardados (nome pelo qual se identificam os adeptos iniciados no culto) têm uma jornada extática guiados pelos hinos cantados em coro.

[45] A *Sagrada Missa do Mestre Irineu* é realizada toda primeira segunda feira do mês, dia da Lua, i.e. um dia propício para conexão com os espíritos dos mortos. O objetivo da Missa do Mestre Irineu é fazer um trabalho de caridade para as almas sem descanso. Levadas a comungar com o espírito do Santo Daime, as almas são recolhidas e agregadas no Cruzeiro das Almas, presente em todas as igrejas da religião, e dali direcionadas pelo poder do ritual e pela luz de Juramidam.

Atender Vosso chamado  
Que Vós me, que Vós me mandou chamar

Te apresenta ao Vosso Pai  
Foi quem mandou te chamar  
Teu tempo completou  
Que é para ti, que é para ti te apresentar

Oh meu Senhor amado  
Eu vim me apresentar  
Atender Vosso chamado  
Que Vós me, que Vós me mandou chamar

Confessa os teus crimes  
Do mundo de ilusão  
Que é para ver se eu posso  
Para ver se eu posso,  
para ver se eu posso dar o perdão

Os tempos que eu estive no mundo  
De Vós, Senhor, nada me faltou  
Só eu tanto ofendi  
Tanto ofendi,  
tanto ofendi a Vós Senhor

Os tempos que eu estive no mundo  
Com a proteção de Vós, Senhor  
Só eu tanto ofendi  
Tanto ofendi,  
tanto ofendi a Vós Senhor

Oh meu Senhor amado  
Soberano santíssimo Senhor  
Só eu tanto ofendi  
Tanto ofendi,  
tanto ofendi a Vós Senhor  
Só eu tanto ofendi  
Tanto ofendi  
e me perdoai, Senhor

Diferente de outros rituais como a *concentração* ou os *bailados*, o rito da missa é carregado, pesado, choroso, arrastado e melancólico. Não há nenhum tipo de instrumento musical. Todos os hinos são apenas cantados e eles são puxados pelas mulheres, que atuam como *carpideiras*. E de igual modo, o *aşèşè*, o ritual fúnebre da Quimbanda Nàgô, assim como de outras tradições africanas e afro-disaspóricas nas Américas, é acompanhado de lamentações psicológicas. Nesse ritual o couro dos tambores é afrouxado, criando uma atmosfera lúgubre e pesada ao serem tocados. No fim do toque tira-se o couro dos tambores, quando eles são deitados no chão em reverência ao morto cujo ritual dá direção a armada do Chefe Império Maioral, o Diabo. Então, não sendo a Quimbanda a goécia grega, ela recebe muita influência desta, via a herança ancestral nos legada pelos portugueses,

que as receberam já transformadas, cristianizadas. Como demonstrei desde o segundo volume do *DAEMONIUM*, a Quimbanda foi formada dentro de um caldeirão caudaloso de miscigenação cultural, recebendo no presente antigos arcanos mágico-religiosos do passado, preservando-os e adaptando-os a realidade de hoje.

Como escrevi no ensaio *Quimbanda como Sistema Religioso*, todo tipo de prática religiosa não sancionada pelo Estado aristocrata grego era chamada de goécia. A antiga religião familiar de culto aos mortos dos gregos, a partir da formação da *pólis*, foi rejeitada pelo Estado, muito embora as suas técnicas tivessem sido transferidas para a nova religião urânica dos deuses olímpicos. Na citação de Daniel Ogden que fiz na introdução deste texto, o autor lança luz sobre isso: as técnicas utilizadas pelos sacerdotes do Estado grego nas cerimônias oficiais, incluindo àquelas fúnebres, eram as mesmas técnicas utilizadas pelos feiticeiros (*goês*) que realizavam ritos exclusivos para os indivíduos ou famílias que os procurassem e os pagassem. A diferença residia no que o Estado permitia: se a cerimônia fosse realizada por um sacerdote sancionado pelo Estado, era um exercício religioso legítimo; caso o sacerdote oficiante fosse um feiticeiro que oferecia serviços fúnebres particulares, era uma prática proscribita de feitiçaria ilegal.<sup>[46]</sup>

[46] Esse tipo de proscrição ocorre hoje no Estado brasileiro. Como demonstrei no livro *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA* (Clube de Autores, 2023), o feiticeiro e a feitiçaria são tabus sociais, indivíduos e práticas proscribitas pela sociedade brasileira, desde o período colonial, com acentuação da perseguição religiosa no período do Estado Novo de Getúlio Vargas (1882-1954). Para contextualização veja três obras de Diamantino Fernandes Trindade: *FEITICEIROS E FEITIÇARIA NO SEGUNDO IMPÉRIO DO BRASIL*. Editora do Conhecimento, 2019. *HISTÓRIA DA UMBANDA NO BRASIL VOL. 7: MACUMBAS E PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS*. Editora do Conhecimento, 2018. *HISTÓRIA DA UMBANDA NO BRASIL VOL. 9: NOTÍCIAS HISTÓRICAS DA MACUMBA*. Editora do Conhecimento, 2018. Veja também o ensaio de Nathália Fernandes, *Legitimação e construção da identidade brasileira*. Em Leal de Souza. *O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA*. Editora Aruanda, 2019. Para uma visão degradada e degenerada do *kimbanda* feiticeiro da Macumba, veja Roger Bastide. *As Religiões Africanas no Brasil*. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1960. Vol. 2, pp. 405. Para completar o estudo preliminar e contextualização mais profunda, veja João José Reis. *O ALUFÁ RUFINO: TRÁFICO, ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO ATLÂNTICO NEGRO*. Companhia das Letras, 2017. Veja também Luís Rafael Araújo Corrêa. *FEITIÇO CABOCCO: UM ÍNDIO MANDINGUEIRO CONDENADO PELA INQUISIÇÃO*. Paco Editorial, 2018. E de Renato Ortiz veja: *A MORTE BRANCA DO*

É só a partir desse momento, a formação das Cidades-estados e a estruturação da religião grega aristocrática, que o *goês* tornou-se um proscrito social. Jake Stratton-Kent diz:

O goen era originalmente bastante distinto do feiticeiro antissocial e marginalizado que se transformou. Ao contrário, as artes do goeten<sup>[47]</sup> foram realizadas abertamente em nome da comunidade. Mais tarde, o termo passou a ser vagamente intercambiável com outros, como os *pharmacoí* que derivam seu nome da manipulação das drogas empregadas, e assim por diante. Enquanto esses termos neutros se referem às artes praticadas, a etimologia da goécia vem do goen, uma pessoa. Não são as artes praticadas que definem a goécia, mas as habilidades pessoais e os recursos internos [do feiticeiro]. Isso vem de uma fase da cultura em que a magia não era percebida como uma esfera de atividade especializada ou marginalizada, mas permeava toda a existência. Em fontes literárias, esse feiticeiro lamentador também era chamado de *psicogôgogo* ou guia de almas, um termo que tinha o significado adicional de necromante. Na peça Os Persas, de Ésquilo (524-455 a.C.), as obras do psicogôgogo e os efeitos mágicos inerentes ao ato de lamentar (*goin*) são utilmente retratados. Há uma cena dramática em que a sombra do imperador persa Dario é convocada pelos ritos de um culto aos heróis, o que é altamente ilustrativo [...]. Até certo ponto, no entanto, Ésquilo e outros simplesmente nos mostram que tais ritos e práticas faziam parte da cultura geral.

Tendo em mente que os ritos de luto eram vistos como possuindo o poder de evocação, também é um fato conhecido que os convocados também poderiam ser contratados. [...] e não há dúvidas de que existiam especialistas em tempo integral em evocações. Tais ritos [evocatórios] e tais feiticeiros tinham o poder de guiar as almas para o Submundo e convocá-las quando necessário para o mundo dos vivos. De fato, eles [os feiticeiros] formaram uma ponte entre os mundos em sua própria pessoa. Tal guia de almas foi personificado pelo deus Hermes, que se tornou uma deidade preeminente entre os magistas. Ele era capaz de voar por longas distâncias rapidamente, descer e subir do Submundo. No período Clássico, após os sacrifícios oferecidos a alma do morto

FEITICEIRO NEGRO. Editora Brasiliense, 2011. Todas essas obras corroboram com o que eu disse no primeiro volume do DAEMONIUM (Clube de Autores, 2019): não houve qualquer cultura ou tempo na história da humanidade onde o feiticeiro, a margem das religiões estatais ou culturalmente aceitas, fosse bem-visto. O feiticeiro desde o período grego clássico, sempre foi um proscrito social. Foi assim na Grécia Antiga, na Europa Medieval, e é assim hoje no Brasil.

[47] N.T. Os termos *goen* e *goeten* utilizados pelo autor são equivalentes ao *goês*: feiticeiro, encantador por lamentação.

após seu falecimento, em seguida fazia-se um sacrifício a Hermes para guiá-lo pelo Submundo.<sup>[48]</sup>

De Platão no período clássico grego aos padres da Patrística e filósofos-teurgos neoplatônicos no fim da Antiguidade, o *goês* foi perseguido e condenado; do feiticeiro necromante dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS as recessões medievais e modernas dos magos eruditos dos grimórios; as feiticeiras ibéricas acusadas de bruxaria, torturadas, mortas ou degradadas; os feiticeiros africanos em Portugal e no Brasil; os índios guerreiros mandigueiros brasileiros; dos *kimbandas* das Macumbas cariocas aos *táta-ngangas* da Quimbanda e pais de santo do Candomblé e Umbanda; todos, sem exceção, foram no passado e permanecem hoje proscritos sociais. A necromancia, fundamental área de atuação desses feiticeiros, tem sido um tabu social da cultura ocidental desde a Antiguidade. Ela esteve ausente desde o fim da Idade Média e início da Era Moderna no que se conveniu chamar de *magia ocidental* e no contexto do *Ocultismo* moderno como um todo, em contraste com as tradições vivas que existem no mundo. Disso surgem muitos problemas porque se criou uma grande lacuna, que levou a perdas significativamente *capacitantes* na compreensão lógica da magia, no entendimento de sua relevância social, e sobre o mecanismo pelo qual a magia realmente funciona.<sup>[49]</sup>

Um ponto chave de compreensão deste limitado estudo é esclarecer que a tradição dos grimórios salomônicos e, portanto, o LEMEGETON que trata da goécia salomônica, tem suas origens não na lenda de Salomão, mas na antiga religião grega dos mortos no período pré-homérico e posteriormente, no período helênico. É neste momento do Mundo Antigo que se encontra o *onfalo* (umbigo/centro) da goécia. A goécia, portanto, tem origem religiosa real, e não

[48] Jake Stratton-Kent. GEOSOFIA. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023, pp. 126-7.

[49] O principal impulso do meu argumento diz respeito à magia ocidental dominante, derivada dos grimórios. Também estão implícitos efeitos subsequentes sobre a magia cerimonial de vários tipos no período moderno.

está centrada, originalmente, em torno do mito salomônico.

A origem literária dos grimórios salomônicos deriva dos fragmentos órficos, passa pelos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e literatura bizantina. Esse fluxo acabou por se encontrar com o cristianismo medieval e com o neoplatonismo hermético renascentista. De toda essa confluência nasceram os grimórios salomônicos, que alteraram de muitas maneiras as concepções mágico-religiosas tradicionais das fontes que os inspiraram. Estes grimórios foram recheados de nomes bárbaros derivados da Kabbalah judaica, e que foram utilizados de igual modo aos nomes bárbaros de outras culturas no contexto dos papiros gregos, demonstrando certa continuidade. Ignorar as raízes antigas da magia salomônica tem sido um dos maiores erros dos magistas modernos, que se concentram em demasia na Cabalá e se esquecem completamente das fontes greco-romanas. Os magistas renascentistas não veriam sentido nenhum nisso.

A alteração mais drástica de todas, quem sabe, foi a ausência total de comunicação com os mortos como agentes ativos nas operações de magia. Muito embora a Igreja tenha sido complacente com muitos dos velhos costumes pagãos, o antigo culto e reverência aos mortos foi uma exceção, porque eles estavam diretamente associados à prática da magia no Mundo Antigo. A consequência disso é que a Igreja assumiu em grande parte a responsabilidade total por esse aspecto da vida religiosa, introduzindo novas concepções acerca dos mortos, que se separaram da tradição mágica de acordo com a nova doutrina imposta, com consequências negativas de longo alcance. Mais obviamente, as variadas funções dos mortos na Religião Antiga foram completamente perdidas.

O LEMEGETON ou A GOÉCIA DE SALOMÃO simplesmente substituiu os mortos, os principais agentes mágicos utilizados pelos feiticeiros do período helênico, por anjos caídos, i.e. demônios. No TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA, Agrippa (1486-1535) lista alguns desses demônios como agentes

aéreos. E é interessante porque na Religião Antiga os mortos sem descanso que não possuíam túmulo eram considerados espíritos atormentadores aéreos, mas que de modo algum foram taxados como maus. É a partir dos grimórios que esses espíritos, já rebatizados como demônios, aparecem como maus e de baixíssima classe. Em A CHAVE DE SALOMÃO não há um capítulo sequer sobre arte necromântica. Que isso é uma omissão deliberada é inferido a partir do capítulo sobre as tabulações lunares, os dias e as horas planetárias adequadas para convocação de mortos. No QUARTO LIVRO DE FILOSOFIA OCULTA atribuído a Agrippa, no entanto, os mortos e os espíritos da natureza são listados dentre aqueles convocados pelo magista, e as instruções do livro sugerem que os magos dos tempos antigos estiveram todos envolvidos com a convocação dos mortos.

Raras vezes nos grimórios salomônicos ocorreram menções aos mortos. De modo geral, o único sinal de suas antigas funções são as convocações ocasionais de fantasmas, i.e. os antigos mortos sem descanso, convocados nos túmulos ou no local onde ocorreu um suicídio. Esses mortos, considerados espíritos de baixíssima categoria, deveriam ter falecido a pouco tempo. Mas na antiga religião ctônica grega os mortos não eram organizados como espíritos de tipo inferior, muito pelo contrário, eles eram organizados em hierarquias divinas, adorados como deuses do Submundo. Muitos desses mortos foram reverenciados posteriormente como magos e hierofantes creditados como pais fundadores do *esoterismo ocidental* nos primórdios do Mundo Antigo.<sup>[50]</sup>

Agora, considerando como os magistas modernos veem os *supostos* demônios dos grimórios, esse tipo de goécia muito mais antiga que os próprios grimórios causará consternações: antigos magos e hierofantes mortos e fantasmas em geral renomeados de *demônios* na tradição salomônica, deveria colocar uma pulga atrás da ore-

[50] Jake Stratton-Kent. THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. Vol. 2. Scarlet Imprint, 2014, pp. 133-140.

lha. Nos cultos mágicos do Mundo Antigo e Antiguidade não houve precedentes para ausência dos mortos nos grimórios. E eles também não estão ausentes nas tradições vivas ao redor do mundo. Mesmo assim, com a ausência dos mortos, o termo necromancia esteve associado aos grimórios, no entanto, modificado – possivelmente para ocultar essa mudança – para *nigromancia*, nublando o entendimento real da comunicação com os mortos com uma classificação carente de significado verdadeiro: divinação negra no senso comum.<sup>[51]</sup> E muito embora a tradição salomônica tenha dado um sentido amorfo a palavra goécia, ambas as tradições se mantiveram conectadas após o triunfo do cristianismo.

O *renascer da magia dos grimórios* irá requerer de muitos magistas, portanto, uma revisão total na própria perspectiva mágica em relação aos grimórios, principalmente aqueles derivados da *Bibliothèque Bleue*,<sup>[52]</sup> uma perspectiva necromântica e, portanto, goécia. Isso se faz necessário por inúmeras razões, mas a principal é porque a goécia é a única tradição mágica genuinamente contínua na magia ocidental ou, no que conveniu-se chamar, *esoterismo ocidental*. A goécia representa as raízes de muitas tradições e correntes mágico-iniciáticas antigas que alimentaram o *esoterismo ocidental*. Quando falamos de goécia, portanto, é intolerável que magistas que se dizem praticantes da arte mal compreendam seu nome como referência a um livro escrito muitos séculos depois que o termo foi utilizado pelos gregos. A GOÉCIA DE SALOMÃO é uma forma deturpada de goécia onde elementos importantes da tradição viva foram completamente perdidos, e as operações de magia com os mortos, quem sabe, o mais importante de todos.

No Ocidente a necromancia sobreviveu nas atividades dos feiticeiros e nos costumes populares, e na Idade Moderna, no Espiritismo. No contexto do *renascer da ma-*

*gia*,<sup>[53]</sup> a necromancia que sobreviveu no submundo do folclore e da feitiçaria popular, não fazia parte da síntese moderna da magia promulgada primeiro por MacGregor Mathers e continuada por Aleister Crowley. Seguindo a ausência da necromancia nos grimórios, a síntese moderna desenvolveu profundo preconceito com o Espiritismo, no entanto, mantendo uma relação ambivalente com a Teosofia.<sup>[54]</sup> Isso mudou radicalmente a perspectiva mágica ocidental contemporânea. Se o *Ocultismo* nasce na escola francesa de magia, o que tem se conveniado chamar de *esoterismo ocidental* é um produto da escola inglesa de magia.<sup>[55]</sup> Todo o paradigma mágico que se produziu a partir da síntese moderna de Mathers e Crowley, não encontra respaldo ou ressonância nas tradições vivas da África e das Américas, muito embora Aluízio Fontenelle tenha estabelecido uma ponte de conexão entre a Quimbanda, i.e. o Ocultismo brasileiro, e o Ocultismo moderno.

Aqueles magistas que se dedicam aos métodos delineados em A GOÉCIA DE SALOMÃO, como ficou conhecido o conteúdo do LEMEGETON, se beneficiarão em dar um passo atrás e compreender o verdadeiro passado necromântico da goécia. Não é de se desconfiar que os manuscritos deste grimório só existam em inglês? Isso diz muito acerca da direção de interpretação que se dá a ele na contemporaneidade. A visão da goécia moderna deriva em grande parte da visão pessoal de Aleister Crowley. Para os operadores da goécia a partir das religiões vivas afro-diaspóricas nas Américas, o que delinea a *nova síntese da magia* da qual a

[51] Veja nota 11 acima.

[52] Veja Seção II abaixo. Veja também o artigo História vs Idealismo Histórico: A Quimbanda & a Nova Síntese da Magia.

[53] Occult revival, traduzindo livremente como renascer da magia, nome pelo qual foi conhecido no Brasil a partir da obra de Kenneth Grant (1923-2011) de 1972, com o mesmo título, publicado primeiro pela Editora Madras (década de 1990) e posteriormente pela Editora Penumbra (década de 2010). O *renascer da magia* foi um movimento de reavivamento do *Ocultismo* e as matérias de estudo, bem como as escolas de iniciação que o compõem, no fim do Séc. XIX. Arthur Edward Waite (1857-1942) é considerado o mentor e autor pioneiro deste *renascer da magia*. Não confundir com o *renascer moderno da magia dos grimórios* (*grimoire revival*), que venho me debruçando em meus livros anteriores e artigos para *Revista Nganga*.

[54] Referência a *Sociedade Teosófica*, fundada em 1875, e os ensinamentos de H.P. Blavatsky (1831-1891) como um todo.

[55] Veja o artigo *A Quimbanda & o Ocultismo Moderno*.

Quimbanda é a expressão mais fiel, os grimórios populares da *Bibliothèque Bleue* e O LIVRO DE SÃO CIPRIANO são mais importantes e muito mais úteis, pelos motivos que demonstrei no segundo volume do DAEMONIUM.

A goécia originalmente, portanto, não tinha nada a ver com anjos caídos ou demônios, mas com a comunicação com os mortos. É somente a partir da *interpretatio Christiana* com o triunfo do cristianismo que os mortos foram feitos demônios na tradição salomônica. A relação com os mortos era um elemento central da religião e magia greco-romana, assim como nas tradições pagãs europeias. Como falei anteriormente, a Igreja não foi tolerante com os costumes funerários pagãos, primeiro porque os mortos eram elementos ativos das práticas mágico-religiosas, segundo porque precisava de um controle total das áreas consideradas sagradas aos pagãos, como as antigas necrópoles que deram lugar aos cemitérios.<sup>[56]</sup> A partir da clandestinidade, clericais<sup>[57]</sup> começaram a editar a magia clássica antiga nos primeiros grimórios medievais que acompanharam o desenvolvimento da tradição salomônica, refletindo uma nova tônica de interpretação na magia: os mortos em sua grande variedade foram banidos dos grimórios e substituídos por anjos caídos, i.e. demônios. Período quando a necromancia foi substituída por *nigromancia*. A primeira lida com espíritos dos mortos como agentes intermediários, a segunda lida com demônios como agentes intermediários.

[56] Michel Lauwers. O NASCIMENTO DO CEMITÉRIO: LUGARES SAGRADOS E TERRA DOS MORTOS NO OCIDENTE MEDIEVAL. Editora Unicamp, 2021.

[57] Os grimórios nascem do submundo clerical da Europa medieval. As técnicas e procedimentos rituais dos grimórios sugerem que o operador não só tinha conhecimento das fórmulas litúrgicas da Igreja, mas acesso total a robes, objetos cerimoniais, ao altar etc. A maioria dos grimórios medievais foram escritos em latim, idioma dominado somente pelos clérigos e pelos membros da aristocracia. Isso também sugere que os grimórios foram escritos por clérigos para o uso de clérigos. Muito provavelmente a magia dos grimórios foi utilizada para o ganho de poder político na Igreja. Os grimórios contêm técnicas para o controle da vontade e desejos alheios, e também adquirir favores de pessoas ilustres. Veja Richard Kieckhefer. FORBIDDEN RITES. Penn State Press, 2016. Veja também Aaron Leitch. SECRETS OF THE MAGICKAL GRIMOIRES. Llewellyn Publications, 2013, pp. 57-61.

E é interessante notar que os mortos que permaneceram em alguns grimórios são sempre espíritos de baixa classe, que na Quimbanda conhecemos como *kiumbas*: criminosos executados, suicidas, fantasmas irritados, zombeteiros e obsessores. Não há nenhuma menção a espíritos superiores, que na Quimbanda são os Exus: ancestrais-heróis ou sub-deuses, que antes eram categorias importantes de espíritos na magia clássica. É a doutrina dos santos que adapta essa classe de espíritos do mundo pagão, frequentemente incompreendidos pelos operadores dos grimórios. Jake Stratton-Kent diz:

Além dos anjos da *magia segura ou permitida*, os espíritos dos grimórios são chamados de maus e erroneamente identificados como anjos caídos por razões em grande parte teológicas não conectadas – e corrosivas – a própria tradição mágica. A identificação errada é agravada ainda mais na influente reformulação da *Golden Dawn* [Ordem Hermética da Aurora Dourada] e seus sucessores [como Crowley e Thelema]. Lá, o termo *qliphoth* é aplicado a espíritos (e a magia) com pouca ou nenhuma conexão real com a Cabalá. É claro que é impossível forçar espíritos como Vassago a tal categoria com qualquer convicção. Apenas o papel secundário dos espíritos na magia moderna torna tais inconsistências invisíveis.

Que anjos e demônios planetários são dois lados da mesma moeda é em grande parte uma questão de fato histórico, e a natureza ambivalente dos Archons já foi citada. Aliás, observe a falta de rosto da maioria dos anjos nos grimórios, em comparação com as personalidades muito mais claras dos demônios. Observe também que – como vários autores antigos e modernos observaram – espíritos planetários e outros espíritos astrológicos são tão propensos a serem chamados de demônios quanto anjos. Eles são, em muitos aspectos, as mesmas criaturas, forçadas a uma camisa de força dualista. Haverá problemas técnicos enquanto continuarmos a enfatizar demais a goécia salomônica e imaginar que a Cabalá, em vez da magia clássica, seja a principal raiz de nossas tradições. Uma comparação da goécia antiga com a prática das Religiões Tradicionais Africanas é de fato essencial para o crescimento da [nova síntese da] magia e não pode ser evasada com nenhuma vantagem. A influência das Religiões Tradicionais Africanas está se tornando abrangente, e o potencial para uma síntese da qual possamos participar de forma significativa exige que reexaminemos as origens reais da magia ocidental e a natureza dos espíritos.

[...] Claramente, toda a ideia de um reino espiritual, e de lidar com espíritos, tem uma base escatológica que foi perdida de vista na era moderna. O processo evolutivo é aquele em que tanto os iniciadores quanto os espíritos têm um interesse muito real. Isso fornece um contexto no qual os espíritos têm motivos para desejar trabalhar conosco. No modelo moderno padrão, tal motivo está praticamente ausente; eles são retratados essencialmente como comerciantes ou lojistas não remunerados que cedem aos magistas por nenhuma razão aparente além da coerção. Isso é – para dizer o mínimo – filosoficamente insatisfatório. Uma vez que a magia ocidental reconhecer e se reconectar com o aspecto central negligenciado de suas próprias origens, o Ocultismo se torna mais satisfatório e significativo para praticantes e aspirantes, mas também potencialmente para a comunidade em geral.<sup>[58]</sup>

Para encerrar essa seção e avaliarmos na próxima a Quimbanda como genuína manifestação brasileira da nova síntese da magia, vamos identificar métodos e crenças comuns do *goês* grego e do *kimbanda* brasileiro, para finalmente demonstrar que a própria goécia é um fenômeno universal na história da magia no Ocidente.

Os Exus Coroados da Quimbanda são reverenciados pelos *kimbandas* como deuses do Submundo (*theos ctonius*), assim como os antigos mortos tutelares das famílias gregas o eram. Esses deuses do Submundo recebem oferendas e sacrifícios diversos. Como Fustel apresenta, na religião doméstica dos gregos antes da formação da *pólis*, os mortos divinizados, muito embora tivessem seus túmulos nas propriedades das famílias, eram reverenciados diariamente nas piras de fogo sagrado no centro das casas.

Isso nos traz de volta ao culto aos mortos. Ambos [o culto aos mortos e o culto ao fogo] têm a mesma antiguidade. Estavam tão estreitamente associados, que a crença dos antigos fazia deles uma só religião. Fogo, *daimones*, Heróis, deuses, Lares,<sup>[59]</sup> tudo isso estava misturado. [...] Vimos, aliás, que o que os antigos chamavam de Lares ou Heróis não eram senão a alma dos mortos, a que o homem atribuía um poder sobre-hu-

[58] Jake Stratton-Kent. *THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE*. Vol. 2. Scarlet Imprint, 2014, pp. 139-140.

[59] N.T. *Os Lares* eram os espíritos tutelares das famílias, representado pela pira de fogo, e que veio a se tornar a deusa Vesta na recessão mítica posterior dos deuses dos aristocratas gregos.

mano ou divino. A lembrança de um desses mortos sagrados estava sempre ligada ao lar. Adorando um, não se podia esquecer o outro. [...] Os descendentes, quando falavam da lareira, de bom grado recordavam o nome do antepassado. [...] Enéias, igualmente, ao falar da lareira que transportava através dos mares, designa-a com o nome de Lar de Assáraco, como se visse naquela lareira a alma do antepassado. [...] É um costume muito antigo sepultar os mortos nas casas, e acrescenta: Em decorrência desse costume, é também nas casas que são honrados os Lares e os Penates. Essa frase estabelece nitidamente uma antiga relação entre o culto dos mortos e a lareira. Podemos, por conseguinte, pensar que o fogo doméstico não foi originalmente senão o símbolo do culto dos mortos, que sob essa pedra da lareira repousava um antepassado, que ali se acendia o fogo para honrá-lo e que esse fogo parecia conservar a vida, ou representava a alma sempre vigilante.<sup>[60]</sup>

Interessante notar que a pedra (*okutá*) é utilizada para representar a presença de um morto em muitas culturas: egípcia, grega, romana, africana (*banto* e *yorúbá*), e ameríndia. Na Quimbanda o *okutá* é o coração da morada de um Espírito Ganga e, tal como os gregos antigos o compreendiam, o fogo é um elemento teúrgico da Quimbanda, o qual nunca pode faltar ao se reverenciar os Exus e Pombagiras. O fogo desperta o ancestral!<sup>[61]</sup>

Assim como o *goês* grego era um especialista em lidar com os *mortos sem descanso*, de igual modo um Mestre de Quimbanda é especialista em lidar com *égún* e *kiumbas* diversos por meio das tecnologias mágicas que a Quimbanda oferece. A Quimbanda desenvolveu ampla estrutura para operar com estes espíritos, dando a eles finalidade de uso por meio do direcionamento e poder dos Gangas: Exus e Pombagiras.

E como é possível averiguar desde o primeiro volume do DAEMONIUM, assim como

[60] Fustel de Coulanges. T. Martin Claret, 2009, pp. 41-2.

[61] O GRIMORIUM VERUM dá muita ênfase no fogo elemental, a se julgar pelo uso do rubi nos sigilos dos demônios (ou espíritos), bem como na necessidade do uso da Oração as Salamandras. Quando o GRIMORIUM VERUM fala acerca dos espíritos dos elementos, ele costuma substituir o termo Fogo por Inferno, uma menção ao fogo no Submundo. São estes espíritos de natureza ígnea e subterrânea – e que é a mesma natureza intrínseca do fogo-terrestre, i.e. a larva no Inferno, e que caracteriza os Espíritos Ganga –, que foram diretamente associados aos Exus. O poder da Quimbanda é o próprio poder de Exu, que com as mãos manipula do fogo das profundezas da terra sem se queimar.

era na Religião Natural ou Religião Ctônica do homem grego no Mundo Antigo, a Quimbanda também opera por meio da fórmula mágica universal do espírito tutelar, que envolve pactos, tratos e alianças mágicas com espíritos: é o pacto com os espíritos tutelares um dos elementos chave de conexão entre a Quimbanda e o *esoterismo ocidental* ou Ocultismo,<sup>[62]</sup> e o que faz dela uma representante genuína do que se conveniu chamar de *nova síntese da magia* no moderno *renascer da magia dos grimórios*, como veremos na próxima seção. O *pacto demoníaco* reforça os laços com a matéria; trata-se, antes da venda da alma ao Diabo, de um mecanismo ctoniano de empoderamento mágico. Essa é a fórmula mágica universal da goécia: o conhecimento e conversação com o espírito tutelar. Uma vez que goécia e necromancia são sinônimos, como vimos até aqui, esse *pacto demoníaco* se dá com o espírito de um morto. Mas a goécia, em seu contexto grego original, não se limitava, no entanto, apenas ao conhecimento e conversação com os espíritos dos mortos, mas toda sorte de espíritos sub-lunares: do ar, da terra ou do inferno.

A fórmula mágica do espírito tutelar, por outro lado, está associada a ideia de *espírito intermediário*, outro traço antigo e peculiar da goécia: o espírito tutelar, geralmente uma alma deificada que se acredita ter grande poder e autoridade entre os espíritos, deve ser convocado antes de se tentar ter acesso a qualquer outro espírito. O acesso, quem dá, é o espírito tutelar a outros espíritos, deuses, demônios ou encantados. Em O TESTAMENTO DE SALOMÃO foi Orniás, o diabo pessoal ou espírito tutelar de Salomão, que o colocou em contato com outros demônios; nos PAPIROS MÁGICOS

[62] Muito embora existam diferenças. O Ocultismo é uma matéria, relativa a um espaço de tempo, dentro do que se conveniu chamar de *esoterismo ocidental*. Veja Antoine Faivre. O ESOTERISMO. Papyrus, 1994. A Quimbanda se conecta ao *esoterismo ocidental*, particularmente no contexto do Ocultismo, de muitas maneiras. Elementos como a visão animada ou daimônica do Cosmos, que Faivre chama de visão encantada ou encantamento, e que é uma característica intrínseca do *esoterismo ocidental*, está no cerne de qualquer tradição necromântica do passado ou do presente. Eu trato desse tema e sua importância na magia no primeiro volume do DAEMONIUM. Veja o artigo *A Quimbanda & o Ocultismo Moderno*.

GREGOS quem faz o papel de espírito tutelar intermediário é o paredros; no CORPUS HERMETICUM, os diversos *daimones* que atuam como deuses terrestres; e no MAGIA SAGRADA DE ABRAMELIN, O MAGO, é o Sagrado Anjo Guardião. Na cultura banto se reverencia os ancestrais divinizados, *espíritos fundadores de linhagens, venerados por terem deixado uma herança espiritual favorável à evolução de sua comunidade. Eram eles os responsáveis por garantir a solidariedade e a estabilidade de um grupo no tempo e sua coesão no espaço. Esses «grandes mortos» receberam do Deus criador a energia vital e atuavam como elo entre os homens e essa divindade suprema. Eram figuras quase míticas [...]. Em alguns casos, no entanto, eram considerados fundadores de comunidades por terem firmado as primeiras alianças com os espíritos da natureza.*<sup>[63]</sup>

Essa fórmula mágica do espírito tutelar intermediário é universal; permeia muitas culturas religiosas e esteve presente em muitos grimórios; ela está presente também na Quimbanda: é o Exu tutelar, o diabo pessoal do *kimbanda*, sua conexão com outros espíritos, Exus de alma ou Exus encantados, *égún* ou *kiumbas*. A estrutura mágica do GRIMORIUM VERUM opera com essa mesma mecânica dos espíritos tutelares intermediários,<sup>[64]</sup> nos três éteres sublunares: ar, terra e submundo; é por isso eles foram tão bem associados com os Exus da Quimbanda na síntese promovida por Aluízio Fontenelle.

A goécia, como delineada neste ensaio, é uma antiga tradição viva e que tem alimentado, desde a Antiguidade, muitas correntes esotéricas do passado e do presente.

Que a goécia é o único fio contínuo que conecta a Antiguidade com o renascer magia, já é sabido. Tão idêntica às sobrevivências xamânicas, a bruxaria e feitiçaria, a tradição dos grimórios e seus antepassados – a goécia é uma tradição viva de magia. É essa tradição ocidental viva que o *renascer*

[63] Robert Daibert. *As Religiões dos Bantos: Novas Leituras sobre o Calundu no Brasil Colonial*. Em VOLUMES HISTÓRICOS Vol. 28, No. 55, pp. 7-25. Rio de Janeiro, 2015.

[64] Para um *insight* profundo sobre a fórmula mágica do espírito tutelar e seu papel intermediário, veja o primeiro volume do DAEMONIUM, Clube de Autores, 2019.

da magia de 1875 e 1975 passou em grande parte 140 anos fugindo. Na rejeição de seu significado, as palavras de A. E. Waite falam muito: *que existiu, como ainda existe, uma ciência dos antigos santuários, tenho certeza como místico; que esta ciência [...] transmite sabedoria, também tenho certeza; mas não corresponde a nenhuma das artes e processos a que me refiro aqui, nem a nada que possa ser recebido pela mente como resultado de sua exaltação. Assim, em essência, o renascer da magia em seus muitos departamentos permaneceu inconsciente do escopo – até mesmo da existência – de uma tradição secreta em seu meio; da qual todos os seus recursos efetivos foram, no entanto, herdados. A goécia é uma tradição de vasta antiguidade, mas adaptável a ambientes totalmente novos; capaz de intercâmbio intercultural eficaz com tradições vivas de outras culturas, mantendo sua identidade. Ela pode habitar e capacitar; [ela pode] hospedar tradições de outros personagens e – após certos esforços – recuperar sua existência separada deles. Todas essas são características de uma tradição viva; resta apenas para os reavivamentos abraçá-la.*<sup>[65]</sup>

A goécia, portanto, é uma *tradição viva* que exige *estilo de vida* adequado. Como aponta Stratton-Kent acima, é por se tratar de uma tradição viva que ela dialoga e se miscigena com outras tradições vivas, como é o caso da Quimbanda no Brasil e outras tradições derivadas da diáspora nas Américas, como o Palo e o Vodú. É a goécia, na condição de *fio contínuo*, que permitiu a *incursão diabólica* dos demônios do GRIMORIUM VERUM na Quimbanda. No segundo volume do DAEMONIUM e no GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, eu venho elucidando inúmeros aspectos dessa *incursão diabólica* na Quimbanda a partir da goécia do GRIMORIUM VERUM. É essa corrente viva da goécia, intrínseca na feitiçaria diabólica do GRIMORIUM VERUM, que vivifica a Quimbanda, como Stratton-Kent diz:

Esta [questão controversa da] sobreposição entre os espíritos do grimório e os nomes das entidades que ocorrem em algumas, embora certamente não em todas, formas de Quimbanda. Isso é apresentado principalmente como um fato interessante e relevante em relação à influência do grimório [...]. Um dos aspectos significativos desse fato é que é o GRIMORIUM VERUM principalmente

[65] Jake Stratton-Kent. THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. Vol. 2. Scarlet Imprint, 2014, pp. 213-4.

que fornece essas «intrusões» de espíritos do [GRIMORIUM VERUM] na Quimbanda.<sup>[66]</sup>

Da *incursão diabólica* dos espíritos do GRIMORIUM VERUM na Macumba brasileira nasce a Quimbanda como uma nova síntese entre a magia dos grimórios, e os arcanos da cabalá crioula derivados das Religiões Tradicionais Africanas no contexto da diáspora nas Américas. É dessa forma que a Quimbanda é tanto a *goécia tradicional brasileira* quanto está conectada ao Ocultismo moderno. Este é um tema que pretendo desenvolver com mais profundidade no futuro, para além dessa introdução inicial.

## . II .

### A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA

De todas as experiências místicas dos Mistérios Ocidentais, a descida ritualizada ao Submundo é de longe a mais duradoura e significativa. Essa magia goécia é conquistada porque em sua performance o magista ocupa simultaneamente o espaço ritual preparado e o reino evocado do Hades.<sup>[67]</sup>

No segundo volume do DAEMONIUM<sup>[68]</sup> e no GANGA,<sup>[69]</sup> ambos com o subtítulo *a Quimbanda no Renascer da Magia*, eu apresento a Quimbanda como uma ferramenta de trabalho para restauração da prática da magia cerimonial como delineada nos grimórios (livros europeus de feitiçaria erudita e popular) medievais e modernos, fundamentalmente dentro de um movimento que se conveniu chamar de *o renascer da magia dos grimórios*.<sup>[70]</sup> Exponentes modernos do *esoterismo ocidental* como Jake Stratton-Kent<sup>[71]</sup> e Aaron Leitch<sup>[72]</sup> têm se

[66] Jake Stratton-Kent. The True Grimoire: ENCYCLOPAEDIA GOETICA. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2022, pp. xii.

[67] Jake Stratton-Kent. GEOSOFIA. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023, pp. 120.

[68] Clube de Autores, 2022.

[69] Clube de Autores, 2023.

[70] *O grimoire revival*.

[71] Jake Stratton-Kent. GEOSOFIA. 5 Vols. Scarlet Imprint, 2010-2023.

[72] Aaron Leitch. Secrets of the Magickal Grimoires. Llewellyn



debruçado sobre o tema, incentivando o exercício da feitiçaria dos grimórios a partir do resgate das antigas técnicas xamânico-animistas<sup>[73]</sup> perdidas nas últimas fases do *esoterismo ocidental*, mas guardadas e refinadas por àquelas tradições espirituais vivas derivadas da diáspora nas Américas. Humberto Maggi diz:

O *grimoire revival* [i.e. o *renascer da magia dos grimórios*] procura quebrar a hegemonia que textos como o *ARS GOETIA*, *A CHAVE DE SALOMÃO* e o *LIVRO DE ABRAMELIN* adquiriram durante o século XX – e não é por coincidência que estes três volumes foram todos traduzidos por Mathers, e popularizados por Crowley. [...] Outra característica do *grimoire revival* é a aproximação com práticas afro-americanas e uma revalorização das técnicas xamânicas. O raciocínio é que os grimórios são manuais práticos onde informações importantes eram omitidas. [...] Essas ausências podem ser melhor compreendidas por comparações com tradições onde a perda desse conhecimento foi muito menos acentuada.<sup>[74]</sup>

Publications, 2013.

[73] Em seu *Secrets of the Magickal Grimoires*, Aaron Leitch por inúmeras vezes enfatiza a importância do animismo na prática da magia e no entendimento da cosmovisão dos grimórios, com ênfase acentuada na obra de Cornélio Agrippa. Essa mesma ênfase eu demonstrei no primeiro volume do *DAEMONIUM*. A visão encantada do Mundo – elemento essencial em qualquer corrente genuína do *esoterismo ocidental* na obra de Antonie Faivre, *O ESOTERISMO* (Papirus, 1994) – é essencial a compreensão e a execução da magia.

[74] Humberto Maggi. *GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA*. Clube de Autores, 2020, pp. 162.

O *renascer da magia dos grimórios* se trata da revitalização da magia cerimonial a partir dos antigos arcanos da magia que foram perdidos ou desvalorizados desde a revolução cientificista positivista, e que desencantou a cultura ocidental, como demonstrei no ensaio *A Quimbanda & o Ocultismo Moderno*. Esse movimento, no entanto, é parte de uma nova síntese da magia em nossa contemporaneidade globalizada. No primeiro volume da *GEOSOFIA*, Jake Stratton-Kent diz:

Minha apreciação pelas Religiões Tradicionais Africanas envolve o reconhecimento – como um magista ocidental – de que, por várias razões, nossa tradição [i.e. a magia ctônica de grimórios como o *GRIMORIUM VERUM*] permanece atualmente em um processo de reavivamento.<sup>[75]</sup> Como tal, temos muito a aprender com as tradições vivas, das quais as Religiões Tradicionais Africanas são grandes exemplos dignos de nosso maior respeito.

O objetivo deste diálogo é elevar nosso *reavivamento oculto*.<sup>[76]</sup> ao status de uma tradição viva; servir e ser servido por nossos próprios deuses e espíritos. Eu não defendo a apropriação de elementos de outras culturas em uma mistura mal-informada; em vez disso, pelo contrário, a apreciação respeitosa deles como uma influência *revitalizante*

[75] N.T. i.e. *grimoire revival: o renascer da magia dos grimórios*. Não confundir com o renascer da magia que teve início com A.E. Waite em 1875.

[76] *Ibidem*.

em nossas próprias tradições. Isso eu abordo como um diálogo, entre a goécia como minha herança cultural legítima e as tradições do Novo Mundo<sup>[77]</sup> como a de outra pessoa. A adoção dos espíritos do GRIMORIUM VERUM na Quimbanda, como contrapartes sincréticas dos Exus, tem sido extremamente útil a esse respeito. Essa síntese espetacular, ao envolver espíritos do meu próprio trabalho no contexto de uma tradição do Novo Mundo, me permitiu comparar notas e abordagens em pé de igualdade, com Houngans, Paleros e Quimbandeiros. [...] O que eu advogo é formar um relacionamento similar [como o dos Exus com os demônios do GRIMORIUM VERUM na Quimbanda] entre os espíritos de nossas tradições mágicas com suas contrapartes em outras culturas. Essa é a maneira mais substancial, significativa e disponível de revitalizar a magia ocidental. Isso é infinitamente preferível do que os procedimentos desprezíveis de A GOÉCIA DE SALOMÃO, que é um simples reflexo das atitudes negativas dos espíritos a uma teologia desatualizada [daí demônios].

A grande maioria de minhas propostas não carece de precedentes na história da magia ocidental, mesmo que não seja familiar para aqueles com um viés mais contemporâneo. Trabalhar com os mortos, almas deificadas e espíritos malignos, tem um precedente substancial em nossa própria cultura. Longe de ser estranho à nossa magia, sua exclusão atual é o que não faz sentido. Por outro lado, a mais controversa das minhas ideias no livro atual, onde a inspiração das tradições africanas é mais evidente para aqueles com olhos para ver, provavelmente passará despercebida. Mesmo assim, o pano de fundo pelo qual sugiro que incorporemos essa inovação à prática moderna deriva de fontes ocidentais antigas ainda presentes em nossas tradições.

Alguns dizem que meus métodos, que vejo pouco sinal de que eles entendem completamente, não são totalmente seguros. Para isso, eu seria o primeiro a concordar; eles não são seguros, porque não são um placebo ou uma aceitação estática das limitações atuais da nossa tradição. O magista que evita queimar os dedos não progride pessoalmente, ainda menos avança a arte para as gerações futuras. A magia não é uma vocação sem risco. Incentivar essa esquiwa nos outros é, na melhor das hipóteses, fútil e, na pior das hipóteses, uma traição. Entendam-me bem; tenho muito pouco respeito pela maioria das Ordens mágicas, muito menos por colares, títulos, aventais e insígnias. A iniciação nisso é mais um ônus do que uma vantagem. A verdadeira magia – por assim dizer – não está no quadrado, mas no círculo.

Certamente, as tradições vivas que mencionei oferecem iniciação, e aqueles que a escolherem não receberão de mim nenhum

desânimo. A maioria dos grupos mágicos ocidentais atualmente não está em posição de oferecer uma aventura tão significativa [...]. Essa iniciação tem certas habilidades típicas; imersão no trabalho desde uma idade relativamente jovem, muitas vezes acompanhada pela falta de discriminação, mas também pela capacidade de absorver informações e aprender com a experiência. Loucura ou outros desastres podem acontecer; até mesmo a destruição de um magista despreparado que perde o fio da meada. No entanto, como um notório mago disse uma vez, a provação iniciática que não tem risco de fracasso não é uma provação. A superação, por outro lado, traz conhecimento e poder reais, já que os magistas se desimpedem do aprendizado inútil, mantendo o que provaram ser valioso.

Esta, na quase ausência de autênticas escolas ocidentais de Mistério e a presença de tantos pretendentes, é o verdadeiro caminho de iniciação oferecido ao magista moderno.

Ao incentivar que magistas cerimoniais passem por iniciações formais em *tradições vivas* como a Quimbanda, colocando ênfase no fato de que as inúmeras ordens modernas como a *Rosa Cruz*, a *Maçonaria*, a *Ordo Templi Orientis*, a *Astrum Argentum*, a *Ordo Saturni* etc. não oferecem iniciações com a mesma envergadura mágica e quilate espiritual, Jake Stratton-Kent demonstra que as técnicas de feitiçaria afro-diaspóricas podem revitalizar a prática da magia cerimonial. Dessa união nasce uma nova síntese da magia. Essa síntese consiste em revisar os procedimentos tradicionais da magia cerimonial a partir dos métodos das tradições afro-diaspóricas nas Américas, na intenção de eliminar muitas das dificuldades preliminares requeridas ao exercício da magia cerimonial tradicional – como a necessidade do uso do triângulo da arte –, e ao mesmo tempo resgatar os antigos arcanos fetichistas e animistas da magia, necessidade essa que tenho demonstrado desde o primeiro volume do DAEMONIUM. Em seu artigo *Infernal Conjure Craft*<sup>[78]</sup> o autor Chad Barber oferece lampejos sobre essa nova síntese da magia ao cruzar as técnicas tradicionais do Hoodoo com a magia ctônica – ou *goécia* – do GRIMORIUM VERUM. Ele diz:

[78] Publicado em CONJURE CODEX: A COMPENDIUM OF INVOCATION, EVOCATION AND CONJURATION (Vol. I). Hadean Press, 2011, pp. 108.

[77] N.T. i.e. os cultos afro-diaspóricos nas Américas.

A minha intenção com este artigo oferecer um pequeno conjunto de ferramentas e ideias que possam introduzir os hoodooístas e outros magistas interessados em trabalhar com o GRIMORIUM VERUM a partir do estilo Hoodoo, artisticamente incluindo a magia goécia e [seus] espíritos no feitiço Hoodoo – não apenas de uma perspectiva prática, mas talvez também mítica. A importante distinção entre a maneira de trabalhar aqui descrita e a forma cerimonial [tradicional] que a magia goécia normalmente assume, é que a ênfase desse estilo de trabalho é padronizada em torno do sistema mágico encontrado nos conjuros e nos conhecimentos derivados das tradições afro-americanas. Esse padrão [da feitiçaria afro-diaspórica] é infundido com o estilo de trabalho goécia conforme descrito pelo GRIMORIUM VERUM – com o simbolismo mágico e a tecnologia de ambos os sistemas miscigenados para criar uma abordagem integrada que inclui ambas as modalidades mágicas em uma nova síntese, mas mantendo uma ênfase distinta no feitiço prático. E dessa perspectiva, a abordagem oferecida aqui é de fato tendenciosa em relação ao estilo de trabalho e cenário prático do Hoodoo, junto com suas perspectivas e suposições mágicas. Isso pode incluir o trabalho com velas, o trabalho com bonecas, o uso de óleos e pós, o uso de sacos mojo e feitiços de garrafa, a construção de lâmpadas mágicas e a variedade de técnicas e truques mágicos potentes e práticos mantidos dentro da tradição Hoodoo. Esse sistema de feitiços é então adaptados para «operar por meio dos espíritos» do GRIMORIUM VERUM, usando a abordagem que é retirada do próprio grimório. Embora seja impossível dar ao leitor uma base em todas essas técnicas de Hoodoo dentro do escopo deste único artigo, é possível oferecer uma perspectiva que possa ser aplicada a pesquisas e trabalhos futuros.<sup>[79]</sup>

A descrição da abordagem dessa nova síntese da magia descrita por Chad Barber no contexto do Hoodoo é idêntica, senão uma equivalência perfeita, da abordagem da Quimbanda desde a síntese de Aluízio Fontenelle. Na verdade, a Quimbanda parece ser o fruto mais bem sucedido dessa nova síntese da magia. O que permitiu uma confluência tão profunda entre os demônios do GRIMÓRIUM VERUM e os espíritos da Quimbanda foi o ambiente mágico em que ambos estão inseridos: os éteres ou reinos sublunares ctônico, telúrico e aéreo. É

[79] Chad Barber. *Infernal Conjure Craft. CONJURE CODEX: A COMPENDIUM OF INVOCATION, EVOCATION AND CONJURATION* (Vol. I). Hadean Press, 2011, pp. 108.

nestes éteres que vivem os espíritos mais afins com a densidade do Reino da Geração, i.e. os espíritos dos mortos e os espíritos da Natureza. No livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, eu explico que essa convergência nos éteres sublunares possibilitou que a Quimbanda capturasse os espíritos do Grimório Verum com os poderes representados no Brasão Imperial de Maioral, subjugando-os ao comando dos espíritos Gangas da Quimbanda. Uma vez que no passado foi difícil distinguir entre os *mortos sem descanso* e os demônios, o que possibilitou facilmente a miscigenação entre eles apresentada nos grimórios, abrindo precedentes para miscigenações similares no futuro, não foi difícil associar os demônios aos Exus da Quimbanda. Foi essa miscigenação que possibilitou: i. a definitiva consagração de Exu-Diabo no imaginário brasileiro; ii. o nascimento da Quimbanda como uma síntese entre a magia cerimonial europeia (i.e. a magia dos grimórios), e a sabedoria da cabalá crioula derivada das Religiões Tradicionais Africanas no contexto da diáspora nas Américas e as tradições vivas delas nascidas no Novo Mundo, como a Quimbanda, o Palo ou o Vodú.

A última grande síntese da magia ocorreu no mundo e cultura helênica, produzindo os dois sistemas irmãos mais sofisticados da época, o Hermetismo e o Neoplatonismo, que incorporavam tanto astrologia como alquimia greco-egípcia no seu escopo, sendo os pilares centrais dessa síntese a goécia grega e a sabedoria astral (ou estelar) dos caldeus. Tudo o que veio depois disso no trabalho de ocultistas como Cornélio Agrippa, Marsílio Ficino (1933-1499) etc. durante o Renascimento, foi a ressaca dessa antiga síntese da magia.<sup>[80]</sup> Mas uma nova síntese da magia começa a dar sinais de vida na atual cultura globalizada: a fusão das técnicas crioulas de feitiçaria afro-diaspórica nas Américas com a magia cerimonial. Essa influência crioula afro-diaspórica, no en-

[80] Muitos ocultistas modernos pensam que as raízes de seu sistema de magia vêm da cabalá judaica, no entanto, a cabalá deriva da Idade Média e não adentrou ao *esoterismo ocidental* até as obras de Pico de Mirandola (1463-1494) e Cornélio Agrippa no Renascimento.

tanto, tem grande proximidade técnica com as fases mais antigas da magia no Ocidente. Eu fiz uma introdução razoável sobre essas primeiras fases da magia no primeiro volume do DAEMONIUM, porque compreendê-las é essencial para o entendimento dessa nova síntese, a qual comecei a me debruçar no segundo volume do DAEMONIUM e no GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA.

A Quimbanda, como venho demonstrando nesses volumes, é fruto dessa nova síntese da magia. E pela primeira vez na tradição literária da cultura afro-brasileira, a Quimbanda é apresentada nesses livros como a *goécia brasileira*. Poucos sabem o que é a goécia, limitando seu entendimento a recessão cristã do termo; mas como vimos na seção anterior, a *goécia* trata-se, no entanto, de um dos sistemas de magia mais arcaicos da civilização ocidental; um estilo de vida *daimônico* de feiticeiros que viviam a margem das grandes cidades-estados gregas.<sup>[81]</sup> Nos meus livros anteriores, o segundo volume do DAEMONIUM e o GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, bem como nas edições da *Revista Nganga*, eu comecei a me debruçar sobre duas áreas que acredito serem basilares para estudo e compreensão mais abrangentes da importância da Quimbanda no atual *renascer da magia dos grimórios* e a própria ideia de uma *nova síntese da magia*:

### **1. A Incursão Diabólica: Goécia, Demonologia & Diabologia na Quimbanda:**

Nestes ensaios trato do influxo diabólico e demoníaco que ocorreu na gênese da Quimbanda como a conhecemos hoje a partir de Aluizio Fontenelle, que sincretizou os Exus com os demônios do GRIMORIUM VERUM. O plano é identificar dentro de uma temporalidade linear constatável a *incursão diabólica* dos espíritos do GRIMORIUM VERUM na Quimbanda e, a partir disso, demonstrar a Quimbanda como a filha mais

[81] A religião ou o culto mais antigo entre os gregos foi a reverência familiar aos mortos deificados. Quando esse culto, a Religião Antiga, passou a ser rejeitada e condenada pela religião dos deuses olímpicos, aristocracia e Estado grego, é que nasce o *goês* e sua arte, a *goécia*. Na Grécia já no período da *pólis*, todo tipo de culto religioso não sancionado pelo Estado era chamado de *goécia*. Veja o artigo *A Quimbanda como Sistema Religioso*.

bem sucedida da nova síntese da magia no Brasil, porque ainda existe uma ignorância generalizada acerca da influência dos grimórios, fundamentalmente àqueles derivados da *Bibliothèque Bleue* e aqueles derivados da feitiçaria ibérica, na identidade mágica brasileira.

Quando falamos em grimórios de feitiçaria europeia, existem dois gêneros, os eruditos aristocratas, e os populares folclóricos. Ambos se influenciaram mutuamente e é possível encontrar miscigenações. Esse gênero popular dos grimórios deriva do que ficou conhecido em francês como *Bibliothèque Bleue* (biblioteca azul), e são chamados de grimórios azuis, pelo fato de serem publicados no formato brochura com uma capa azul, de material barato e preço popular acessível. Neste gênero de grimórios entram o GRIMORIUM VERUM, o GRAND GRIMOIRE e o HONORIUS, dentre outros.

Três pontos importantes sobre esse gênero de grimórios franco-italianos: i. são eles que, em verdade, inauguram a ideia da palavra *grimório* estar associada a livros de instruções mágicas; ii. são eles os grimórios que mais se espalharam para fora da Europa e; iii. segundo Owen Davis, são eles os grimórios que mais se *crioulizaram*, se miscigenando com as práticas de feitiçaria ameríndia das Américas e Caribe, e com as técnicas de feitiçaria africana diaspórica. Davis diz que a colonização, a escravidão e o trabalho de imigrantes no Caribe e nas Américas geraram uma fusão fascinante e diversificada de crenças e práticas em relação à religião, magia e medicina, derivadas de europeus, africanos, asiáticos e indígenas. Ele nomeia os cultos derivados dessas fusões: o *Obeah*, o *Quimbois*, o *Vodu*, a *Sante-ria*, entre outros.<sup>[82]</sup> Jake Stratton-Kent diz:

O aspecto folclórico dos grimórios em ambos os casos, mas particularmente nos livros azuis, é bastante diferente. Envolve sobrevivências da *goécia* e, no caso do gênero azul, um *renascimento da goécia*. Sua natureza é essencialmente *ctônica*, e as relações com espíritos são realizadas em uma base bastante diferente. [...] O gênero azul obtém essa identidade através de uma variedade

[82] Owen Davies. *Grimoires: A History of Magic Books*. Oxford University Press, 2009, pp. 155-6.

de meios, e nenhum deles é inteiramente responsável. Estes incluem, em primeiro lugar, a continuidade da vertente hermética dentro da tradição Salomônica, onde os *daimones* elementais são vistos mais positivamente [...].

Há então a questão das novas afiliações formadas pelo gênero. Enquanto os grimórios franceses desta época tinham uma influência muito além da França, o gênero do grimório impresso como um todo deveria exercer uma influência para muito além da Europa. O mais cabalístico de todos, O LIVRO DE MOISÉS, certamente influenciou o Hoodoo nos Estados Unidos, mas não concerne ao São Cipriano ou às fusões goécia dentro de tradições como a *Kimbanda*. O primeiro é melhor ilustrado pelos grimórios ibéricos e o último pelos textos franco-italianos, como o GRIMORIUM VERUM e o GRAND GRIMOIRE. [...] Estes textos ibéricos incorporam o renascer da goécia acima mencionado, em comum com os franco-italianos da *Bibliothèque Bleue*. [...] Também é importante reconhecer sua influência e harmonia com as tradições vivas e prósperas no Novo Mundo.<sup>[83]</sup>

Jake Stratton-Kent explica que essa fusão dos grimórios populares com as tradições afro-diaspóricas e ameríndias trata-se de uma *nova síntese da magia*, um renascer da goécia em seu sentido amplo e pré-salomônico. Segundo ele em sua ENCYCLOPAEDIA GOETICA, de cinco volumes,<sup>[84]</sup> a goécia é uma tradição viva universal e que vivifica toda a *magia ocidental*. Uma vez que a goécia como corrente mágica vivifica os grimórios ctônicos noturnos como o GRIMORIUM VERUM, assim como os grimórios ibéricos dos quais deriva O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, e que também permeia os diversos cultos vivos ancestrais necromântico-ctônicos, foi isso o que possibilitou essa profunda fusão entre as culturas africana, europeia e ameríndia. A Quimbanda é fruto, portanto, dessa *nova síntese da magia*, onde a feitiçaria crioula-ameríndia funde-se com os espíritos noturnos e sub-lunares do GRIMORIUM VERUM em um sistema próprio e original que supera as técnicas e tecnologias formais da magia cerimonial tradicional.

## 2. Quimbanda & Magia Cerimonial:

[83] Jake Stratton-Kent. THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2014, pp. 2-5.

[84] Scarlet Imprint, 2010-2023.

Uma série de ensaios que estabelece convergência entre as técnicas de feitiçaria da Quimbanda e àquelas encontradas nos grimórios noturnos nigromânticos, bem como em tradições do Mundo Antigo derivadas do que se conveniu chamar de *orientalismo platônico*.<sup>[85]</sup> Mas o objeto de estudo aqui se expandiu para também abarcar aspectos filosóficos, religiosos e simbólicos da área de convergência. Isso significa cruzar referências não apenas entre a Quimbanda e a tradição dos grimórios salomônicos, eruditos ou populares, mas entre a Quimbanda e *culturas* arcaicas da magia. Esse é o tipo de abordagem apresentada na ENCYCLOPAEDIA GOETICA de Jake Stratton-Kent, obra de cinco volumes tendo como eixo literário o GRIMORIUM VERUM e O LIVRO DE SÃO CIPRIANO.

Inicialmente a intenção seria demonstrar equivalência de trabalho entre as técnicas de feitiçaria da Quimbanda e àquelas derivadas da magia cerimonial para o atual *renascer da magia dos grimórios*, apresentando a Quimbanda como a alternativa mais confiável, viável e eficiente aos magistas cerimoniais brasileiros. Os motivos, é claro, são àqueles delineados nos ensaios do tópico anterior, a *incursão diabólica*.

Em paralelo, esses escritos buscam apresentar a Quimbanda como uma genuína corrente mágica integrando do *esoterismo ocidental*, dentro da matéria de estudo *Ocultismo* a partir do trabalho e síntese de Aluizio Fontenelle na década de 1950.

Minha área de pesquisa atual, portanto, está centrada dentro destes dois tópicos de pesquisa e ainda há muito material para nos debruçarmos nas próximas edições da *Revista Nganga*.

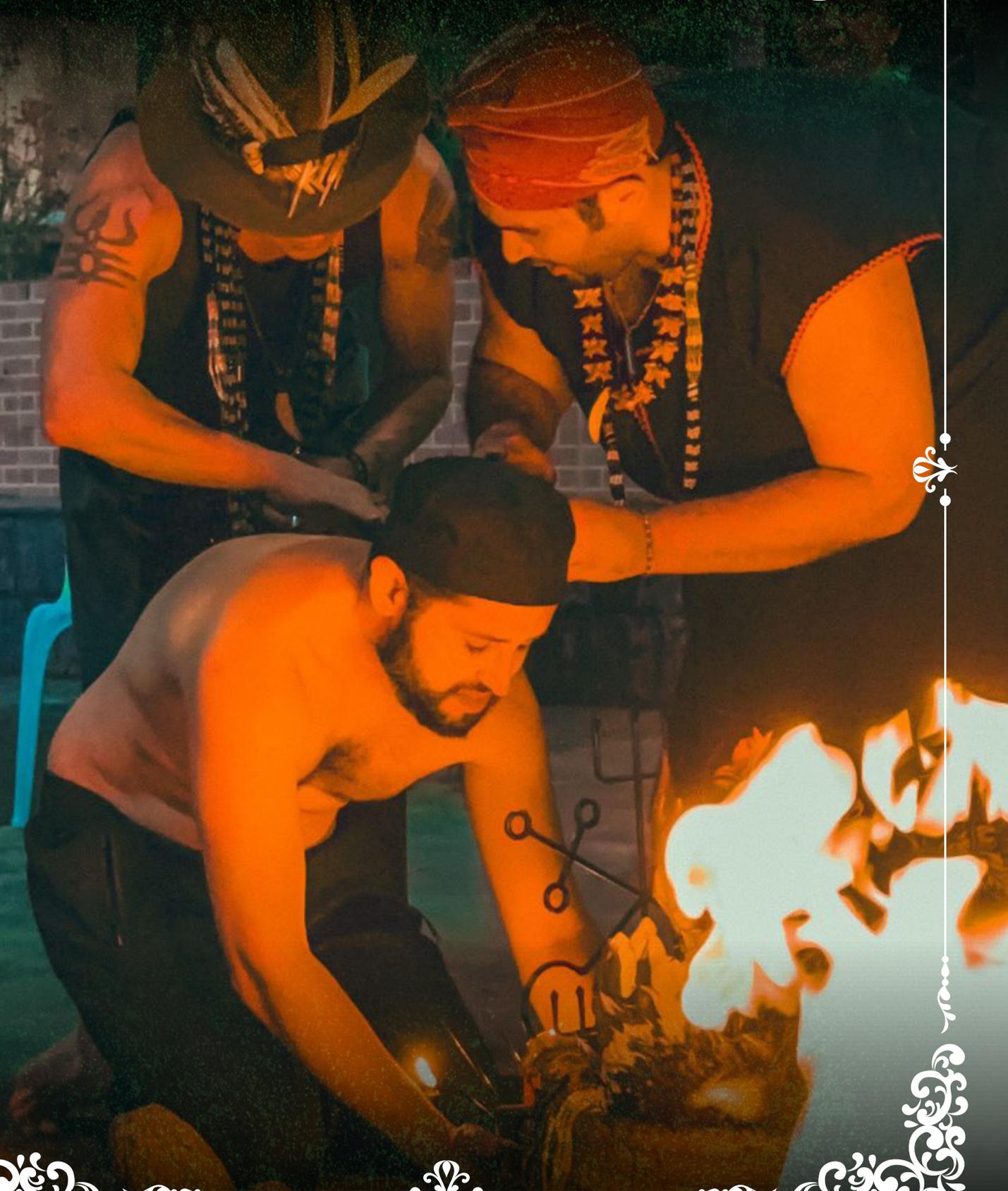
### Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro  
Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera  
Negra e PombaGira Dama da Noite

[85] O termo deriva da ideia de que o platonismo não é produto do pensamento racional grego, mas fundamentado em culturas arcaicas de sabedoria religiosa como os egípcios, persas e hebreus.

Táta Nganga Kimbanda Kilumbu  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

# A Catábase na Quimbanda Nàgô



Um dos pontos poucos explanados sobre o culto de Quimbanda é à jornada da alma do *kimbanda* no pós-vida e a preocupação com sua *deificação*.<sup>[1]</sup> A Quimbanda é um culto ctônico,<sup>[2]</sup> o seu processo de *apoteose* ou *deificação* da alma, portanto, trata-se de uma imersão no Submundo, que os gregos chamavam de catábase, i.e. a descida até o mundo dos mortos. Grandes heróis da cultura ocidental tiveram de descer ao Submundo no seu processo de glorificação espiritual: Orfeu, Odisseu, Aquiles, Jesus etc. Inúmeros mitologemas ocidentais foram construídos para ensinar o processo de apoteose da alma por meio da descida ao Submundo.

O termo grego *katábasis*, que quer dizer *descida*, foi muito utilizado pelas religiões e cultos de mistérios tal como o Elêusis e o Orfismo para se referir a jornada das almas dos mortos ao Mundo Inferior, i.e. os Infernos. Já deixamos de antemão avisados que se afastem do mito cristão medieval construído sobre o termo inferno, como sendo o lago de fogo e enxofre de APOCALIPSE 20:10, uma alusão ao Tártaro das religiões gregas, onde estaria aprisionado Cronos e outros Titãs. Entenda *inferno* como o *mundo dos espíritos*,<sup>[3]</sup> o que irá nos aproximar do conceito *yorùbá* de *Mesan Òrun*, os nove planos espirituais. Isso porque na Quimbanda Nàgô não entendemos o universo espiritual com a mesma imagem lendária e dualista do Cristianismo, mas como um vasto campo em que existem diversas localidades com seus respectivos domínios, da mesma forma como dividimos os Reinos da Quimbanda. Por mais que se comuniquem, são planos distintos, vibrações e regentes diversos.

Dentro da Quimbanda Nàgô, entendemos que a iniciação faz parte do processo

de deificação da alma, semelhante o que os Mistérios Órficos ensinavam com sua iniciação, quando somos inundados com o conhecimento ancestral sagrado e vamos evoluindo ao longo de nossas vidas materiais para que no momento do desencarne possamos estar em nível adequado para entrarmos nas fileiras do exército do Chefe Império Maioral, o Diabo. Todavia, ser iniciado somente não garante a deificação: se o adepto não evoluir e superar as suas dificuldades seculares e espirituais, e ficar apenas com o acúmulo de títulos que nada lhe servirão em sua jornada no pós-vida, a deificação não ocorrerá! Um *kimbanda* é um Mestre da Vida, i.e. ele desenvolve maestria e proficiência nos assuntos seculares e espirituais, estabelecendo uma cura profunda em todos os embaraços ancestrais que envolvem sua existência. Por outro lado, o *kimbanda* que conquistou maestria e proficiência na vida, que louvou com zelo seus Mestres Gangas da Quimbanda, que praticou uma piedade sincera e recebeu suas fundamentações, irá atingir uma boa posição na Falange que participará no Reinado do Chefe Império Maioral e que, segundo a tradição, será na legião de seu Exu tutelar. Através do romper a linha da *kalunga*, na descida ao mundo dos mortos conforme a cosmogonia banto, é onde o espírito humano descobre a verdade de sua natureza, conhecendo o lado transcendental da existência.<sup>[4]</sup>

A Quimbanda Nàgô, herdeira como é das Macumbas cariocas, classifica a hierarquia de espíritos na Quimbanda como:

Kiumbas.  
Exus.  
Exus Coroados.<sup>[5]</sup>

[1] A *deificação* é o processo de divinização da alma, que os cristãos da patrística, importando o conceito dos filósofos neoplatônicos, chamaram de teósis, do grego *theōsis*: a apoteose da alma no esplendor divino.

[2] Veja o artigo de Fernando Liguori, *A Quimbanda é Goécia Brasileira* (em *Revista Nganga* No. 10). Do mesmo autor veja *Dæmonium* (Vol. 2, Clube de Autores, 2022) e *GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA* (Clube de Autores, 2023).

[3] No Mundo Antigo, o *plano* espiritual ou *mundo dos espíritos*, era o Submundo. Veja Platão. FÉDON.

[4] Sobre a *dikenga* na cosmogonia banto, onde esse processo é demonstrado, veja Fu-Kiau. *AFRICAN COSMOLOGY OF THE BANTU-KONGO*. African Tree Press, 2001. Sobre a catábase, veja Eudoro de Souza. *CATÁBASES: ESTUDOS SOBRE VIAGENS AOS INFERNOS NA ANTIGUIDADE*. Annablume Clássica, 2013.

[5] Essa classificação nada tem a ver com aquela proposta por Rivas Neto em sua doutrina umbandista; ao contrário disso, apresentamos uma visão mais antiga sobre esses espíritos, oriunda das Macumbas cariocas.



Os Kiumbas são espíritos com conhecimento de feitiçaria; em vida eram feiticeiros da Quimbanda ou sacerdotes de outros cultos, mas que não conquistaram a apoteose da alma. Esses espíritos são arrebatados pelas correntes energéticas e vibracionais do Chefe Império Maioral, onde irão aprender a atuar magicamente como *Exu Ekurum*,<sup>[6]</sup> e aonde irão se afinizar a atuação energética dos povos de Quimbanda onde foram alocados para atuação. Estes Kiumbas<sup>[7]</sup> aprendem a operar magicamente como Exus e por isso eles ganham também o título de Exus, quando conquistam o

[6] Termo *yorùbá* que vem da raiz *àiyé òkú òrun* e significa *morto que vem em terra*.

[7] Nas antigas classificações da Macumba, estes Kiumbas são alocados como Exus na *Linha Mista* (ou *Linha de Grupo*). São exemplos: Exu Sapo, Exu Formiga, Exu Pino da Meia Noite, Exu Rasteiro, Exu Cerca Caminho, Exu Ponta da Rua, Exu Tranca Ruas do Campeiro (que é o mesmo Exu Tranca Ruas Pé de Bode ou Pé de Boi), Exu Mané Gato, Exu Farrapo e Pombagira Maria Farrapo, Pombagira Maria Frigideira (malandra que acompanha Pombagira Maria Navalha), Exu Tranca Ruas Negro, Exu e Pombagira Aranha, Pombagira Viúva Negra, Pombagira Rainha da Morte, Exu Tranca Ruas da Capa Vermelha, Exu Capa Vermelha, Exu Penumbra etc. Na Quimbanda Nàgô, esses espíritos quando aparecem na coroa mediúcnica dos médiuns são realocados para a legião de espíritos que atuarão sob o comando do Exu tutelar de cora. A Quimbanda Nàgô entende que estes Kiumbas da Linha Mista, muito embora atuem como Exus, podem causar muitos problemas na vida do médium quando Chefes de Coroa.

domínio perfeito das faculdades magísticas que os possibilite atuar como Mestres Espirituais, mas diferentes dos Exus Coroados.

Os Exus Coroados, por outro lado, são os Chefes de Falange na Quimbanda, distintos dos Exus Falangeiros. Assim, o Exu Mangueira Chefe da Falange dos Gangas Mangueiras, é distinto dos Exus Mangueiras falangeiros, que trabalham sob sua autoridade e comando. Assim também o são os Exus Chefes de Templo, porque passam a ter domínio próprio, daí muitas casas e templos denominarem-se reino, reinado ou domínio.

Os processos reencarnatórios estão presentes em nossas crenças, como em todos os cultos antigos pré-cristãos (i.e. católicos). Segundo nosso entendimento, quando a alma do *kimbanda* consegue ultrapassar as correntes de reencarnação através da deificação catabática, que a levará a pertencer e se agregar as fileiras das hordas espirituais do Chefe Império Maioral, ele é coroado como Exu. Por isso o *kimbanda* deve estudar, praticar, e deter domínio sobre o seu culto, para que esse processo seja iniciado aqui e não corra risco de se tornar

um feiticeiro fraco que não tenha valia para os objetivos da Quimbanda: a expansão do Reinado do Chefe Império Maioral o Diabo.

A cultura *yorùbá* nos ensina que o corpo humano, *èniyàn*, além do *ará* (corpo material), *òjiji* (a sombra) e o *emi*, o sopro divino que traz a vitalidade e o vigor sobre a terra, o corpo também é formado por *orí*, que não apenas se identifica com o *orí odé* (a cabeça física) e *orí inu* (os sentimentos), mas também ao *elédá orí*, que vem a ser a força divina do *orí*, aquela centelha eterna, que chamaríamos de espírito em português, que junto com *òjiji*, são as únicas que permanecem vivas após o falecimento material, onde serão, os espíritos, encaminhados aos nove *òruns*.

Segundo as crenças mais antigas de nossa tradição, dentre elas i. o não cumprimento de seu destino, seja qual for o motivo e; ii. não ser um *kimbanda* proficiente, mas só um acumulador de títulos para expor perante a sociedade, um *kimbanda* de poltrona, os adeptos poderão ser encaminhados ao *Ilé Àtúnwa*, que se pode traduzir como casa da reencarnação, local rezado muitas vezes nos ritos de *Àsèsè* (rito fúnebre). Dessa forma, os espíritos que ultrapassam o *átúnwa*, são aqueles que se divinizaram com seus feitos materiais e espirituais, se libertando do apagamento de suas memórias, da sua morte consciencial.<sup>[8]</sup> Estas concepções metafísicas e soteriológicas permanecem vivas dentro da Quimbanda *Nàgô*, muito diferente das ideias kardecistas sobre reencarnação que a maioria das pessoas costuma projetar equivocadamente sobre a Quimbanda, a incluir conceitos hindus como *karma*, completamente inapropriados a nossa cultura.

A cultura *yorùbá* da qual a Quimbanda *Nàgô* deriva muito de sua feitiçaria e metafísica, sempre manteve presente a crença nesse processo soteriológico da alma, sendo isso tão forte que até nomes pessoais da família trazem essa ideia, a de algum falecido querido estar de volta por meio da re-

[8] O que é necessária aos processos de encarnação, lembrado dentro do culto através do choro do nascimento, onde o ser humana, *èniyàn*, está recém sofrido da dor da segunda morte, a morte de seu poderio de conhecimento e experiência.

encarnação, tais como o *Íyàbò* (a mãe que voltou), *Bàbájídé* (o pai acordou de novo) e, o mais popular por ser até o nome dado a personalidades famosas nigerianas, *Bàbátúndé* (o pai que retornou para nós). Portanto, fica claro a presença e influência da cosmovisão da cultura *yorùbá* dentro da Quimbanda *Nàgô*, afinal, carregar este nome não seria apenas por beleza, mas por trazer fundamentos reais desse povo.

O processo de deificação da alma na Quimbanda *Nàgô*, que ocorre por meio da catábese, a imersão no Mundo dos Mortos, deve-se saber, começa desde a iniciação. Todo noviço que se interessa pela Quimbanda deveria ter conhecimento disso, e a clareza de que o processo começa na iniciação, mas nela não se encerra. O entendimento disso lhe norteará dentro do culto, a seguir suas premissas fundamentais buscando a apoteose de seu trabalho como *kimbanda*: tornar-se um Exu no Reinado de Maioral. Buscar conhecimento apenas, regalias sacerdotais e títulos de *táta-nganga* é um caminho de desonra, entendido como traição, porque a maior das desonras é macular por ignorância o destino e a apoteose da própria alma. A falta total de comprometimento para com a deificação da própria alma é uma declaração, e, portanto, uma garantia, do não cumprimento das premissas fundamentais da Quimbanda.

Com a atual massificação da cultura *woke*, alguns conceitos metafísicos e soteriológicos tradicionais da Quimbanda *Nàgô* têm sido deturpados; nós nos preocupamos em fazer todo esse preâmbulo sobre a catábese da alma na Quimbanda *Nàgô* para demonstrar que nos debruçamos verdadeiramente sobre antigas crenças religiosas, muito mais antigas que o idealismo histórico que se propõe nas reinterpretações *wokes*, como a lenda criada sobre a *Pombagira Madame Satã*,<sup>[9]</sup> que em vida teria sido

[9] Esse termo nasce de uma reinterpretação ideológica da mitologia de Pombagira do Forno, apelidada de *Madame Satã* por se relacionar com o fogo e o inferno no Submundo. Os *wokes* pegaram emprestado esse epíteto dado a Pombagira do Forno, *Madame Satã*, e inventaram uma linha de trabalho de «Pombagiras Trans» que trabalham sob a autoridade de *Pombagira Madame Satã*. Isso é idealismo histórico. As pautas *wokes* têm aparecido nas vertentes de Quimbanda modernas de terceira onda, como a Congo e a Lu-



o transformista João Francisco dos Santos (1900-1976), que ficou conhecido como *Madame Satã*. A ideia é que o travesti, transexual, transformista, mulher-trans etc. se torna uma Pombagira no Reinado de Maioral. Este esclarecimento não é um ataque aos movimentos LGBT, o qual respeitamos em sua integridade e legitimidade, mas uma luz sobre as concepções metafísicas e soteriológicas mais antigas que herdamos na Quimbanda Nàgô: não existe *Pombagira Trans* na Quimbanda Nàgô! As crenças pessoais de um indivíduo não podem adular as crenças tradicionais de um culto ou religião.

A Quimbanda Nàgô opera por meio da interação e do equilíbrio das forças ódicas

ciferiana, e não encontram espaço em vertentes tradicionais genuínas. Muito embora existam símbolos sexuais na Quimbanda, o mistério que eles encerram é metafísico, não literal. A Quimbanda é um culto de mortos e o sexo nada interessa aos mortos. É por esse motivo que essas pautas *wokes* que envolvem a distinção de múltiplos gêneros não têm espaço nas *Quimbandas antigas*.

positivas (ativa, masculina) e negativas (receptiva, feminina) no corpo do Chefe Império Maioral, a *Luz Astral*, por meio de *agentes mágicos universais*, os Exus (que representam a potência ativa-masculina), e as Pombagiras (que representam a potência receptiva-feminina). O equilíbrio dessas forças que hora se opõem e hora se congruem, está em Maioral, a potência andrógena que as aglutina e as manipula. De acordo com as crenças ancestrais mais antigas, o seu gênero (que se conecta ao seu sexo), é uma vibração e seu espírito detém essa mesma vibração e, por isso, o homem se torna Exu e a mulher se torna Pombagira.

A cultura banto nos mostra por meio da *dikenga* estar em sincronia com as antigas crenças catabáticas dos órficos: é no Submundo que as almas conquistam o topo da espiritualidade, ganhando o status de deuses materiais ou terrestres, i.e. ancestrais divinizados. Os *kimbandas* que não conquistam a deificação catabática da alma acabam por se tornarem Kiumbas, servos dos Exus Coroados da Quimbanda. Quando nós dizemos que a Quimbanda é um *culto para homens*, queremos dizer pessoas capacitadas a andar sobre suas próprias pernas, decididas, maduras o suficiente para honrar suas palavras e compromissos, guerreiros da vida, feiticeiros práticos. A vida de um *kimbanda* é uma jornada de honra, porque ele a compreende como um campo de guerra onde poderá se preparar, através das batalhas da vida, para ser Coroado na morte diante do Trono Sagrado do Chefe Império Maioral: um feiticeiro em vida coroado como um feiticeiro em morte, um Exu Chefe de Quimbanda. Se o inferno, o mundo dos mortos, é o Tártaro para os profanos, nós o adentramos com coragem e sentamos em nossos tronos, cobertos pelo manto negro de Maioral.

*Tata Nganga Kilumbu*

*Domínio de Exu Marabô e Maria Padilha*

Táta Nganga Kimbanda Kilumbu &  
Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
**Feitiçaria Tradicional Brasileira**

# Dos Processos Iniciáticos na Quimbanda



Ao Mundo Antigo nunca existiu, no contexto dos cultos de mistérios ou religiões populares, a ideia de *auto-iniciação* ou *iniciação a distância*. A iniciação, i.e., a admissão em um culto ou religião, sempre exigiu a presença do iniciado no templo onde os ritos do culto eram realizados. Existia a possibilidade de se enviar um objeto consagrado contendo um valor mágico que pudesse realizar milagres na vida de quem o recebesse, mas isso de modo algum foi considerado uma forma de *iniciação a distância*. O objeto carregado com poder mágico poderia aproximar um homem de uma divindade, e ele passaria a cultuá-la e ser orientado por ela, assim como Sócrates foi orientado por um daimon. Mas era impensável a simples ideia de que uma pessoa pudesse ser iniciada em qualquer culto por meio de uma carta, como hoje acontece na *Astrum Argentum* de Aleister Crowley (1875-1947), filha do *renascer da magia* do fim do Séc. XIX. Ninguém que é sério na magia acredita nisso, e a atual síntese da magia na qual se insere a Quimbanda, onde se valoriza o poder dos cultos afro-diaspóricos miscigenados com as técnicas da magia cerimonial europeia, é uma prova da decadência e do fracasso da concepção cientificista moderna da magia.<sup>[1]</sup>

Na Antiguidade o indivíduo era iniciado por um grupo ou até mesmo por uma divindade, como no hermetismo onde o adepto é iniciado por Poimandres. A iniciação nunca ocorria por si mesmo (a *autoiniciação*), ou por carta (a *iniciação a distância*). E como Fustel de Coulanges (1830-1889) demonstra em sua obra *A Cidade Antiga*,<sup>[2]</sup> para ser iniciado em um culto o indivíduo precisava ser um cidadão da cidade onde se realizava o culto, ser da mesma etnia dos demais cidadãos e filho de pais também cidadãos. A situação começa a mudar na primeira grande síntese da magia que ocorreu com as intenções de Alexandre o Grande (356-323 a.C.) de unificar todas as nações, o que configurou o mundo helênico, quer dizer,

as nações conquistadas por ele e unificadas por meio da língua grega em uma única cultura, onde se entende que todos são cidadãos deste mundo helênico, e a partir de onde há uma nova atualização dos deuses, que deixam de ter influência sobre esta ou àquela cidade, e passam a ser reverenciados por outros povos distantes.

E quando observamos as culturas africanas e afro-diaspóricas percebemos que essa métrica também é aplicada: há terreiros de Umbanda e Candomblé que só aceitam negros ou membros da família. Na África, por exemplo, existem cultos que são realizados apenas em regiões específicas. No Brasil, outro exemplo, quem deseja se iniciar no Culto de *Égúngún* da Ilha de Itaparica tem de viajar até lá para receber a iniciação. Este culto específico da Ilha de Itaparica só existe lá. E no contexto das religiões afro-brasileiras vivas, ou dos cultos africanos como o Ifá aqui no Brasil, nunca se ventila a hipótese de *iniciação a distância* ou assentamentos (*ibás*), moradas de espírito diversos, *òrìṣà* e *irúmòlè*, enviados pelo correio. Em contra partida, medicinas mágicas como banhos, sabonetes, óleos, pós etc. dotados de força mágica, podem ser enviados por correspondência, e isso não constitui iniciação em absolutamente nada. Fatos são fatos e contra fatos não há argumentos.

Essa ideia de *autoiniciação* ou *iniciação a distância*, só inicia no Ocultismo moderno que se desenvolveu a partir do renascer da magia no fim do Séc. XIX. Começou a virar moda, de fato, no fim da década de 1980 e ganha corpo vigoroso nos movimentos nova era. Assim começam a aparecer ambas as ideias no Reiki, na Wicca, no Satanismo, no Luciferianismo, em thelema através da *Astrum Argentum*, na falida Ordem Hermética da Aurora Dourada, nas ordens rosacruicianas com o sistema de monografias etc. E no contexto da Quimbanda, estas ideias foram inseridas – e, portanto, só podem ser associadas a elas e a nenhuma outra vertente – pela *Quimbanda Xambá* e continuadas pela *Quimbanda Luciferiana*. São essas duas vertentes apenas, nascidas da terceira onda

[1] Veja os artigos de Táta Kamuxinzela: *Quimbanda: A Goécia Tradicional Brasileira, A Quimbanda no Esoterismo Ocidental e A Quimbanda no Ocultismo Moderno*.

[2] Martin Claret, 2022.



de manifestação das vertentes de Quimbanda<sup>[3]</sup> que ocorreu na década de 2000, que ventilam essas ideias. Essas duas vertentes, por outro lado, não estão associadas ao tronco tradicional de Quimbanda; a *Quimbanda Luciferiana* nasce do satanismo brasileiro<sup>[4]</sup> que operava nos presídios paulistas; inspirados nessa *Quimbanda Luciferiana*, nas obras que publicaram, inúmeros indivíduos, bandas de casa, começaram a se autoproclamar *Quimbanda Luciferiana*; a *Quimbanda Xambá*, por outro lado, nasce de um mito criado no Sul do Brasil ao redor de três magos e um *bábálòrìsà*, todos fictícios.

Na história da magia inúmeros mitos foram construídos sobre a natureza da busca e da realização mágica na personificação de personagens míticos como Salomão, Simão o Mago, São Cipriano, Fausto etc. São Cipriano e Fausto são os magos míticos *par excellence* da cultura europeia, e que substanciaram o espírito da tradição mágica ocidental. Na narrativa de suas vidas,<sup>[5]</sup> eles viajaram para buscar conhecimento e sabedoria arcana para inúmeros países distintos. Se em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO você vê capítulos sobre a magia dos caldeus, o poder dos nomes hebraicos, hierarquias de

anjos e demônios chefiados por reis infernais, o poder da astrologia etc., é porque São Cipriano personifica o mago iniciado em muitas escolas e tradições iniciáticas. A narrativa da viagem, da peregrinação, a jornada de busca pela iniciação, é mítica, mas ela é um reflexo das necessidades e experiências humanas reais. Os mitos são construídos para serem repetidos magicamente: a prática, o exercício religioso, cria a necessidade do mito; este, por outro lado, realimenta e aprofunda o exercício religioso. As lendas sobre as viagens iniciáticas desses magos míticos nos ensina a lição da busca e necessidade reais pelas outorgas iniciáticas da alma, reforçando a ideia da iniciação – na perspectiva das escolas de magia tradicionais desde tempos imemoriais – recebida e outorgada por outro iniciado, o sacerdote iniciador, que não apenas transmitirá o conhecimento e as suas armas simbólicas, mas também plantará a força mágica da corrente no corpo do iniciado, lhe dotando de autoridade espiritual.

A primeira menção a ideia de *iniciação a distância* na cultura da Quimbanda apareceu no material da *Quimbanda Xambá*, criada no Sul do Brasil na década de 2000. Já a ideia de *autoiniciação* ocorreu nos primeiros materiais de divulgação da *Quimbanda Luciferiana*; nascida em 2010, foi profundamente influenciada pelo satanismo e pelo luciferianismo modernos – ambas as tra-

[3] Para entender o contexto, veja o artigo de Táta Kilumbo: *Da Macumba a Quimbanda Nàgô*.

[4] De Táta Kamuxinzela veja GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA. Clube de Aurores, 2023.

[5] De Táta Kamuxinzela veja DAEMONIUM (Vols. 1 e 2). Clube de Aurores, 2019, 2022.

dições são abertamente simpatizantes da ideia de *autoiniciação* – mas o tema logo desapareceu das atualizações mais recentes.

Ambas as ideias negam a necessidade da outorga ou chancela espiritual transmitida por um sacerdote oficiante. Como demonstrei no artigo *A Catábase na Quimbanda Nâgô*, a cerimônia de admissão na Quimbanda, i.e. o Ritual de Iniciação, trata-se do início de uma jornada iniciática no Submundo: é quando se abrem os portões do Inferno para a recepção do novo *kimbanda* que acaba de ser admitido a grande horda de guerreiros do Chefe Império Maioral, o Diabo. Desde tempos imemoriais, foi a função do homem criar o rito para emular mágico-religiosamente o mito. Nos antigos mitos catabáticos, todos àqueles que desejam penetrar nas profundezas do Hades são conduzidos por um indivíduo preparado que os leva até o limiar com o mundo dos mortos. De igual modo, o sacerdote iniciador conduzirá o novo adepto até os portões do Inferno, de onde ele seguirá junto ao seu Exu tutelar pelas profundezas dos Reinos da Quimbanda. É necessário, portanto, que um indivíduo preparado, que conhece a geografia do Submundo, ou seja, um Mestre de Quimbanda que conhece os domínios de Maioral, o Inferno, para guiar o adepto até a sua comunhão (entenda pacto) com Exu, quando ambos iniciam a catábase.

Nas ditas *iniciações a distância* não há uma transmissão de força mágica para o corpo físico e espiritual do adepto; apenas lhe são fornecidas ferramentas sagradas para executar o ofício, sem a impressão energética da chancela mágica da Quimbanda sobre sua alma. Será por meio da iniciação genuína, àquela que transfere para a alma do adepto a força mágica da Quimbanda, que ele terá a certeza da origem, do fundamento e da natureza dos espíritos cultuados, e onde haverá não apenas a sacralização das ferramentas, mas também do corpo físico e espiritual do novo *kimbanda*. A partir desse momento a faca se torna sagrada, mas a mão do feiticeiro também se torna sagrada. E é aqui que separamos joio do trigo, pois não nos sustentamos exclusi-

vamente sobre ferramentas consagradas, mas no próprio espírito individual consagrado ao Chefe Império Maioral, o Diabo, e é isso que fará o feiticeiro ser ouvido pelo povo de Exu em quaisquer encruzilhadas ou pontos de força espalhados pelo mundo, pois agora ele é em si o depositário das forças e da corrente mágica da Quimbanda.

Tal fato ocorre não apenas dentro do meio religioso de Quimbanda, mas prossigue na Umbanda, no Candomblé, no Catimbó Jurema, no *Işésé Làgbà*, enfim, a todos os cultos verdadeiramente iniciáticos de magia e feitiçaria. É através da transmissão da tradição por meio da iniciação que o adepto terá certeza da natureza do espírito que cultuará. Você poderá argumentar: *quem foi o primeiro do culto a receber essas outorgas espirituais*. Obviamente foi o homem que fundou o culto. Lembre-se, desde tempos imemoriais é o trabalho do homem criar o rito que emula o mito, com ou sem a influência de espíritos, inspirado ou não pelo divino. Portanto, quem criou a Quimbanda foi algum homem *iluminado* e sagaz o suficiente para levar esta segurança religiosa e mágica àqueles que desejassem.

O que separa uma corrente mágica fundamentada de outras duvidosas, é a cerimônia de iniciação e a transferência da corrente mágica. O que garante que um *kimbanda* está cultuando um Exu ou Pombagira? É a farofa? O marafo? O charuto? A capa preta ou a saia rodada? Nada disso garante! Nem arquétipo de manifestação garante. O que garante é a tradição que ampara todos esses fetiches e que prove as conexões e os acessos aos Reinos do Chefe Império Maioral. No mundo dos espíritos, qualquer um pode lhe servir por conveniência. Mas a certeza de que ele é de fato fundamentado e integrante de uma corrente mágica genuína e verdadeira, é a iniciação.

**Tata Nganga Kilumbu**

*Domínio de Exu Marabô e Maria Padilha*

**Táta Nganga Kamuxinzela**

*Cova de Cipriano Feiticeiro*

Táta Nganga Kimbanda Kilumbu  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Falando de Quimbanda Nàgô:  
No. 1 - O Desafio

Observamos hoje uma grande disputa territorial entre os praticantes de feitiçaria tradicional brasileira, a Quimbanda; muitos religiosos ou pseudos-religiosos todo o tempo querem buscar um purismo que é inexistente na Quimbanda como um culto genuinamente brasileiro. Falou em *culto brasileiro*, a última coisa que se pensa é na *pureza*, ou seja, na ausência de misturas culturais, sociais e religiosas. A beleza do brasileiro é a miscigenação tão complexa que nos resulta.

Alguns discursos equivocados têm sido constantes entre os sacerdotes de outras vertentes e os que se dizem estudiosos e/ou acadêmicos nos estudos de macumba, em que por temor da retomada da popularidade da vertente *Quimbanda Nàgô* em âmbito religioso nacional. A primeira premissa extremamente equivocada e que *machuca* os ouvidos dos que ouvem ou os olhos daqueles que leem de que *não seria possível uma Quimbanda Nàgô, pois segundo os mesmos não existe influência alguma yorùbá à nível*

*de Quimbanda*. Quanta burrice escancarada num conjunto de palavras por aqueles que temem à queda de seus castelos de areia. Vamos lá, quer pureza, uma Quimbanda extremamente banto? Retire de seus cultos os termos *yorùbá* para começar: onde estiver o termo *Exu*, coloque *Mavambu*, *Aluvaiaá*, o que for o nome do *nkisi* dos caminhos, afinal, Exu vem do *yorùbá Èsù*, o *òrìsà* dos caminhos e da vitalidade. Continuando, retire os *okutás*, e coloquem seus *ritari* ou *matari*, abram mão das ervas que se usam no culto de Exu e utilizem ervas nativas do Congo e Angola. Desfaça-se os assentamentos de formatação *nàgô* e voltem aos vultos de barro em suas *kuxikamas*, que não deverá ser regada com mais *epó pupá* (azeite de dendê), óleo típico das culturas *yorùbá* e fon.

Quanto aos nomes, até os nomes de entidades, como Tiriri, Lonã, Marabô e Lalu, deverão não mais ser cultuados, pois são todos epítetos do *òrìsà Èsú*, que ganharam forma e continuidade dentro do culto de





Quimbanda; ou seja, são nomes *nàgô*, de origem *yorùbá*.

Façamos esse desafio, retirem tudo o que tem de influência *nàgô yorùbá* de seus cultos 100% banto e vejamos se ele continua existindo como Quimbanda. Afinal, se buscar a pureza banto ao *pé da letra*, *Kimbanda* não seria culto, mas um indivíduo, o curador, o sacerdote, o mestre professor, o feiticeiro.

Nosso nome, *Quimbanda Nàgô*, é muito antigo no campo da literatura; muito antes de nascerem esses que hoje se levantam em busca de um *purismo banto*. Vide Lourenço Braga na década de 1940 e Aluísio Fontenelle na década de 1950. Assim como outras bandas do *tronco tradicional*, que certamente existiam já anos antes desses autores tentarem descrevê-las em seus materiais.

Seguindo esse desafio de *purismo banto*, aconselhamos ainda que abstraia de tudo o que seja de origem europeia na sua banda, tais como os tridentes nos pontos riscados ou nas insígnias dos espíritos, o uso das gemas e pedras semipreciosas, que o uso de velas seja abolido e voltem-se as lampari-

nas. Que os conjuros e conotações diabólicas sejam esquecidas por estes, juntamente com as saias rodadas inspiradas nos cortes francesas usadas nas Pombagiras e as capas de veludo e cartolas dos Exus, típicos de um lorde inglês. Esqueçam também do Diabo como o veem e todas as suas hostes de demônios como Belzebuth e Lúcifer. Isso tudo não é originário de Angola e nem do Congo. Pare de ir à Cemitérios realizar rituais e volte-se às matas e praias apenas, pois necrópoles como conhecemos foi uma construção europeia. Parem de utilizar os charutos, cigarros, cachimbos e toda forma de tabaco oriunda do povo indígena brasileiro, assim como as maracas e rituais de sacudimentos brasileiros que se diferenciam muito dos africanos, que são acostumados à rezar o animal que será imolado junto das oferendas, sendo muito pouco passado no corpo. Esqueçam o Diabo, e se voltem para Ndala Karitanga com toda força.

Se desejam purismo, devem fazer isso tudo. Pois se a *Quimbanda Nàgô* não pode ser, como propalam a não existência de nada *yorùbá* na mesma, jogue fora o nome Exu de todas suas práticas: esse nome é *yorùbá*.

A beleza de Quimbanda está na multiplicidade de manifestações e vertentes, cada uma com sua puxada familiar para um de seus três pilares, mas sempre será um culto oriundo de miscigenação de africanos, indígenas e europeus, afinal, ser brasileiro é ser filho dessa miscigenação.

Salve todas as bandas de Quimbanda em solo nacional, cultos brasileiros de raiz, complexo de legiões do Chefe Império Maioral.

Salve a Quimbanda Nàgô,  
O Exército de Exu Gererê!

**Táta Nganga Kilumbu**

*Domínio do Exu Marabô e Pombagira  
Maria Padilha*

Táta Nganga Kimbanda Kilumbu  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

# Da Macumba à Quimbanda Nàgô



Hoje em dia o nome Macumba tem sido deveras desacreditado por muitos pseudos-estudiosos das religiões afro-brasileiras, com premissas de que *macumba é instrumento, mas não um culto*. Todavia, basta um olhar na história, além do conhecimento de mundo, uma leitura de Nei Lopes (1942-) e Arthur Ramos (1903-1949) seria demais valia para compreender a existência do culto que fica conhecido como Macumba Carioca. Um culto em que a pluralidade falava alto, em que ao mesmo tempo que um Exu estava trabalhando incorporado, havia um Caboclo em outro kavalu, era a perfeita manifestação da ancestralidade brasileira como forma religiosa, e muitos acreditam que isso se perdeu no tempo, todavia, conseguiu resistir as investidas da turma de Zélio de Moraes (1891-1975) e se mantém de pé dentro das Quimbandas antigas, como na nossa Quimbanda Nàgô, que surge nesse cenário entre a Macumba, a Cabula e o Candomblé de Caboclo na região Sudeste.

Os registros históricos sobre a Macumba Carioca são raros em verdade, mas os poucos que se mantêm deixam claro a estrutura do culto, o qual se assemelhava à Cabula, ao Candomblé de Caboclo, ao Catolicismo Popular e alguns ritos das atuais Umbanda e Quimbanda. Seu sacerdote era chamado de *Kimbanda* ou *Embanda*, os ajudantes eram os *camdonos*, tal qual os atabaqueiros dos Candomblés, enquanto os iniciados eram filhos de santo. E este termo não era pejorativo, tendo em vista a forte presença do Catolicismo Popular na Macumba, onde os Santos da Igreja também eram cultuados junto aos *Òrìṣà*, *Jinkisis*, Caboclos, Exus, Pombagiras, Pretos Velhos, Mineiros, Tátas, entre outras entidades espirituais que eram agrupadas nas chamadas Linhas, onde surgia as diversas linhas da Macumba, tais como: Linha do Congo, Linha de Caboclo, Linha de Mineiro, Linha de Baiano, Linha dos Santos, Linha de Exu, Linha de Ganga, Linha Cruzada, Linha Mista, Linha do Povo d'Água, Linha de Mossorubi, Linha das Almas, Linha de São Cipriano, Linha de Ògún, Linha do Oriente, entre outras tantas *Linhas de trabalho* da Macumba Carioca que

nunca se resumiram em apenas sete como alguns tentaram *unificar*.

E esse culto não era apenas acender vela e total simplismo ritualístico como a Umbanda Branca tentou fazer para apagar a sua história. Em verdade, essa tentativa de desvalidar o trabalho dos *Kimbandas* e *Embandas* da Macumba sempre foi objeto de busca, afinal, era para eliminar lacunas que pudessem por em cheque suas novas práticas. Mas dentro das Macumbas existiam os toques de tambores em seus ritos, não só de atabaques, mas de outros tambores como o antigo *caxambu*, assim como faziam oferendas e trabalhos para todos os fins, com a presença quando necessário dos sacrifícios de animais para as entidades ou divindades, o que fora abolido na Umbanda quase que totalmente, mas se manteve vivo na Quimbanda Nàgô. Portanto, fica claro que se tratava de uma religião brasileira extremamente sincrética, com a forte influência banto, mas também *nàgô*, indígena, europeia (através de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, do qual originou-se uma *linha de trabalho*), afinal, a natureza dos bantos era buscar o *moyo* em todas as manifestações da natureza, sempre agregando. Natureza esta agregadora que muitos confundiram e ainda confundem com mero sincretismo para autoproteção, ao invés de se apoderar também de mais uma força, um *moyo*, um *àṣe*.

Tal direcionamento é apresentado por José Beniste, João do Rio (1881-1921), mas também de forma bem resumida e direta por Reginaldo Prandi (1946-) em seu artigo *A Dança dos Caboclos: uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros*:

Por muito tempo tanto os Candomblés de divindades africanas e os cultos que giravam em torno de Espíritos brasileiros e europeus (isto é, o Candomblé de Caboclo, a Encantaria de Mina, o Catimbó ou Jurema dos Mestres) permaneceram mais ou menos confinados a seus locais de origem. Mas logo no início de sua constituição, com o fim da escravidão, muitos negros haviam migrado da Bahia para o Rio de Janeiro, levando consigo suas religiões de Orixás, Voduns, Inquices e também a de Caboclos, de modo que na então capital do país reproduziu-se um vigoroso Candomblé de origem baiana, que

se misturou com formas de religiosidade negra locais, todas eivadas de sincretismos católicos e com o espiritismo kardecista, originando-se a chamada Macumba carioca e pouco mais tarde, a Umbanda [e a Quimbanda].<sup>[1]</sup>

Segundo Arthur Ramos em seu livro O NEGRO NA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, dentre as diversas linhas de Macumba Carioca se destacavam duas, que mais tarde se tornariam dois cultos distintos: a *Linha de Umbanda* e a *Linha de Quimbanda*; o autor diz que não era todo terreiro que operava com a mesmas linhas de trabalho, nos brindando com a seguinte frase: *tanto mais poderoso é o Grão-sacerdote quanto maior é o número de linhas com que [ele] trabalha*.<sup>[2]</sup> Isso influenciou diversos cultos oriundos da Macumba, com a presença de diversos panteões organizados em linhas de trabalho, como sege: Exus, Pombagiras, Mirins, Ògún, Almas, Pretos Velhos, Caboclos Kimbandas e Ciganos, aumentando o raio de alcance, o campo de atuações e a envergadura dos trabalhos espirituais, que eram e continuam sendo dirigidas por um Chefe Supremo, que corresponde ao Maioral da Lei de Quimbanda, segundo completa Benedito Ramos da Silva, em RITUAL DE UMBANDA.<sup>[3]</sup> Fato este, que apresenta até a presença de outros seres naquela *Linha de Quimbanda*, em que podemos destacar, segundo o próprio autor acima contactou, o próprio Òrìṣà Òṣányìn, como integrante da sétima *Linha de Quimbanda* onde é nomeado de forma aportuguesada de *Oçanha*, estando sob o comando também de Maioral chamado de *Guimbungú*. Isso serve para demonstrar a natureza sincrética que as Quimbandas antigas preservaram da Macumba Carioca. Todavia, veremos dentro do universo da Quimbanda, vertentes e tradições mais fechadas, as quais irão prestar trabalhos através de Exu e Pombagira apenas, até mesmo excluído os figura de Maioral como



deidade suprema, cedendo seu lugar ao Exu Chefe do sacerdote, mas tudo conforme a formação de cada culto. Iniciando então a estruturação das vertentes de Quimbanda oriundas da Macumba Carioca, dentre as quais se destaca a nossa tradição de Quimbanda Nàgô.

Diante de tais fatos, fica notório a dimensão do panteão de espíritos e entidades que trabalham e atuam dentro da nossa Quimbanda, todas oriundas da Macumba, concentradas na força acumulativa da religiosidade e cultura banto. Hoje, por algum equívoco, tem-se como verdade exclusiva e absoluta a base doutrinária satanista da *Quimbanda Luciferiana* como estrutura padrão de todas as famílias de Quimbanda como culto brasileiro; só que isso não condiz com a realidade dos fatos, a não ser para esta vertente oriunda do satanismo brasileiro.<sup>[4]</sup> Quantos não são os sacerdotes de cultos que possuem suas origens nas duas primeiras ondas de manifestação da Quimbanda,<sup>[5]</sup> mas que infelizmente per-

[1] Artigo disponível em: [https://reginaldopranci.fffch.usp.br/sites/reginaldopranci.fffch.usp.br/files/inline-files/A%20danca\\_dos\\_caboclos.pdf](https://reginaldopranci.fffch.usp.br/sites/reginaldopranci.fffch.usp.br/files/inline-files/A%20danca_dos_caboclos.pdf)

[2] Arthur Ramos. O NEGRO NA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. Casa do Estudante, 1975.

[3] Benedito Ramos da Silva. Ritual da Umbanda. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1960.

[4] Para uma contextualização sobre a origem da *Quimbanda Luciferiana*, veja o livro de Táta Kamuxinzela, Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia (Clube de Autores, 2023).

[5] Nas edições da Revista Nganga e no segundo volume do DAMONIUM (Clube de Autores, 2022), Táta Kamuxinzela explorou os dois momentos da Quimbanda: o primeiro momento indo do período colonial até 1950 com a síntese de Aluízio Fontenelle, e o

deram suas raízes doutrinárias, sejam elas oriundas das Macumbas e Cabulas (*primeira onda*), ou oriundas dos Candomblés (*segunda onda*), embarcando na cosmovisão satanista moderna como a forma tradicional de Quimbanda raiz? Foi notório quando apresentamos o nosso Culto a Ògún na Quimbanda Nàgô a comunidade religiosa afro-brasileira contemporânea, o choque e a consternação causados. E da mesma forma procedem os demais tipos de entidades e *linhas de trabalho*, e isso casa com um certo desencontro, em que se acredita em um Diabo estritamente cristão e ao mesmo tempo se rejeita a prática de trabalho com *daimones* em nosso culto, um falso purismo totalmente incoerente.

Buscando as raízes de muitas entidades da Quimbanda, e tentando nos ater apenas no quesito dos Exus e Pombagiras, encontraremos diversas entidades que em suas origens eram deuses e entidades de outros povos, sejam *yorùbá*, sejam indígenas, sejam bantos, sejam europeus, enfim, uma multiplicidade de divindades que essa jornada satanista de apagamento da cultura da Macumba na Quimbanda vem expurgando, ou tentando rechaçar, assim como a Umbanda Branca o fez ao longo desses cem anos.<sup>[6]</sup> Tirando a figura de Exu Marabô, Exu Tiriri, Exu Lonã e Exu Lalu, que

segundo momento a partir dele até os dias de hoje.

A partir de 1950 a Quimbanda começou a ganhar forma e estrutura como uma tradição, um sistema operacional de feitiçaria tradicional brasileira formado da amalgama das práticas mágico-religiosas de três raízes culturais ancestrais: africana, europeia e ameríndia. Esse sistema operacional vem sendo apresentado em ondas no território brasileiro.

A *primeira onda* consiste das vertentes derivadas do tronco tradicional de Quimbanda e são um produto direto das Macumbas cariocas e posteriormente paulistas. As vertentes Nàgô, Mussurumim e Malê pertencem a essa *primeira onda*. A *segunda onda* deriva das vertentes derivadas dos Candomblés (no Sudeste, Norte e Nordeste) e do Batuque (no Sul), como a *Kimbanda* de Angola e a *Kimbanda* de Cruzeiro e Almas. A *terceira onda* deriva do satanismo brasileiro que atuava nas penitenciárias do estado de São Paulo na década de 1990 e fazia frente a expansão do PCC, sendo àquelas que se denominam *Quimbanda Luciferiana*. Das vertentes nascidas em cada onda, derivam ainda muitas outras famílias de Quimbanda.

[6] Sobre o embanquecimento da Umbanda veja Táta Kamuxinzela, Ganga: a Quimbanda no Renascer da Magia (Clube de Autores, 2023). Do mesmo autor veja o artigo A Quimbanda no Esoterismo Ocidental. Veja também Farlen de Jesus Nogueira, O TATA TI INKICE DA OMOLOCÔ: TANCREDO DA SILVA PINTO (Autografia, 2022). E de Tadeu Mourão, veja ENCRUZILHADAS DA CULTURA (Aeroplano, 2012).

surgiram dos *orikis yorùbás* de Èṣú M̀ar̀àb̀ó, Èṣú Tirirí, Èṣú Lonã e Èṣú Láàl̀ù, assim como dos Exus-Ògún cultuados na nossa banda, mas de forma genérica abrangendo toda a Quimbanda, além desses epítetos de nome e sobrenome do òrìṣà Èṣú, temos ainda outros espíritos que iniciam suas falanges por meio do culto de outras deidades; e no caso de um Exu muito específico, temos o próprio Exu Omolu, que por mais que tentem chamá-lo de Omulum na tentativa de diferenciá-lo, o termo permanece sendo uma corruptela oriunda do *oriki* do òrìṣà Obàlúwàiyé, traduzido como *filho do Senhor*, devido à natureza complexa de sua manifestação em terra.<sup>[7]</sup> Sendo a natureza dessa divindade altamente complexa, o òrìṣà Omolu adentrou a Macumba como Exu Omolu na *Linha de Quimbanda*, recebendo de título de *Rei dos Cemitérios* que ganha na diáspora. Toda a confluência cultural que convergiu nas Macumbas possibilitou que o òrìṣà Omolu adentrasse na Quimbanda em uma falange de Exus *Ekuruns*.<sup>[8]</sup> Não é à toa que a grande maioria dos pontos cantados dirigidos a essa divindade têm a saudação atotô, a mesma utilizada em nome do òrìṣà Obàlúwàiyé.

[7] Antigos autores como N.A. Molina representavam o òrìṣà Obàlúwàiyé (Omolu) como um homem coberto com palhas seguido, logo atrás, por um diabo morto-vivo. Para estes autores, Omolu associava-se diretamente a demandas, obsessões e todo tipo de coisa ruim que pode acontecer com alguma pessoa. Nos primórdios da Macumba, Omolu fora considerado uma divindade maléfica, o dono do cemitério, um espírito raivoso, um demônio. As manifestações desse espírito em terra eram complexas e deixavam seus médiuns cadavéricos. Como Èṣú òrìṣà já recebia a pecha de diabo, logo Omolu foi associado também a Èṣú. Então o òrìṣà Obàlúwàiyé entra a Macumba como uma divindade da *Linha de Quimbanda*, daí Exu Omolu. Na diáspora o òrìṣà Obàlúwàiyé foi distinguido do òrìṣà Omolu, para diferenciar uma divindade benfazeja de outra divindade maléfica. O òrìṣà Omolu adentra a Macumba com características diabólicas e logo ele é associado ao Diabo e, portanto, a Èṣu e tudo o que há de ruim. É essa herança da Macumba que irá convergir no Exu Omolu da Quimbanda. Daí Exu Omolu passou a ser associado diretamente ao Cemitério e ao Cruzeiro das Almas, regendo todas as *linhas de trabalho* (caveiras, catacumbas, covas, lomba etc.) e tudo o que envolve a feitiçaria para fins malignos.

[8] *Ekurun* deriva de um termo *yorùbá*, *Àiyé Òkú-Òrun*, que significa o *habitante do mundo espiritual que retorna a terra*. Refere-se a um espírito de morto deificado, divinizado, que tem a capacidade de retornar a terra para resolver os problemas dos homens. Na Quimbanda, esse é o papel de Exu, daí *Exu Ekurun*. O termo é aqui utilizado para evitar o uso pejorativo de termos como *exu-égún*, que pode designar qualquer tipo de morto, ou *exu catiço*, que designa um *morto sem descanso*, um *espírito maléfico*.



Se por um lado muito da ancestralidade africana se perdeu na diáspora e no passar do tempo, por outro lado há dez anos apenas a *Quimbanda Luciferiana* tem se posicionado acerca da natureza e cosmovisão do culto, trazendo elementos satanistas e luciferianos neo-gnósticos completamente antagônicos a estrutura tradicional ancestral da Quimbanda, criando neste processo muitas *pontas soltas* que deixam o sistema completamente inconsistente. O que buscamos, portanto, é construir uma literatura que preserve o culto da Quimbanda Nàgô como herança das antigas Macumbas, afastando esses elementos modernos inconsistentes. Nós também esperamos, de fato, que outras vertentes tradicionais entorpecidas por essa literatura da *Quimbanda Luciferiana*, despertem para a preservação de seus cultos e raízes.

O fato de haver, por exemplo, uma literatura de Benedito Ramos falando da presença de uma *sétima linha* de Quimbanda regida por Òşanyín hoje chocaria muitos, e causaria um debate por haver um *òrişà* entre os Exus, esquecendo-se de Tiriri, Lala, Lonã e Marabô, esquecendo-se tam-

bém do próprio epíteto Èşú, de onde vem o Exu brasileiro, e *Pambunjila*, de onde vem a Pombagira brasileira; esta divindade banto, que representa os caminhos, foi sincretizada com Èşú.<sup>[9]</sup> Mas a questão é que a força de *ewé* é extremamente importante para a Quimbanda, e se não é para todas as vertentes, assim o é para a Nàgô, a Mussurumin e Malê, e destas podemos falar com propriedade; esta força, este *àşę* entre os *yorúbás*, é chamado de Òşanyín, o espírito das folhas, que fora os assentamentos, também é cultuado diretamente em cima dos vegetais e seus domínios, a *makaia*; muitos o louvam nos troncos das árvores com oferendas e sacrifícios, e por isso a prática de lidar com as ervas na Quimbanda, que chamamos de *makaia*, também poderia ser nomeada de Saşányìn sem sombra de dúvidas, afinal, tudo é um culto à *ewé*, à folha. O que entre os bantos seria atrelado ao culto do *nkisi* Katendê.

E não obstante os deuses de outras culturas, que teoricamente estariam impedidos de ter nomes lembrados dentro da Quimbanda, destacamos os filhos do grande Boiúna, a divindade serpente do norte brasileiro, a qual, segundo a lenda, gerou dois filhos com uma indígena ribeirinha, sendo conhecidos como Honorato Caninana e Maria Caninana, ou simplesmente, devido a corruptela, como Honorato Cobra. Este casal de deuses menores filhos da grande serpente dos povos indígenas da região, seriam metade homens e metade serpentes, em especial da família das Caninanas, uma serpente demasiadamente feroz quando encontra algo em seu caminho. Conta-se nos mitos religiosos que o irmão era pacífico, enquanto a irmã seria o gênio mal, perverso, e que a mesma teria assassinado o próprio irmão por suas escolhas contrárias aos desejos dela, o que certamente está expresso no ponto cantado, e ninguém presta atenção na história:

Exu Caninana, quem de matou, Caninana?  
Exu Caninana, quem de matou, Caninana?

[9] E inclusive o Exu Omolu, binômio oriundo de Èşú + Omólú, ou seja, a divindade dos caminhos e a divindade da saúde.

Foi uma mulher Caninana, na beira do rio, Caninana!  
Mas vou chamar Sete Encruzadas, que ele é grande amigo meu, Caninana...

Apesar desse ponto sofrer algumas variações regionais, em sua integridade ele sempre é relacionado às origens das divindades caninanas, remetendo ao rio, domínio de Boiúna e dos mesmos, e ao seu assassinato por parte de sua irmã, ou seja, uma mulher. Logo, fica difícil falar de uma negação as nomenclaturas de divindades diversas de outras religiões dentro da Quimbanda, afinal, muitas dessas divindades estão preservadas como falanges de divindades dentro das vertentes, e em especial na Quimbanda Nàgô, em que essa sabedoria e conhecimento foram preservados, não havendo motivo para perder esse *àşę* ou *moyo*; e é esse o elemento fundamental pelo qual dizemos: somos os verdadeiros herdeiros da Macumba carioca.

Dentro das vertentes tradicionais de Quimbanda, encontraremos um panteão vasto de divindades e forças espirituais que irão exercer seu trabalho dentro das falanges do Chefe Império Maioral. Quando falamos de Quimbanda Nàgô, logo vem em mente o culto de Exu e Pombagira apenas, e às vezes alguns pensam nos *daimones*. Contudo, esquecem de outros pilares, de outras formas arquetípicas que se manifestam e possuem culto dentro de nossa banda, tais como os Caboclos *Kimbanda* e os Pretos Velhos *Kimbandas*, também conhecidos como Pretos *Kizombeiros*, *Ciganos* e *Marinheiros*. Classes de divindades que facilmente são associados exclusivamente à Umbanda no senso comum, porém que estão presentes em diversos cultos como o Candomblé, a Jurema, e também dentro de algumas vertentes de Quimbanda, em especial àquelas que tiveram contato com princípios da Macumba carioca, da Cabula ou mesmo de um Candomblé de Caboclo em sua gênese e fundamentação.

Mas não se encerra por aí; vejamos o nosso culto de Ògún, que se assemelha muito ao antigo culto *Amburaxó* que se preservou na Quimbanda Nàgô, fundido sinc-

réticamente ao culto dos Exus e de Ògún, o *òrişà* guerreiro e que afugenta os *ajoguns* (forças maléficas contrárias a vida humana, mas que fazem parte do equilíbrio cósmico). Esse tipo de sincretismo religioso se estendeu aos demônios da tradição cipriânica que, aos poucos, ganham espaço e poder dentro da Macumba, e o que se preservou nas vertentes conectadas ao tronco tradicional de Quimbanda. Como Táta Kamuxinzela demonstrou no ensaio *O Livro de São Cipriano & a Quimbanda*, o primeiro contato entre a Macumba e os demônios da goécia cipriânica, àqueles mesmos do GRIMORIUM VERUM associados a Quimbanda por Fontenelle, foi através de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO. Isso significa que a feitiçaria popular ibérica chegou na Macumba antes da feitiçaria erudita dos grimórios. Enfim, são linhas de espíritos que possuem um trato a parte dentro do nosso culto, que não se associam à outras formas de cultos, afinal, são ancestrais que resistiram na Quimbanda para manifestação de suas formas e pensamentos.

E sobre uma perspectiva ampla da cultura da Quimbanda, isso não é a regra de todas as vertentes, pois cada uma está alinhada ao seu período de formação, que são divididos em *três ondas*: as que surgem da Macumba (*primeira onda*), as que surgem dos Candomblés (*segunda onda*) e as que surgem do satanismo e Ocultismo modernos (*terceira onda*). Logicamente, cada vertente com seu alinhamento, todas possuem Exu, Pombagira e Maioral, mas cada qual dentro de sua cosmovisão, tendo as vezes um panteão mais extenso, outras vezes não, o que não faz uma superior a outra, nem inferior: mas cada vertente sendo singular no que faz e representa.

É a partir da cosmovisão da Macumba carioca que surge as bases e princípios da Quimbanda Nàgô, que herdando os padrões sincréticos da Macumba carioca e da Cabula, agrega em seus ritos não apenas os elementos banto de culto aos mortos e forças da natureza, mas também conceitos, práticas e epistemologia *yorùbá*, o que vem a dar origem ao nome oficial de nossa vertente, a

Quimbanda Nàgô, i.e. o culto de Quimbanda estruturado com elementos *nàgô-yorùbá*, tal como o uso do oráculo de búzios, em especial o *kawrifan* ou *erin*, o culto aos assentamentos semelhantes aos *igbá* de Èṣú e Ògún, o transe por incorporação, os sacrifícios e outras cerimoniais sagradas.

Alguns se deparam com tais informações e se negam a aceitar que a herança ancestral da Quimbanda Nàgô não surgiu agora, como as vertentes *Kongo*, *Luciferiana* e *Xambá*, de *terceira onda*. Diferente dessas vertentes modernas de *terceira onda*, as raízes da Quimbanda Nàgô vêm de uma época pelo menos cinquenta anos antes de Lourenço Braga trazer ao público a própria Quimbanda Nàgô na forma da *Linha de Ganga*. Historicamente isso está em sincronia com a iconografia religiosa carioca do fim do período Imperial, o mesmo período em que operava o *Chefe das Macumbas*, Juca Rosa, que trabalhava com Pai Quimbombo e se trata do exemplo *par excellence* do Táta Nganga de Quimbanda Nàgô. Juca Rosa ficou famoso por seu exercício religioso sincrético, apresentando a divindade *nàgô* dos caminhos, Èṣú, nos tons negros e rubros, acompanhado pelos toques dos tambores, o exercício do transe e o sacrifício de animais até altas madrugadas, como demonstrou Táta Kamuxinzela no segundo volume do DAEMONIUM. Roger Bastide em O CANDOMBLÉ DA BAHIA diz:

A influência dos iorubás domina sem contestação o conjunto de seitas africanas, impondo seus deuses, a estrutura de suas cerimônias e sua metafísica aos daomeanos, aos bantos. É, porém, evidente que os candomblés *nàgô*, queto e ijexá são os mais puros de todos, e só eles serão estudados aqui.<sup>[10]</sup>

O autor demonstra a extensão da influência *nàgô* dentro da cultura afro-brasileira, e que se firmou dentro da Quimbanda, além mesmo da própria vertente *Nàgô*, onde já começa pela divindade que ostenta o nome do *òrìṣà* Èṣú, os chamados Exus Ekurum.

Portanto, a Quimbanda Nàgô é uma manifestação mágico-religiosa que mani-



festa em sua episteme a ancestralidade da Macumba carioca através de sua vastidão de valores, fundamentos, crenças e práticas que se perpetuaram pelo tempo, e se mantêm preservadas em dias atuais dentro deste ritual de culto tradicional aos Exus e Pombagiras, bem como delongando em seu panteão diversas classes de espíritos ancestrais, tais como ciganos, pretos velhos *kimbandas*, caboclos *kimbandas* e marinheiros, todos cultuados como se fossem Exus, porém com suas particularidades; assim como a presença de demônios e almas não-deificadas que já possuem uma ritualística bem distintas dos Exus, mas são parte da Quimbanda. Ao compreender o nosso universo, começando pela busca do entendimento pelo nome adotado sem melindres, mas pela visão da de-significação que o termo *nàgô* recebe, e diante do nosso panteão, fica claro as suas raízes dentro do que chamamos de *primeira onda* de manifestação de Quimbanda, que surgiram a partir da Macumba e suas práticas.

**Tata Nganga Kilumbu**

*Domínio de Exu Marabô e Maria Padilha*

[10] Companhia das Letras, 2001.

Táta Nganga Kimbanda Kimuxinzela  
**Feitiçaria Tradicional Brasileira**

# O Livro de São Cipriano & a Quimbanda

Toda Quimbanda é cipriânica. No segundo volume do DAEMONIUM eu expliquei o impacto de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO no primeiro momento da Quimbanda no Brasil, tanto no período colonial quanto no fim do Séc. XIX e início do Séc. XX, na formação das Macumbas cariocas. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO aporta no Brasil, como mencionei, com as feitiçarias ibéricas degredadas pelo Santo Ofício de Portugal, e é nas suas páginas que Maria Padilha chegou ao Brasil para depois se tornar a primeira e a mais importante de todas as Pombagiras da Quimbanda, considerada a sua guardiã. A primeira menção a Pombagira Maria Padilha fora das páginas de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO foi feita por João do Rio em sua pesquisa, AS RELIGIÕES DO RIO, em 1900.

A primeira menção a O LIVRO DE SÃO CIPRIANO ocorreu em 1620, no processo inquisitório de Pedro Afonso, um curandeiro feitiçeiro natural de Fornelos. O próprio Pedro teria copiado a mão O LIVRO DE SÃO CIPRIANO a partir de um manuscrito que teve acesso trinta anos antes em Basto, pelas mãos de Gonçalo Paes, que também o copiou a mão trinta e sete anos antes.<sup>[1]</sup> Entre os Sécs. XV e XVIII, em inúmeros processos inquisitórios começam a aparecer menções sobre O LIVRO DE SÃO CIPRIANO e a presença de feitiçaria africana em Portugal. Como menciono no texto *Feitiçeiros Africanos em Portugal*, ouve um profundo processo de miscigenação das técnicas de feitiçaria africana com as práticas de feitiçaria católi-

ca popular presentes em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO naquele período, o que mudou radicalmente a visão de mundo da comunidade africana que vivia em Portugal, escravos, alforriados e nascidos livres.

Havia indícios que a feitiçaria cipriânica, i.e. católica popular, tivera se miscigenado com as técnicas africanas de feitiçaria no Brasil Colônia. No entanto, com as novas pesquisas feitas nos processos inquisitórios de Portugal, hoje se acredita que essa miscigenação tenha começado em solo português, para ser continuada no Brasil.

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO contém um conjunto de instruções mágicas para curas, demandas, proteções mágicas e exorcismos, técnicas divinatórias, construção de tecnologias mágicas, a descoberta de tesouros, pactos com os espíritos e a descrição hierárquica desses espíritos, encantados diversos, anjos e demônios. Assim como no Grimorium Verum, a Trindade Maioral da Quimbanda, i.e. os três Chefes Maiorais do Inferno, Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth, também são listados em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO como regentes infernais.<sup>[2]</sup> A própria ideia de Maioral como o *Sanctum Regum*, o ambiente mágico da Quimbanda,<sup>[3]</sup> deriva de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO antes mesmo das descrições que lhe deu Eliphaz Levi (1810-1875). Em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO o *Sanctum Regum* é o ambiente mágico onde todo ato de magia é

[1] José Vieira Leitão. «Rosa é a Dama de Ouros; o José é o Rei de Ouros»: O Livro de São Cipriano na obra de Camilo Castelo Branco. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Manuscrito em PDF.

[2] Jonas Sufurino. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO. Via Sestra, 2019, pp. 133.

[3] Veja Fernando Líguori. GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA. Clube de Autores, 2023. Veja do mesmo autor o artigo Quimbanda: a Goécia Tradicional Brasileira. Em *Revista Nganga*, No. 10.

realizável: *O verdadeiro Sanctum Regnum da Grande Clavícula de Salomão tem suma importância, seja para adquirir tesouros, possuir a mulher desejada, descobrir os segredos mais ocultos, obter invisibilidade, viajar para qualquer ponto que se deseja, abrir todas as fechaduras, enfim, para realizar toda classe de maravilhas.*<sup>[4]</sup> Quer dizer, o ambiente mágico através do qual se dá o milagre da magia, a taumaturgia.

No primeiro volume do DAEMONIUM eu menciono que, universalmente, estes poderes ou o poder de controlá-los vem do conhecimento & conversação com o espírito tutelar. Na tradição cipriânica o espírito tutelar é o diabo pessoal, na Quimbanda é o Exu tutelar, o agente mágico universal que atua dentro do Sanctum Regum, o ambiente mágico da Quimbanda, o Corpo de Maioral.

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO goza de muita popularidade até hoje. Além de ser creditado como um manual de feitiçaria ibérica popular, bebendo muito dos grimórios eruditos medievais e modernos populares, ele também possui qualidades mágicas intrínsecas, como a de ser vir como um talismã. Antigas parteiras o utilizavam próximo às mulheres grávidas na hora do parto como um amuleto de saúde, pois acreditavam trazer benefícios curadores em momentos difíceis do parto; ele também era colocado nos berços dos bebês, tanto para trazer proteção espiritual quanto para fazê-los mamar. O que conferia este poder talismânico a O LIVRO DE SÃO CIPRIANO era a presença, segundo consta os depoimentos inquisitórios, da *Oração de São Cipriano*, extensivamente famosa na tradição cipriânica e ostensivamente usada em muitas religiões afro-diaspóricas nas Américas.<sup>[5]</sup>

Eu menciono no DAEMONIUM que a espinha dorsal que dá estrutura as diversas edições de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO são as suas poderosas orações de exorcismo. A *Oração de São Cipriano* narra a história de

um feiticheiro pagão que se rende aos dogmas da Igreja, arrependido de seus pecados. Este feiticheiro, o próprio São Cipriano, é apresentado em três histórias fictícias que datam do Séc. IV: *A Confissão de São Cipriano*, *A Conversão de São Cipriano* e *O Martírio de São Cipriano*. Como pus ênfase no livro, essas histórias nasceram para combater a prática da feitiçaria na Antiguidade, mas ao invés disso alimentaram toda uma tradição de feiticheiros necromantes.

No segundo volume do DAEMONIUM eu falo do pacto com o Espírito do Livro de São Cipriano, apresentando-o como o grigori, i.e. o guardião gregário da tradição cipriânica. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, como explico no DAEMONIUM, é um livro vivo. Ele alimenta não só uma corrente mágica de feitiçaria, mas o próprio trabalho magístico de muitos feiticheiros. Como um livro vivo, ele se transforma. Se entre os Sécs. XV e XVII ele aparece associado a curas diversas e o afastamento de forças malignas, no Séc. XVIII ele é associado a caça de tesouros perdidos, quando ganha grande proeminência. No Séc. XIX é quando O LIVRO DE SÃO CIPRIANO começa a aparecer com as inúmeras edições e versões que conhecemos hoje, popularizando-se principalmente no Brasil. São Cipriano é o Santo dos bruxos e feiticheiros, considerado o próprio patrono e protetor da prática da feitiçaria.

Não há motivos para escrever aqui tudo o que falei no segundo volume do DAEMONIUM. Construo esse opúsculo em detrimento das perguntas dos novos seguidores, que desconhecem minha literatura sobre São Cipriano, onde demonstro sua grande importância na identidade mágica brasileira e nos alicerces que proporcionaram a Quimbanda moderna.

**Táta Nganga Kamuxinzela**

*Cova de Cipriano Feiticheiro  
Consultas, iniciações e trabalhos,  
WhatsApp: 24999320636.*

Acesse: [www.quimbandanago.com](http://www.quimbandanago.com)

[4] Jonas Sufurino. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO. Via Sestra, 2019, pp. 147.

[5] José Vieira Leitão. «Rosa é a Dama de Ouros; o José é o Rei de Ouros»: O Livro de São Cipriano na obra de Camilo Castelo Branco. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Manuscrito em PDF.

# Os donos da religião



As religiões sempre são comparadas entre si, sendo que dentro do escopo ocidental o catolicismo é a base perene de qualquer tipo de explicação teológica. Sempre explicam divindades, atributos, regras e dogmas pelo viés católico ou contrapondo este. Entretanto, as religiões são muito distintas nas mais diversas partes do mundo, podendo ter uma multiplexação tão grande que muitas vezes confundimos determinados tipos de práticas com outras similares, como ocorrem nas diversas ramas do protestantismo ou até mesmo dentro das práticas afro-diaspóricas presentes nas Américas.

Você vê influencers e outros “teólogos” ou “líderes” religiosos comparando a Umbanda com o Candomblé, com o Hoodoo, com o Vodou, com as Reglas de Palo, gerando mais desentendimento do que cada uma é do que de fato elucidando que apesar de possuírem raízes em comum elas enveredaram para caminhos distintos. Veja só, o nome desta revista Nganga, que para os Quimbandeiros representa o feiticeiro que atingiu certo grau de proficiência sacerdotal e que para os *palers* é a própria panela de espírito, o receptáculo de poder dos mortos cultuados, o que para a própria Quimbanda é chamado de Assentamento ou Assento, mas que poderia ser considerado um Nkisi<sup>[1]</sup> em terras africanas de cultura banto.

Vejam que curioso, ambas as religiões possuem vasos de poder, morada de mortos divinizados, mas que tem estruturas de criação e de cuidados completamente diferentes. Isso também ocorre em outras vertentes de Quimbanda, onde um assentamento de Quimbanda Mussurumim é completamente diferente de um de Quimbanda Nãgô ou Malê, assim como diferem dos assentamentos de Candomblé e de algumas Umbandas.

Quanto as diferenças, tudo bem! Cada cultura religiosa criou mecanismos para comungar e fazer uso do poder dos mortos

[1] O termo Nkisi não só determina uma divindade, mas pode determinar um fetiche, um feitiço ou uma estrutura de poder. Ainda cabem mais definições sobre o termo que não interessam para o presente artigo.

divinizados, desta forma, se existem é porque – pela tradição – se mostraram eficientes, mesmo sendo tão diferentes entre si. O que quero explorar aqui é que não há como você definir que algo está certo ou errado só à partir da sua experiência espiritual e do seu viés pessoal, isso é no mínimo degradante, porém esse tipo de atitude abunda nas mídias sociais, em meio a provocações, difamações e ameaças.

Eu sinceramente gostaria de saber quem definiu alguém como um PAPA legislador de uma religião que não a própria igreja católica. Enfim, quem define que pode ou não pode dentro de uma religião ou prática religiosa tão pessoal quanto a prática de Quimbanda, Umbanda e Candomblé (e sim, vou falar das três mais populares expressões afro-diaspóricas que temos conhecimento, sabendo que existem muitas outras<sup>[2]</sup> espalhadas pelo território brasileiro).

Quero entender quem define se pode ou não pode cultuar santo, se pode ou não sincretizar uma divindade com uma outra figura divina, quem diz se exu pode se associar a demônio ou não, quem define se o meu cântico tá certo ou tá errado, quem define quem pode cultuar determinadas divindades, quem define que tipos de comida podem comer, quem define que tipo de trabalhos podem fazer, quem define como a espiritualidade pode ser, quem define como errado um terreiro antigo que cultua santos e entidades ao mesmo tempo, ou apenas um deles ou nem cultua ninguém a não ser os espíritos de caboclos e pretos-velhos, queria mesmo entender quem “são” esses Papas, pois são muitos que se colocam na posição de determinar o que pode ou não, o que é certo ou errado, esquecendo-se completamente que a manifestação espiritual é individual e que toda religião é derivada de uma outra, sempre tendo adaptações e mudanças de culto necessárias pra ela sobreviver.

[2] Umbanda, Quimbanda, Candomblé Ketu, Candomblé Nãgô, Candomblé Angola, Candomblé Jejê-Nãgô, Candomblé Jejê, Candomblé de Almas, Candomblé de Caboclos, Batuque, Encantaria Amazônica, Encantaria Paraibana, Encantaria Maranhense, Culto a Barba Soeira, Terecô, Xangô de Pernambuco, Tambor de Mina, Cabula, Jurema, Catimbó, só para citar alguns.

Que eu saiba não temos um “Grande Sé” onde a figura de autoridade central define os rumos das práticas e que “forma” essas pessoas dentro de um estreito e rígido padrão de ensinamentos para promulgação da fé como há nos grandes seminários e monastérios. Pelo que sei, não existe um grande ancião centralizador que dita as regras das religiões brasileiras, mas eu estou vendo a cada dia mais e mais pessoas querendo ocupar esses espaços, porém sem qualquer tipo de preparo ou merecimento para tal.

Normalmente fazem por meio do grito, da chacota e da difamação a sua voz ser ouvida, depois envolvem o séquito de seguidores cegos – que encontram ressonância na ignorância da figura central desse culto à burrice – e começam a proferir em uníssono uma voz melancólica e arrogante. Isso acabou se disseminando, ou melhor, infectando como uma verdadeira doença os meios religiosos das mídias e redes sociais. Hoje, você colocar seu pensar e sua forma de culto é motivo certo de escárnio e de um possível “react” geralmente de alguém inflamado ou em busca de divulgação. Isso se dá muito pela natureza dos algoritmos des-

sas redes sociais que prezam por publicações movimentadas, e me diga, o que movimenta mais do que o ódio gratuito? Quanto mais respostas negativas, mais “hate” é gerado e mais o algoritmo entrega para novas pessoas que alimentam esse ciclo eterno de desinformação e ignorância.

Mais uma vez eu ressalto, as práticas de macumba são muito pessoais, apesar de seguirem famílias, tradições e vertentes. Porém, as tradições servem para dar um norte, mas não engessam e determinam completamente aquela prática. Isso dá flexibilidade e margem para a manifestação de novas ideias e novas ferramentas surgem para resolver os problemas, para os quais a macumba é muitas vezes a única solução.

Pessoas que se colocam como grandes intelectuais, devoradores ávidos de livros e teorias, mas que na prática vivem sua vida completamente online sem uma vida “sacerdotal” verdadeira. Esses são alimentados e motivados pelo ódio gratuito e pela máquina de gente ignorante que ouve um discurso minimamente eloquente e já julga essa pessoa um avatar ou messias, promulgador do novo “Æon”.

As macumbas não possuem livros sagrados, legisladores e tampouco sumos-pontífices que determinam as regras. Porém, podem existir personalidades e líderes que promulgam aquele tipo de tradição e que por meio da experiência, da vida dedicada aquela prática, se torna referência entre os seus pares. Entretanto, tenha certeza, que essas figuras não se metem nas estruturas alheias e dizem absurdos como: “Orixá só desce no Candomblé”, “Sua Umbanda é inferior pois você sincretiza com santos”, “Meu Exu é um ser de Luz e serve a Jesus”, etc. Eles entendem que o Orixá é uma reinterpretação brasileira para o Òrìṣà Africano original, que a Umbanda tem uma outra forma de culto e que o sincretismo é evidenciado nesta religião, mas que faz parte de todas, em todas as eras da humanidade; sabe que o Exu é um ser independente que não precisa provar bondade ou ruindade conforme a visão e entendimento social



atual. Em outras palavras, ele se preocupa com seu templo, com sua prática e com seus resultados.

Mas desde que o YouTube, agora os podcasts, TikTok e Instagram, se tornaram o veículo de comunicação da massa, que vemos alguns autopromulgados Profetas dando diretrizes nas vidas de todo mundo. Os discursos teológicos, lógicos, filosóficos e doutrinários dão espaço para a paixão, o eufemismo e toda uma sorte de retórica vazia e distorcida, que encontra morada no coração – e mentes – carentes de uma voz que diga a eles o que eles querem ouvir. Uma carência sem tamanho abunda nos meios religiosos, onde um pai de santo não pode dizer com autoridade sobre algo que deseja de seus pupilos sem despertar a fúria ou a mágoa desse. Um cenário onde a expressão de felicidade após alimentar Exu é vista como uma barbárie. Tem tanta coisa desencontrada nessas histórias.

E não adianta, eu há anos repito isso, vão sempre falar de mim, de alguém ou de você. Estando você certo ou errado, vão falar. Vão falar pois há necessidade disto. A questão é que você deve escolher o que responder, o que ignorar e o que mandar para justiça. São escolhas, mas que cabem dentro de caixinhas compatíveis com suas gravidades.

Mas vamos ser coerentes? Será que é pedir muito?

**Tata Nganga Zelawapanzu**

*Mestre de Quimbanda Nàgô e*

*Quimbanda Mussurumim*

*Dirigente do Templo de Quimbanda*

*Cova de Tiriri*

*Informações e Atendimentos em [www.covadetiriri.com.br](http://www.covadetiriri.com.br)*



# Quem define a quimbanda?



A Quimbanda é uma prática, cultura, culto e religião formatada de acordo com preceitos bem estabelecidos conforme as tradições familiares. A cada forma de trabalho e culto de Quimbanda damos o nome de Família, Linha ou Vertente. Como vertentes tradicionais de Quimbanda encontramos as denominações: Nàgô, Mussurumim e Male. Claramente, encontraremos outras mais, tais como: Angola, Congo, Luciferiana, Xambá, Almas, Caveiras, “Tradicional”<sup>[1]</sup> etc. Entretanto, não podemos dizer que estas façam parte dos troncos tradicionais de

[1] Esse tradicional entre aspas se refere as práticas de Quimbanda afro-gaúchas que são chamadas de tradicionais por seus praticantes, mas que não fazem parte do tronco tradicional clássico de Quimbanda: Nàgô, Mussurumim e Malê.

Quimbanda, sendo muitas vezes readequações destas ou uma visão completamente nova, totalmente oposta em alguns casos.

Partindo deste pressuposto poderíamos entender que o Templo de todos que possuem uma tradição de Quimbanda Nàgô serão iguais, terão os mesmos fundamentos, obrigações, práticas e estruturas. Que ao visitar um templo de Quimbanda Nàgô em São Paulo e no Rio de Janeiro, veremos a mesma estrutura, correto? Pois bem, não é bem assim.

Os termos Quimbanda Nàgô, Quimbanda Mussurumim e Quimbanda Malê são direcionadores de uma tradição, dando os pilares fundamentais da prática, os méto-

dos da feitura dos assentamentos, o propósito e a estrutura das magias e feitiços, a estrutura da prática iniciática e outros fundamentos. Também determina o método oracular – se existir – dentro dessa prática, sua cosmovisão e seus direcionamentos mais básicos. Desta forma, as obrigações de iniciação, de facas e as feituuras de assentamento são realmente iguais em todas as casas, ou pelo menos muito similares, entretanto todo o restante pode ser diferente. Isso se dá pelo que chamamos de Governo, Governança ou Reinado.

Quando se inicia dentro de uma Quimbanda do ramo tradicional, e aqui vou falar nas que sou mais familiarizado: Nàgô e Mussurumim, você seguirá estritamente o que foi determinado pelo seu iniciador e pelas regras da casa de fundamentação em que foi iniciado. Entretanto, quando você atingir sua maestria, tanto o novo mestre quanto seu Exu (o verdadeiro Tata) recebem o seu Governo, Governança ou Reinado. A partir da maestria, apesar do novo mestre ainda ter relações de respeito pela ancestralidade a seu aprontador, ele tem total liberdade dentro do seu culto e aqui, neste momento, muito pode mudar.

Desta forma, o que entendemos por “Tradição” de Quimbanda é um conjunto de regras e práticas que funcionaram para um agrupamento e que servem de massa base, de pedra fundamental na construção do novo templo a ser erguido junto ao novo mestre e seu Exu Tutelar, o Tata do Templo. A partir deste ponto, podemos receber novos fundamentos, que servem só a estrutura daquele templo e à prática daqueles adeptos.

Eu percebo analisando as conversas que tenho com o Tiriri e a sua postura que o conjunto de “tradição” da Quimbanda Nàgô é muito variado conforme o templo em que ele está inserido. A Quimbanda Nàgô como uma das mais antigas práticas de Quimbanda perdeu muito da sua “estrutura” original, em alguns casos sendo praticada por pessoas que sequer sabem que estão fazendo Quimbanda Nàgô. Com esse cenário podemos pensar que isso é um absurdo, mas pense, isso é ótimo! Isso demonstra a multiplicidade de entendimentos que os Exus que assumem as funções de chefes de Quimbanda possuem e não se engessa uma tradição, permitindo que ela se torne grandiosamente versátil.



Claro que o conjunto de práticas tradicionais nos ajuda a evitar sandices que ocorrem pela glamourização e pelo deslumbramento que alguns praticantes acabam adquirindo. Mas, quem realmente define como se faz a Quimbanda em uma casa é o Exu-Chefe, o Tata do Templo. Ao se tornar Tata, ninguém pode dizer se ele está errado em suas posturas, afinal é o jeito que esse Exu decidiu que seria a sua prática de feitiçaria.

Seu Exu Tiriri sempre me diz que para os profanos a estruturação tem que ser basilar, simplificada, pois o segredo de casa templo é o que promove a força da Quimbanda. Desta forma, ao ser questionado publicamente, um adepto de Quimbanda Nâgô sempre irá se definir como um praticante desta vertente, mas não entrará em pormenores. Entretanto, os Exus não estão limitados a um conjunto de regras, podendo adaptar, flexibilizar, incluir e até misturar conceitos e estruturas, o que ocorre geralmente quando um mesmo templo tem mais de uma influência de Quimbanda, entretanto ele nunca irá criar uma situação de contradição ou de devaneio nessas estruturas.

O que é preciso saber é que cada casa tem seu *modus operandi*, tem suas regras e suas leis. Pode ser que uma estrutura de feitiço no Templo de Quimbanda Maioral Pantera Negra e Pombagira Dama da Noite, seja completamente diferente de uma estrutura de um feitiço para propósito similar no Templo de Quimbanda Cova de Tiriri. E ainda assim, ambas as casas são praticantes e estruturadas dentro da Quimbanda Nâgô e da Quimbanda Mussurumiml.

Elaborando esse pensamento o que notamos é que existem muitas “quimbandas” que nem sabem como se definir, podendo até mesmo ser muitas “Quimbandas Nâgôs”, todavia elas estarão atreladas a bases próximas da sua fundamentação, deixando a cargo do Exu chefe da casa a sua particularidade de condução dos trabalhos. Se terá atendimento público ou não, se farão rituais ou não, se terão atendimentos individuais incorporados ou se o atendimento



será por via exclusiva oracular, a quantidade de facas, as suas especialidades, a forma de entregar os fundamentos, seus cânticos, sua estrutura de templo etc.

Mas, todas terão a mesma forma básica de fundamentar um assentamento, de iniciar um novo adepto, de galgar a escala dentro do progresso hierárquico e de função. Infelizmente, poucas pessoas têm a capacidade de abstrair certos conceitos e entender que os templos são diferentes, apesar de possuírem raízes similares, mas mesmo uma semente que gera uma nova árvore, terá galhos e crescerá de forma distinta da árvore que lhe deu origem, sem perde-se em sua essência.

**Tata Nganga Zelawapanzu**

*Mestre de Quimbanda Nâgô e*

*Quimbanda Mussurumim*

*Dirigente do Templo de Quimbanda*

*Cova de Tiriri*

*Informações e Atendimentos em [www.](http://www.covadetiriri.com.br)*

*[covadetiriri.com.br](http://covadetiriri.com.br)*

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela  
Feitiçaria Tradicional Brasileira

**Falando de Quimbanda Nàgô:  
No. 2 – Quimbanda como  
Sistema Religioso**



Existe uma discussão sobre a distinção entre Quimbanda como sistema religioso e Quimbanda como prática mágica, e dessa discussão nascem dúvidas recorrentes que vez ou outra suscitam debates. A oposição entre a ideia de religião e a prática da magia é moderna, muito embora tenha suas raízes na Antiguidade. Em culturas religiosas arcaicas como as dos egípcios, dos caldeus ou dos africanos, não há qualquer distinção entre religião e magia. Marvin W. Meyer em seu livro *ANCIENT CHRISTIAN MAGIC: COPTIC TEXTS OF RITUAL POWER*, propõe que a palavra ritual seja uma alternativa utilizada como uma síntese das concepções mágicas e religiosas. Ele diz:

Um termo mais útil e menos carregado de valor do que *magia* ou *religião*, que estudioso após outro está começando a propor é *ritual*. Nós, seres humanos, em nossas práticas de adoração, fazemos rituais em todos os lugares, em todas as partes do mundo e em todos os tipos de sociedades. Os textos deste volume, embora variem de vingança hostil a aprimoramento pessoal, de ascensão transcendente a divinação, têm um fator comum: são textos rituais. Eles orientam o operante a se envolver em atividades que são diferentes da atividade secular, ajustando o comportamento através de regras, repetições e outras formalidades. Instruções rituais percorrem esses textos. Fique aqui, segure um seixo, amarre sete fios em sete nós, diga os nomes sete vezes, desenhe a figura no fundo do copo, escreva o feitiço com o dedo de uma múmia, escreva-o com sangue de morcego, com sangue menstrual, em papiro, no dia, em chumbo, em lata, em um osso de costela, em um pergaminho em forma de espada, dobre-o, queime-o, amarre-o ao seu braço, seu polegar, coloque um prego nele, enterre-o com uma múmia, enterre-o sob a porta de alguém, misture esta receita e beba, ou simplesmente *faça o de sempre*.<sup>[1]</sup>

A ideia é que seja lá o que a palavra *ritual* possa implicar nos termos da religião ou da magia,<sup>[2]</sup> trata-se sempre da manipulação de um tipo de *força* ou *poder espiritual*. E a Quimbanda se trata disso!

Naomi Janowitz em seu livro *ICONS OF POWER: RITUAL PRACTICES IN LATE ANTI-*



*QUITY* vai nessa mesma direção quando examina os rituais praticados por magos e sacerdotes na Antiguidade. Ela diz: *Todos os rituais dependiam de uma aliança com poderes sobre-humanos. Uma vez manifestado na terra, o poder divino poderia ser usado para tudo, desde liquidar uma conta antiga até mudar a própria natureza da existência terrena*.<sup>[3]</sup> Em outras palavras, taumaturgia, o efeito milagroso da magia. Quando nós dizemos que o objetivo da Quimbanda (no contexto da vida de seus iniciados) é o aperfeiçoamento da arte de fazer magia, é exatamente sobre isso que falamos: a aptidão que se requer para manipular e dar direção ao poder.

A concisa introdução e a coleção de textos coptas selecionados por Marvin W. Meyer em seu livro é interessante para nós da Quimbanda: quando me debrucei sobre o tema da magia cipriânica no segundo volume do *DAEMONIUM*, citei que a magia copta do Egito se desenvolveu na mesma região e no mesmo período do mito de São Cipriano, mago e feitiçeiro, daí muitas semelhan-

[1] Marvin W. Meyer. *ANCIENT CHRISTIAN MAGIC: COPTIC TEXTS OF RITUAL POWER*. Princeton University Press, 1999, pp. 4.

[2] Um panorama abrangente das especulações acadêmicas mais conhecidas sobre magia, veja Derek Collins. *MAGIA NO MUNDO GREGO ANTIGO*. Madras, 2009, pp. 17-50.

[3] Naomi Janowitz. *ICONS OF POWER: RITUAL PRACTICES IN LATE ANTIQUITY*. PENN State Press, 2002, pp. xi.

ças entre a magia cipriânica, a magia copta egípcia e a magia da Quimbanda, que muito herdou da magia cipriânica no *primeiro momento* do culto no Brasil. Neste livro de Meyer isso pode ser averiguado profundamente. No contexto ainda da distinção entre religião e magia, o autor diz:

[No livro] temos misticismo transcendente, bem como uivos ctônicos, mas separá-los às vezes é difícil; quanto mais de perto esses textos são realmente lidos, mais difícil de manter qualquer distinção entre piedade [i.e. misticismo] e feitiçaria. Os próprios textos, como apontamos nas notas, raramente usam a palavra *mageia*, ou outras palavras gregas e coptas que traduzimos como *magia* e *feitiçaria*. Os textos são frequentemente invocações dos poderes [sobre-humanos] para proteger o indivíduo da magia, da feitiçaria e contra o mau-olhado. Os usuários, portanto, não se consideravam praticantes de *magia*, que consideravam ser um termo negativo. Os termos de descrição positiva que eles usam, *phylakterion* e *apologia*, i.e. *amuleto* e *feitiço*, significam tecnicamente apenas proteção e defesa. Como os rituais são um meio de lutar contra o ataque mágico, *magia* não parece uma descrição adequada.<sup>[4]</sup>

Essa passagem no contexto de nossa discussão, se a Quimbanda é magia ou religião, é interessante porque encontramos na sociedade moderna contemporânea os reflexos dicotômicos que já existiam na Antiguidade.<sup>[5]</sup> Como citei no primeiro volume do DAEMONIUM, não existiu qualquer momento na história do Ocidente em que magos e feiticeiros fossem bem-vistos pela sociedade. Assim como o *goês* (feiticeiro) grego era considerado um indivíduo manganeumata das sombras na Grécia já no período da *pólis*, quando do declínio da Religião Antiga como postula Fustel de Coulanges (1830-1889)<sup>[6]</sup> ou Religião Natural como nos fala

[4] Marvin W. Meyer. ANCIENT CHRISTIAN MAGIC: COPTIC TEXTS OF RITUAL POWER. Princeton University Press, 1999, pp. 2.

[5] O Mediterrâneo na Antiguidade tardia foi o palco de uma acirrada disputa por poder e autoridade ritual. Disso cristalizou-se a ideia de feitiçaria (*goêteia*) como oposta ao trabalho dos deuses (*theourgia*) e diferente do trabalho sacerdotal persa (*mageia*). Além das guerrilhas por território entre judeus, gnósticos e cristãos. Veja Fernando Liguori. DAEMONIUM Vol. 1. Clube de Autores, 2019. Veja também Heidi Marx Wolf. SPIRITUAL TAXONOMIES AND RITUAL AUTHORITY: PLATONISTS, PRIESTS AND GNOSTICS IN THE THIRD CENTURY C.E. PENN, 2016.

[6] Fustel de Coulanges. A CIDADE ANTIGA. Martin Claret, 2009.

Jake Stratton-Kent (1956-2023),<sup>[7]</sup> de igual modo o feiticeiro da Quimbanda é considerado um sujeito execrável de práticas sombrias antinomianas, demoníacas e baixas; ele é adorador do Diabo e, portanto, um bruxo, pária social. É aqui que o *Kimbanda* é acusado de ser apenas um feiticeiro, não um religioso.

Na sociedade brasileira a Quimbanda dificilmente será considerada uma religião. No livro GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, eu demonstrei que a Quimbanda tornou-se guardiã da sabedoria mágico-crioula da África, sendo esta rejeitada pela Umbanda branca em sua busca por validação social como genuína religião brasileira. A Quimbanda ficaria, naquele período, relegada as sombras, praticada as escondidas. No entanto, às escuras e paulatinamente, a Quimbanda como culto de feitiçaria e magia desenvolveu um intrincado sistema religioso.

Como um *sistema religioso*, a Quimbanda se enquadra dentro das concepções moderna e arcaica da religião. Sobre as concepções modernas, autores como Mircea Eliade (1907-1986)<sup>[8]</sup> e Claude Lévi-Strauss (1908-2009)<sup>[9]</sup> concordam que a religião é formada a partir de *regras* e que sua estruturação sistemática deve conter elementos essenciais como cosmogonia, antropogonia, cosmologia, teologia, ontologia, soteriologia e escatologia. Desde o início do segundo mo-

[7] Jake Stratton-Kent. Geosofia. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2023. Nessa obra Kent faz distinção entre a *Religião Natural* (ctônica) e a *Religião Revelada* (celestial). Nos últimos dois mil anos, nossa civilização viveu com as suposições inerentes à *Religião Revelada*. As civilizações da Grécia Clássica, e todas as outras civilizações do Mundo Antigo, foram construídas ou sobrepostas a uma tradição de milhares de anos do que é conhecida como *Religião Natural*. Enquanto a *Religião Revelada* é entregue do alto por uma revelação – frequentemente representada por um Livro – a *Religião Natural* é construída de baixo, a partir das raízes ancestrais de um povo ou cultura, sendo o resultado da observação e interação com a Natureza, incluindo forças sobrenaturais ou numinosas. A *Religião Natural*, que compartilha profundas semelhanças com a Quimbanda, é orientada pela visão encantada de Mundo, àquela postulada e defendida por Antonie Faivre (1934-2021) na obra MODERN ESOTERIC SPIRITUALITY (Crossroad, 1992, pp. xv-xx). Tei um esboço sobre os teoremas de Faivre no texto A Quimbanda & o Ocultismo Moderno.

[8] Mircea Eliade. DICIONÁRIO DAS RELIGIÕES. Martins Fontes, 2019.

[9] Claude Lévi-Strauss. Antropologia Estrutural. Ubu Editora, 2018.



mento da Quimbanda no Brasil,<sup>[10]</sup> a partir de 1950 e a síntese promulgada por Alúzio Fontemelle (1913-1952), a Quimbanda desenvolveu todos esses elementos no seu sistema. Então sob a perspectiva moderna da religião, a Quimbanda se trata de um sistema religioso sim. Nas minhas duas obras, o segundo volume do DAEMONIUM e GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, abordo inúmeros aspectos cosmológicos, cosmogônicos, antropogônicos, escatológicos, teológicos, ontológicos e soteriológicos da Quimbanda.

Na perspectiva da Religião Antiga como propõe Fustel de Coulanges ou da Religião Natural como propõe Jake Stratton-Kent, a Quimbanda se trata de uma *religião ctônica*, conectada a fórmula mágica universal do espírito tutelar, i.e a veneração dos espíritos dos mortos como deuses ctônicos deificados e, a partir deste processo, a catábese<sup>[11]</sup> da alma; na Grécia estes eram os *manes*, reverenciados em um culto ancestral

[10] Sobre o segundo momento da Quimbanda no Brasil veja Fernando Liguori. DAEMONIUM (Vol. 2). Clube de Autores, 2019.

[11] Descida ou jornada no mundo dos mortos, o Submundo (ou inferno) e o processo ctônico de deificação da alma por meio da anábase (ascensão).

e familiar. É neste sentido que a *Quimbanda é goécia brasileira*.<sup>[12]</sup> Como demonstra Sarah Iles Johnston,<sup>[13]</sup> a goécia era a prática necromântica tradicional dos feiticeiros gregos já no tempo das *pólis*, cujos rituais convocavam os mortos sem descanso,<sup>[14]</sup> capazes de sair do cativeiro do Submundo e interferir na vida dos homens.

Originalmente, muito tempo antes da *interpretatio christiana*<sup>[15]</sup> no período da Antiguidade tardia, onde goécia foi atribuída a convocação de demônios e disso derivou toda recessão salomônica posterior, goécia se tratava da prática de feitiçaria para convocação dos mortos sem descanso, que podiam agir na vida e dia-a-dia das pessoas.<sup>[16]</sup> Antes disso, a religião ou o culto mais antigo entre os gregos foi a reverência familiar aos mortos deificados. Quando esse culto, a Religião Antiga, passou a ser recha-

[12] Veja o artigo *Quimbanda é Goécia Brasileira*.

[13] Sarah Iles Johnston. RESTLESS DEAD: ENCOUNTERS BETWEEN THE LIVING AND THE DEAD IN ANCIENT GREECE. University of California Press, 1999.

[14] Ibidem.

[15] Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020, pp. 56.

[16] Ibidem, pp. 22.



çada e condenada pela religião dos deuses olímpicos, aristocracia e Estado grego, é que nasce o *goês* e sua arte, a goécia.<sup>[17]</sup> Na Grécia já no período da *pólis*, todo tipo de culto religioso não sancionado pelo Estado era chamado de goécia.<sup>[18]</sup>

No FÉDON<sup>[19]</sup> Platão diz que o Submundo é onde a verdade se revela, onde os deuses habitam. Em Platão a alma transcendente vai para o Submundo, um processo órfico de catábese no mundo dos mortos. Isso está em sincronia com a cosmogonia, cosmologia e antropogonia da cultura banto, que provê o pano de fundo cosmológico da Quimbanda, onde toda essa jornada ao Submundo ocorre como demonstrado nos ciclos da *dikenga*.<sup>[20]</sup> Fu-Kiau diz:

Depois de cruzar a linha de *kalunga*, o portal em direção a *ku mpemba* (o mundo infe-

[17] Veja o artigo *Quimbanda é Goécia Brasileira*.

[18] No segundo volume do DAEMONIUM e no GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, bem como na *Revista Nganga*, eu disserto sobre a goécia grega.

[19] Platão. FÉDON. Ed. Ufpa, 2011.

[20] A *dikenga* é uma representação gráfica do sistema antropogônico, cosmológico e cosmogônico dos bantos.

rior), o morto, isto é, o corpo transformado, também cresce de modo a alcançar a posição de *musoni* e tornar-se um verdadeiro conhecedor do que está marcado na mente e no corpo.

A posição de *musoni* é associada à noção de *ndoki*, o conhecedor dos princípios e sistemas humanos, *n'kîngu ye bimpa*, dos níveis mais elevados – *kindoki* ou ciência do mais elevado conhecimento. A manipulação desses *n'kîngu ye bimpa* – princípios e sistemas – permitiu, dizem os Congo, ajudar o *ndoki* a se tornar uma pessoa alada [i.e. deificada], alguém que voa.

*Musoni* representa a cor amarela, a qual se acredita ser associada ao conhecimento. Em uma cerimônia iniciática que conduz às coisas mais profundas, um iniciador, *ngânga*, começará o seu rito dizendo: *Ntete mpemba mbo' musoni kalânda*. Na cerimônia da passagem descendente, primeiro vem *luvemba*, depois, *musoni* – o amarelo -, o que lembra o *ngânga* de que as coisas devem ser feitas em sua ordem natural. Não se vai além, nesse mundo inferior, *ku mpemba*, sem se passar por *luvemba*, a barreira da morte, o portal para ela.<sup>[21]</sup>

A deificação da alma na Quimbanda, a catábese do *kimbanda*, começa no momento do rito de iniciação e é coroada no seu rito de passagem funeral. Como disse no início, ao homem do Mundo Antigo não fazia sentido algum separar a magia da religião; e mesmo quando houve algum tipo de separação, não se tratou de uma negação da magia por si mesma em detrimento da religião, mas do repúdio a magia não sancionada pelo Estado e aristocracia grega. Em nossa sociedade brasileira repetimos esse padrão: assim como a goécia era uma prática religiosa marginalizada na *pólis* grega. De igual modo a Quimbanda sempre estará à margem da ideia de *religião popular* no Brasil.

A Quimbanda é um culto mágico-religioso brasileiro. É magia e é religião!

## Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela

Cova de Cipriano Feiticeiro  
Templo de Quimbanda Maioral Exu Pantera  
Negra e Pombagira Dama da Noite

[21] Fu-Kiau, Ph.D. AFRICAN COSMOLOGY OF THE BANTU-KONGO: PRINCIPLES OF LIFE & LIVING. African Tree Pree, 2001, pp. 33-4.

# Idealizadores



**PAPÓ NA  
ENCRUZA**



